**A REPÚBLICA DO CORTIÇO**

**EUGÊNIO BORGES**

**CAPÍTULO I**

**O ÊXODO DAS ALMAS PRODUTIVAS**

O intenso sol imperava naquele céu isento de nuvens há mais de um ano. Carcaças de gado bovino ressecavam ao sol empestando o ar com um cheiro nauseabundo, atraindo as moscas varejeiras e os urubus. O rebanho caprino era o mais resistente, conseguindo sobreviver onde os outros animais morriam. Aqueles animais comiam tudo que fosse passível de ser comido, incluindo os espinhosos mandacarus. Mas os abortos entre eles começaram a ser frequentes e o leite diminuiu drasticamente. Já se pensava duas vezes antes de se abater um cabrito, o medo da miséria total ensombrava aqueles horizontes.

Um voltear de ventos vermelhos de fino pó faziam depositar nas árvores de folhas perenes um matizado de verde, ocre e marrom. Nunca se vira os abutres tão gordos e satisfeitos. Nunca se vira o povo com tantos olhares vazios a vaguearem naquela parte do sertão cearense. Velhos emagrecidos arrastavam seus pés, parando de sombra em sombra, abrindo gestos vazios e esgares de fome. Os que teimaram plantar o milho colheram a desesperança. Os casebres de adobe aqueciam tanto debaixo daquele inclemente sol, que ninguém conseguia ficar dentro de casa durante o dia. O rio que cortava o lugar estava completamente seco. No seu leito faziam-se poços tentando atingir algum veio de água. Os poucos buracos que tiveram sucesso, secavam em poucos dias. O que valia àquela população eram dois caminhões pipa que vinham todas as manhãs e distribuía 40 litros de água por casa, não mais, o que dava só para cozinharem, beberem e se sobrasse se lavarem. Juntavam os restos de água para conseguirem tomar banho uma vez por semana. Havia tristeza a sobejar nos olhos e mentes vazias de pensares. Quando o sol se escondia por detrás da colina e acendiam-se os lampiões de querosene, era hora de se fazer o baião de dois, que era feijão cozido junto com arroz. De vez em quando aparecia um pedaço de carne de sol para alegrar os corações.

As forças produtivas tiravam dali os seus corpos para longe. Tentar a sorte onde houvesse emprego.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

Lamento Nordestino

“Fez o carreiro, plantou o seu milho, esperou a chuva. Fez promessas, queimou velas. Abandonou-se em desesperanças e fome. Jogou ao chão suas vontades. Desistiu repleto de ódio e fome. Abandonados à sua sorte, o povo disse um uníssono não ao desgoverno e ao descaso. Trôpegos em faltas de respostas, o povo iniciou o seu êxodo. Vociferando gritos inaudíveis, abandonam a sua gênese. Entregam sua sorte em caminhos desconhecidos, destituídos de vontades”.

AUTOR DESCONHECIDO.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

O sacolejar constante e monocórdico daquele velho ônibus, na estrada sem asfalto e esburacada, fazia com que quase todos os passageiros dormitassem embalados em cansaço e esperanças que motivaram aquela viagem. Fosse a alguns anos atrás e só haveria o pau de arara para viajar. No entanto a seca aumentou naquele deserto de caatinga nos confins do Ceará. Isso fez aumentar o êxodo para S. Paulo e com isso surgiram esses velhos ônibus, sem muito conforto, mas melhores que o pau de arara. Na maioria das vezes é o progresso que traz conforto. Neste caso era a fome literal que habitava aqueles corpos emagrecidos e cansados de tanta miséria e a necessidade de migrar que trouxeram os “aviões do Nordeste”, apelido caricato dado pela população local àqueles velhos ônibus.

Jussara vinha com seu filho Josué, de dois anos, com um endereço na mala dado por uma vizinha, a Marlene, que também tinha o marido em S. Paulo, o Josimar trabalhando como pedreiro nas obras. Ele tinha visto o Marcos, marido da Jussara, assistindo um jogo de futebol local e o havia seguido e descoberto o seu endereço. Ele já estava há dois anos em S. Paulo e nunca tinha dado notícias para a família. Jussara quando soube, não hesitou, juntou um dinheirinho e escafedeu-se para a capital promissora. Não sabia o que encontraria naquele endereço, mas iria descobrir, não suportava mais tanto desprezo. Só sabia que abandonava o nada, indo à procura de alguma coisa. Houvesse emprego e ela estaria bem, sabia fazer limpezas como ninguém e toda gente gabava a sua culinária.

Jussara não conseguiu pregar o olho durante toda a viagem, só via quilômetros sendo percorridos e a estrada a correr em curvas e buracos. Começara uma grossa chuva aplacando aquela poeira fina que fazia com que alguns passageiros amarrassem um lenço na cara.

Grossas lágrimas jorraram por seus olhos, fazendo companhia à chuva. Só incertezas em seu horizonte futuro, mas deixou para trás a miséria e a solidão. Era a sua única certeza. Só o passado não se transmuta, é digeri-lo e pronto. Jussara só se preocupa com o presente, ninguém vive no passado ou no futuro, ambos inexistem. A sua procura em S. Paulo era pura e simplesmente para esclarecer o comportamento do pai do seu filho, já nem conseguia imaginá-lo como seu marido. Não era cobrança, só precisava entender aquela pessoa que saiu do Ceará com promessa nas palavras e lágrimas nos olhos de antecipação de saudades vindouras. O que havia se passado com ele? Precisava de respostas, precisava limpar o seu caminho, não queria tropeçar em obstáculos invisíveis, queria esclarecer dúvidas. Precisava também sobreviver, criar seu Josué e tentar ser feliz.

Marlene também viajava neste ônibus para S. Paulo, e prometeu guarida para a Jussara até que ela resolvesse a sua vida. Amiga de infância, elas sempre trocaram confidências, seus maridos partiram na mesma época sem, porém, nunca se encontrarem até o dia do tal jogo de futebol. Josimar, disse que tinha visto o Marcos, marido da Jussara, sem que ele o visse. Ele aproveitou-se disso para segui-lo até a sua casa, conseguindo assim seu endereço. Sabia do sofrimento da Jussara pelas inúmeras cartas que trocava com a sua mulher. Quis com essa inconfidência amenizar aquela pobre alma, que já achava que o seu marido, havia sido assassinado pela violência de S. Paulo.

Josimar agora resolvera trabalhar sem patrão, pois naquela periferia de S. Paulo, todos os dias brotavam construções anárquicas e sem licenciamento. Sua mão de obra era boa e mais barata que a dos pedreiros já instalados há muito tempo no lugar. Josimar tirava partido disso e tinha bastante trabalho para fazer. Conseguia assim ganhar quatro vezes mais que como assalariado. Com isso já tinha feito uma casinha para alojar sua família. Ainda precisava de reboco nas paredes e assentar o chão. Mas prometera à sua mulher que em breve sua casa estaria pronta. Marlene vinha também motivada em conseguir consulta para tratar da esterilidade, pois nunca conseguira engravidar, e naquela grande capital com certeza que iria conseguir tratamento pelo INPS.

Jussara jogou todas as suas esperanças naquela viagem. Adquirira o hábito de dialogar dentro da sua cabeça, um mudo diálogo de ouvidos atentos, numa dissociação absurda, mas que trazia muitas respostas às suas interrogações. Em discussões fervorosas, por vezes amuava e deixava de falar consigo própria durante algum tempo, até que era interpelada com insistência pelo seu outro eu e as pazes se faziam. Esses consensos dentro da sua cabeça, tinham por mérito trazer o seu equilíbrio interno. Assim como quem assenta ideias dentro das suas circunvoluções cerebrais, arrumando-as cada qual no seu devido lugar conforme a sua importância. Por vezes esse seu outro eu, habitava corpos diferentes só para dialogar com ela de uma maneira fisicamente distante. Nunca contou nada disso a ninguém, tinha medo de ser considerada maluca. Essas suas introspecções eram cada vez mais frequentes, isolando-se do convívio com as outras pessoas, porque elas pouco lhe diziam e nada acrescentavam à sua vida. Sentia-se bem assim, pronto.

Foi quando entraram em S. Paulo, é que sentiu um enorme cansaço e sono e chegou a cochilar um pouco até chegarem ao destino.

A enorme rodoviária de S. Paulo era assustadoramente grande e ocupava todo o discernimento da sua cabeça. Muita gente apressada, muito barulho, muita luz, muito brilho, parecia esbanjar riqueza.

Josimar estava esperando e foi com uma pontinha de inveja que Jussara viu os seus corpos se enlaçarem com amor.

Ainda tinham um bom caminho a percorrer, primeiro de metrô e depois de ônibus até chegarem em casa.

Josimar mora em uma das 1538 favelas existentes em S. Paulo.

Desde 1940 o processo de favelização acelerou-se pelo enorme fluxo de migrantes principalmente do Nordeste no período da seca. Somados a esses números, estão os cortiços e outras residências irregulares. Mais da metade dos paulistanos vivem em habitações classificadas como sub moradias.

Josimar tinha acabado de pôr o piso em casa para receber a mulher. Jussara pendurou a rede na sala completamente desprovida de móveis. No quarto do casal só havia uma cama e mais nada. O banheiro tinha o vaso sanitário, um lavatório e o chuveiro de água fria. Na cozinha havia uma pia, uma geladeira e um fogão. Muita coisa ainda precisava ser feita, mas a casa já estava habitável.

Jussara sentiu insegurança naquele ambiente de pessoas extremamente pobres e muitas implicadas no tráfico de drogas. Lembrou-se do Ceará e traçou uma comparação entre aqueles dois mundos e concluiu que na sua terra tudo era mais bonito. Menos a fome literal que corroía os estômagos e entristecia os olhos. Aconchegou-se ao Josué e pensou que iria fazer o possível para conseguir um emprego de doméstica para dormir no emprego que aceitasse que o seu filho morasse com ela. Tinha resolvido que seria a primeira coisa que iria fazer. Procurar o marido já era numa tarefa secundária.

Dormiu como uma pedra assim que se deitou na sua rede. A realidade ficou fora da porta com seu manto obscuro e imprevisível. Sorriu assim que pegou no sono e o seu semblante mostrava uma paz tão grande que contagiaria quem a visse.

**CAPÍTULO II**

**VIDA TRANSMUTADA**

Aquele dezembro chuvoso e ventoso arrastava memórias que se deslocavam livres num despropósito atemporal, como sobrancelhas do tempo, erráticas e por vezes sem conteúdo palpável. A proximidade do Natal apressava os passos das pessoas que percorriam lojas e mais lojas buscando o presente ideal que coubesse nos seus orçamentos. Algumas escorregavam aqui e ali e extrapolavam os seus saldos, indo engrossar a lista de inadimplentes daquele capitalismo selvagem, que oferecia produtos desnecessários com ofertas de “marketing” sofisticadas. Sobravam os pedidos de emprego temporário nesta época festiva e eram aproveitados por aquela franja da população que nunca conseguia emprego estável, assim “lúpem” que ainda não havia ido para as enormes lixeiras catar o lixo. Saltitavam de um emprego para o outro, colhendo essas ofertas de trabalho, oferecidas como migalhas ao povo marginal. Mostravam sempre olhares vazios e famintos, que eram evitados pelas pessoas bem instaladas na vida.

Teresa é jornalista em um jornal de grande tiragem em S. Paulo. Vinda do interior de Santa Catarina deixando para trás a sua vida passada carregada de infortúnios e de desemprego. Apertou mais uma vez a carta que Matilde, uma amiga e confidente lhe entregara em mãos:

- Teresa, encontrei o João, que assim que me viu, abraçou-me chorando como uma criança, naqueles abraços tão fortes que parecem nos engolir. Desculpa amiga, mas chorei com ele, solidária com tamanho desespero. Ele estava com um olhar tão perdido, suas frases eram tão sofridas, que até me senti culpada em não fazer uma deslealdade em não dizer nada sobre você, tal como você me havia pedido. Mas não consegui deixar de prometer a ele, que entregaria essa carta a você. Desculpe por estar toda amassada, ando com ela há bastante tempo e só agora tive coragem de entregar.

Teresa achou que devia ler a carta junto com a Matilde, seria mais um laço a unir aquela amizade. E com voz um pouco embargada, começou:

“Teresa

Estava à espera de tudo, menos deste desenrolar abrupto, inesperado e insólito. Em catadupa os fatos sucederam-se, sem que eu pudesse prever ou interromper seu fluxo.

Em questão de horas, você recebeu uma resposta de emprego como jornalista em um jornal da cidade de S. Paulo, aceitou e partiu no voo noturno, para já amanhecer na cidade, apresentando-se ao trabalho.

Você esperou que a promessa deste emprego se concretizasse durante dois meses, bem sei e assim que recebeu a resposta, parece que ficou inebriada de contentamento, não pesando nem medindo as consequências que essa separação pudesse trazer às nossas vidas.

Você atropelou a si própria, sua vida adquirida, sonhou o futuro possível, realizável, doce desconhecido e mergulhou com força em realidades impalpáveis e inodoras, mas com cores conhecidas, cada uma em seu lugar, e você conhecendo o seu lugar. Este não era com certeza ao meu lado, lugar ocioso, obsoleto e bolorento. Eu já não fazia então parte do seu novo mundo. Não surgiu de seus lábios, sequer um esboço de convite de,

– Venha comigo, saia deste marasmo, venha se atrever a viver,

ou assim,

- em Sampa há chances deste tamanho,

ou talvez,

- até para a sua incompetência profissional haverá saídas assim, ooooh (e fazia o gesto com seus dedos magros, fazendo balançar sua aliança, como um bambolê (lembra como eram?)),

Apenas saiu da minha vida, sem deixar rastros, só seu inconfundível cheiro ficou entranhado em minha carne e em cada pelo do meu corpo e me acompanham neste meu caminhar a esmo neste de fim de tarde frio e úmido, neste inóspito lugar.

Até o número de telefone ou endereço você se esqueceu de me dar, com certeza de propósito para que eu não pudesse localizá-la facilmente, importuná-la com possíveis,

- volta que não consigo viver sem você,

ou talvez,

- olha que acabo de vez com a minha existência,

e você, simulando pena, compaixão,

- não fique chateado, você logo logo, arranja outra melhor que eu,

ou assim,

- a Magali é apaixonada por você,

e outras baboseiras do tipo. Ainda bem que esses diálogos horrorosos só existiram na minha mente conturbada, apodrecida de dar tantas voltas no mesmo lugar e no mesmo assunto, fazendo covas nas circunvoluções cerebrais, marcando o caminho de volta, não em círculos, que seria muito chato, como minha vida é, mas em traçados formando figuras geométricas assimétricas e eu consegui decorar num ápice, só para não gastar tempo descobrindo o caminho de volta, pois dizem que é na volta que está o reencontro, mas mesmo depois de percorrer o mesmo caminho, vezes incontáveis, não reencontro nada, ninguém, nem a mim próprio, perdido que estou de ser tão só, com tanta pena da minha vida e no que me tornei , que dá pena a quem me vê, pena é que ninguém me vê, nem eu queria ser visto, neste meu caminhar errático constante,

que se paro,

ai, se paro,

morro, Teresa,

e vai sentir pena das penas que penei por você.

João”

Teresa chorou abraçada à amiga, como quem enterra um passado já morto e sem volta.

- Vem comigo Matilde, vamos enterrar esse caso no restaurante francês, com entrada de “scargot” regado ao vinho branco e uma salada do chefe. Eu pago.

E lá foram as amigas, pisando no passado, para que ele se lembrasse que já não existe, que lembranças amargas só servem para magoar as vidas viventes, que só o presente conta neste mundo novo que se abre a cada dia.

**Capítulo III**

**Desemprego**

Deteve nos dentes

a raiva incontida,

conteve a lágrima emergente.

Num esgar, crispou seu semblante,

abriu sua boca num uníssono não.

Nos punhos cerrados,

a certeza de nunca mais

deixar que a aviltassem.

No seu andar,

arrastou a fome que a corroía.

Depois trôpega de cansaço,

projetou esperanças vãs.

Engoliu, a contragosto,

toda a selvageria capitalista.

Recostou-se na parede do silêncio,

dormindo o sono dos injustiçados.

**Capítulo IV**

**Lembranças de casa**

Matilde, dentro dos seus 40 anos, havia acumulado uma experiência de vida invejável aos mais velhos. Ponderava sobre todas as coisas e acontecimentos. Não conseguia viver uma vida desregrada, assim livre de consequências que sempre existem para dar cor aos nossos comportamentos. Vivia na zona sul do Rio e já tinha conseguido um bom currículo jornalístico, o bastante para sentir o assédio de outros jornais. Mas ela sempre com o seu hábito de ponderar tudo, havia perdido boas oportunidades profissionais.

A aura do carnaval, soprava naquele fim de ano, numa cidade em que os cidadãos vivem o carnaval durante o ano todo.

A combinação de se fazer a fantasia, já vinha de novembro, tempo suficiente para que tudo estivesse pronto para o carnaval.

As irmãs Matilde e Clotilde, resolveram se inspirar em motivos antigos, uma fantasia bem elaborada, mas sem requintes de luxo, que isso é cafona. Ao mesmo tempo tinha que ser leve para se aguentar o calor do verão. Mas não queriam nada que fosse sexy ou ousado. O objetivo era beleza, suavidade e poesia.

Resolveram que iriam brincar no “Sovaco de Cristo”, que no último ano foi ótimo e elas não puderam ir. Esse bloco passa mesmo em frente às suas portas, era só ficar na sacada esperando, descerem para se juntarem ao grupo, nada mais perfeito. Ainda não sabiam qual seria o tema daquele ano, mas com certeza, iriam destoar e este era o grande objetivo delas, primar pela diferença e bom gosto.

O entusiasmo era grande. Sacudir suas vidas tão vazias, tão sem nada, sem cor. Ambas rondavam os 40 anos e, neste quase meio século, o saldo era irrisório, dois casamentos falidos, sem filhos e sem segundas chances. O trabalho havia consumido o tempo de suas vidas e o que sobrara era dividido entre elas, cuidando da mãe com Alzheimer em estado avançado.

As irmãs discutiram para saber quem iria ficar com a mãe no dia do bloco. Ambas irredutíveis.

Essas discussões remontavam à infância, em que até as coisas muito simples eram motivo de muitas desavenças. Mas não sabiam viver sem a companhia uma da outra, de tal maneira que se casaram quase ao mesmo tempo e as suas separações dos cônjuges também ocorreram quase na mesma altura. Encontravam-se irmanadas até na forma de agir, de pensar e de ceder à razão. Nesta parte quase sempre ganhava a Clotilde os louros da vitória e arrecadava o espólio da contenda. E como tal e como sempre, Clotilde resolveu logo o seu problema, pois iria para casa de uma amiga no dia do bloco, promessa antiga. E assim o fez, floreando a sua decisão em fatos que Matilde não tinha argumentos que pudesse lançar mão. Seria um fato consumado e pronto, só restava aceitar.

Clotilde num gesto muito seu, jogou os cabelos para trás, como quem se livra de coisas indesejadas, colocou nos lábios uma cantiga irritante que sempre aflorava, quando queria calar as vozes discordantes dos seus vaticínios amargos e decididamente desceu os degraus, sem sequer olhar para trás e bateu a porta.

Matilde ficou abandonada com os seus pensamentos, se culpando por se deixar perder sempre. Sentou-se junto à janela que dava para a avenida, abriu-a e deixou entrar o ar quente de verão, úmido, invadindo a sua alma, percorrendo as suas veias, trazendo a certeza da desistência. Era assim, sempre assim.

Projetou ideias vãs e notou que só inconstâncias restaram em suas mãos, assim nada de palpável que pudesse agarrar e ter como seu, algo que pudesse recostar-se, uma âncora, um porto de abrigo.

Sua mãe cada vez pior, Matilde cada vez pior.

Pensou em calar a mãe com uma dose de diazepam adequada. Uma dose que dissipasse sua dor, ansiedade, mas não a sua vida. Uma dose carnavalesca, que durasse o quanto bastasse, para que Matilde tomasse um banho de felicidade, descarregasse sua alma nos ritmos, sons e alegria.

Cabeça nas nuvens em um sonho que marcava os seus pensamentos conturbados. Não tinha diazepam nem nada do gênero em casa e o bloco aproximava-se de sua rua. Últimos retoques na fantasia. As lantejoulas que se despregaram, foram recolocadas na última hora, as mãos tremendo de ansiedade, as lágrimas a embaçarem os seus olhos, sua vida estampada no vazio dos tempos.

Precisava mudar de comportamento ou perderia sempre, para Clotilde, para as adversidades e para a vida.

Optou por um banho frio, daqueles que lavassem o corpo e a alma, que levasse para longe o eterno ceder, a desistência, a derrota e apaziguasse o calor que corroía sua carne.

Escondeu na bolsinha cravejada de lantejoulas e missangas, um lança perfume proibido que conseguira com uma amiga.

Sangue a fervilhar nas veias. Caminhou decididamente para as escadas.

- Clotilde, Matilde!!!- gritava a sua mãe do leito.

Nada a calaria, justo agora que já se ouviam os sons do bloco se aproximando.

Começou a descer os 31 degraus da escadaria, tal qual os 31graus de temperatura que fazia, indecisa, titubeante.

Ouve-se um som de qualquer coisa caindo ao chão, ressoando no piso de pinho dos finais do século.

Imobiliza-se, tenta ouvir mais algum ruído.

Silêncio...

Continua descendo as escadas, e após três degraus, um gemido, comprido que aumenta de intensidade.

Também aumenta de intensidade o som da marcha do “Sovaco de cristo”, cuja bateria já estava passando na frente da sua porta.

Os gemidos, a bateria, todos em tons crescentes, um turbilhão em sua cabeça.

Atinge a porta que separa a jactância da vida e o definhar dela.

Olha para cima, os gemidos agora mais longe, abre a porta, a bateria mais perto.

Sai e fecha rápido a porta, duas voltas na chave, para que o desespero fique bem aferrolhado e não a persiga.

Vê o André sozinho no bloco, corre para ele, agarra sua mão com força, que não lhe fuja a companhia. Embriaga-se no som contaminante da marcha.

Uma última e tímida olhada por cima do ombro, vislumbra a sacada de casa, seu corpo é percorrido pelo delicioso sabor da liberdade e abandono.

Desaparece na multidão de foliões, um turbilhão de sons, longe da tortura diária, esquecendo o sofrimento, inebriada pela vida viva.

Ouve uma marchinha antiga dentro da sua cabeça. “Ó jardineira porque estás tão triste, mas o que foi que te aconteceu”?

**CAPÍTULO V**

**PERFUMES**

Fátima começou com o hábito de todas as manhãs percorrer a casa toda, os dois andares. Percorria todos os cantos, ficou com a mania de contar os tacos do longo corredor superior, com quartos de cada lado. Somava também os meios tacos (do gênero: dois meios tacos iguais a um), depois contava o número de flores do papel de parede do seu quarto e achou que nunca os números coincidiam e tornava a contá-los, até que o sono a vencia. Mas era no quarto dos falecidos pais, que mais se demorava. Recriava as situações ali vividas.

O médico à cabeceira do pai com montanhas de perguntas, respondidas sempre pela mãe, o pai calado, como se não fosse nada com ele, assim ausente de si e de tudo, olhar vago, de vez em quando um esgar de dor, pondo a mão na barriga, com olhar suplicante de quem pede ajuda, mas não pedia. Tirava a mão quando a dor se ia embora e voltava ao seu olhar errático, sem se fixar em ninguém. Só falava para dizer quero mijar, ou quero fazer cocô e lá iam mãe e filha a ampará-lo até ao banheiro. Já acabei, informava e a mãe a o limpava com aqueles lenços umedecidos dos bebês.

Sua mãe morreu dois meses após o pai, assim sem sequer adoecer, morreu e pronto, não desceu para tomar o café e Fátima a descobriu morta, já em rigor mortis, com um leve cheiro de defunto.

Depois, pronto, a casa assim vazia, sem cheiros, sem passos, só tacos e flores para contar. Quer dizer, ficou o cheiro do médico entranhado no quarto, um médico bonito que só, mas que nem sequer lhe prestou atenção.

Ela confessava ao diário, que já tinha se masturbado com a lembrança do médico. O cheiro dele, ficou muito tempo impregnado no quarto dos pais.

Domingo é dia de fuga ao quotidiano, de tomar banho em água de alfazema, vestir o melhor vestido e ir à missa, beijar a mão peluda do padre, que faz cócegas na boca e depois cantar, ela gosta de cantar e dizem que faz isso bem. Depois na volta, um sorvete na padaria da esquina e pronto, volta ao seu mundo, aconchegante, sossegado, isolado do mundo, doce degredo.

Tinha esperança de um dia adoecer e chamar o médico com seu perfume, ela fazendo caras e bocas, sentindo a mão dele apalpando a sua barriga, o pulso, palpando as mamas procurando caroços. Ele fazendo muitas perguntas e ela fingindo que não entende, só para ouvir outra vez a voz. Amanhã quem sabe, uma doençazinha que venha recompor a sua solidão.

Fátima tinha esse nome, posto por insistência da sua mãe, devota fervorosa daquela santa. A mãe a obrigou a jurar que iria ao santuário de Fátima em Portugal, pagar a promessa, porque resistiu ao parto prematuro, quando nasceu com apenas um quilo de peso e 32 semanas de gestação. Naquela época os cuidados médicos só eram acessados por quem tinha muito dinheiro para pagar uma incubadora e cuidados frequentes. Ela ficou em casa e sua mãe a pôs dentro de uma caixa de sapatos, almofadada com algodão e alimentada com uma pipeta do leite que a mãe tirava após pressionar o mamilo. Mas a sua sobrevivência deve-se à promessa da mãe, que nunca entendeu a pressa que Fátima teve para nascer, sempre encarou esse fato como sendo a filha não querer mais ficar dentro dela. Como tal sempre a tratou com muita severidade e nenhum amor.

Fátima estava decidida a cumprir a tal promessa. Vendeu todos os bens dos pais e comprou uma passagem do porto de Santos até Lisboa no navio Bagé, que naqueles tempos realizava viagens frequentes entre os dois países.

Ao ter que abandonar a casa vendida, seu porto de abrigo desde sempre, Fátima sentia-se insegura e com medo de quase tudo de novo que ia surgindo em sua vida.

Foi morar para uma pensão barata no porto de Santos e ficou à espera da largada do navio, que só partiria daí a três semanas.

Neste ínterim, ela conheceu o Roberto, um pensionista da sua pensão. Seus olhares encontram-se durante o primeiro jantar que ela fez na pensão. Um olhar que aprisionava. Desviava o olhar cheia de inibições, mas logo em seguida o reatava com insistência, observando aquele moço bonito e bem vestido, que trabalhava no comércio local e que também era novo na cidade, vindo dos recônditos da Bahia. Mas o que a arrebatou não foi a sua figura, tampouco os seus modos delicados, foi o seu perfume que era igual ao do seu médico. Quando o sentiu, Fátima ficou toda molhada de excitação, palmas da mão e planta dos pés suando, assim um suor viscoso e gelado, dormência nos lábios, como se eles fossem de outra pessoa, atrapalhando a sua fala, fazendo-a gaguejar, logo ela, que nunca havia gaguejado em sua vida.

Foi uma paixão tão assolapada que Fátima entregou-se àquele homem, logo na terceira noite em que se conheceram. O quarto dele era no mesmo segundo andar do dela, de modo que era só esperar a calma da noite, onde os corpos cansados do trabalho procuram o descanso merecido. Ele tocou de leve na sua porta, que estava aberta à sua espera. A volúpia de Fátima era tanta, que naquela noite em que perdeu a virgindade, fizeram amor inúmeras vezes. Com sofreguidão se enlaçaram, se amassaram, se lamberam como quem quer comer literalmente as carnes um do outro. Quando o dia surgiu, foi encontrar os seus corpos desfalecidos de cansaço e satisfação. Fátima podia finalmente acariciar o corpo de um homem de entrega total, segurar o seu pênis, que de tão ereto, mais parecia um pau muito duro e ao mesmo tempo macio, com cheiro de homem. Engolir o seu falus de forma gulosa e sentir o frêmito do seu orgasmo, inundando sua boca com um esperma ácido e ligeiramente adocicado.

Neste primeiro dia alimentaram-se de amor, nenhum deles desceu para se alimentar, saciados de tanto amor.

Depois disso todas as noites repetiam o encontro amoroso, agora com a calma que o tempo proporciona e as tensões do primeiro conhecimento se tinham acalmado.

Foi com pena que Fátima se separou do Roberto, desenlaçando-se dos seus braços e entrando no navio que a levaria para Portugal, com lágrimas nos olhos e incerteza do futuro.

Largou do porto de Santos, deixando em terra um pedaço de si mesma, com promessa de volta.

Quando viu o cais do porto se “afastar”, bateu nela tanta tristeza que se refugiou em seu camarote por dois dias, vomitando o pouco que conseguia engolir, num mareado que julgou que ia sucumbir mesmo no meio do mar. Entrou em desidratação e teve que ficar na enfermaria do barco por um dia, tomando soros, até que seu equilíbrio hidroeletrolítico se recompusesse. Mais calma, Fátima ainda vomitou algumas vezes durante a viagem, sentindo-se a mais infeliz das mulheres.

Nada aproveitou da viagem de onze dias. Desembarcou em Lisboa, agora com novas náuseas pela falta do embalar do barco, agora era o chão que se mexia sem parar. Quinze dias após a sua chegada e como não melhorava, foi a uma consulta médica e descobriu que, o motivo dos seus vômitos era uma gravidez que estava cursando com hipertensão. Depois de medicada começou uma nítida melhora e em pouco tempo já se encontrava refeita para cumprir a promessa em Fátima. Adquiriu o hábito de massagear vezes sem conta a barriga, como quem afaga o filho. Em Fátima cumpriu a promessa da mãe, que era ofertar uma vela com o seu peso e tamanho e deixar queimar na capela dos milagres, com muitas rezas combinadas.

Pediu a Nossa Senhora, que lhe desse um bom parto e que se tudo corresse bem, o seu filho viria cumprir a mesma promessa que ela estava a cumprir.

Gostou de vaguear naquele mundo místico de Fátima, sentir a extrema devoção do povo que procurava se entregar ao culto da santa.

Voltou para a sua pensão em Lisboa. Havia resolvido ter aquele filho em terras lusas e regressar ao Brasil assim que estivesse recomposta.

Mas as coisas não correram como o planejado, teve dois episódios de convulsões eclâmpticas e esteve internada por duas semanas.

Fátima abortou o feto com 29 semanas, que não teve a sorte que ela tinha tido com o seu nascimento prematuro.

Desde então Fátima achou que Deus não existia, porque se havia no mundo uma pessoa que merecesse um filho, com certeza que era ela.

Da sua tristeza surgiu um alívio de libertação de todas as coisas místicas, dali em diante só acreditaria no ar que se respira.

Resoluta, três meses depois voltou no barco do mesmo nome para o Brasil, tropeçando em passados recentes nada agradáveis, mas sem correntes em sua vida.

Desta vez pode aproveitar a viagem sem os inconvenientes da náusea da gravidez.

No segundo dia de viagem, o mar estava completamente liso, numa calmaria que curaria o mais ansioso dos seres. Estendeu a sua toalha à beira da piscina e deleitou-se sob aquele sol não muito quente daquela maravilhosa manhã. Cerrou os olhos e deixou que o tempo passasse, no seu compasso confortador. Sentiu a presença de outro ser que, próximo a si, estendeu também a toalha e deitou-se.

Fátima sentiu de novo aquele perfume do seu médico. Um estranho arrepio percorreu todo o seu corpo. Com palpitações virou a cabeça para aquele lado. Deitado na toalha de barriga para cima estava um escultural homem, muito loiro e de barbas e com os olhos cerrados. Fátima não conseguiu desgrudar o olhar dele, começou a ficar com a saliva espessa e suores nas mãos. Aquele perfume entrava dentro dela, liquefazendo-a. Levantou-se, seguiu na direção dele e simulou uma queda de modo que caísse mesmo em cima dele. Ficou com o seu corpo colado ao dele quando o viu abrir os olhos com espanto.

- Desculpe, tropecei e caí. Disse ela.

Fátima sentia que uma espécie de cola muito forte a aderia ao corpo dele, não conseguia desgrudar-se e sentiu que o encarava mesmo dentro dos seus olhos. Ele desconcertado e sem se mexer, perguntou:

- Machucou-se?

Antes de responder, Fátima sentiu que o volume do pênis que estava mesmo colado à sua vulva, começou a ficar tumefato rapidamente e viu o rubor atingir aquela face barbuda. Com ar desconcertado ele acrescentou.

- Vou ajudá-la a levantar-se.

E empurrou com suavidade o corpo de Fátima, levantou-se e depressa pegou em sua toalha para cobrir a parte da frente da sua sunga. Puxou-a para cima, perguntando-lhe.

- Está melhor?

- Estou, obrigada. Respondeu.

Estrategicamente, Fátima simulou uma vertigem, logo apoiada por ele.

- Por favor, me ajude a chegar ao meu camarote.

Ele a segurou pela cintura, a apoiou e começaram a andar, enlaçados como dois namorados. Fátima aconchegou-se, de tal maneira, que viu o pênis dele começando a dar trabalho outra vez. Quando chegaram ao camarote, ela o envolveu num abraço de agradecimento e novamente aquela sensação de que não conseguia desgrudar-se. Desta vez uma violenta ereção o atingiu e ele inebriado de excitação a beijou na boca. Seguiu-se tamanha volúpia faminta de parte a parte que Fátima quase desfaleceu de prazer.

Acabara de se entregar a um homem que nem sequer conhecia, quebrando todas as barreiras de bom senso que ainda tinha. Concluiu que adorava fazer sexo e que nunca mais passaria sem ele.

Foi caricata a cena, assim que acabaram de fazer amor. Ele, mesmo nu, formalmente apresentou-se:

- Sou o Antônio e vou para S. Paulo montar um negócio, mas ainda não resolvi qual.

- Sou a Fátima, moro em S. Paulo e fico à sua disposição para ajudar você a decidir.

E depois riram da apresentação até as lágrimas.

O resto da viagem foi maravilhosa, aproveitando de tudo de bom que o barco oferecia e desfrutando de seu novo amor com cenas de sexo avassaladoras.

Fátima viu o porto de Santos se “aproximando” abraçada ao Antônio. Nova fase iria se iniciar na sua vida recém descoberta.

**CAPÍTULO VI**

No duro processo geriátrico, na esquecida meninez,

a tentativa revive, obscura afetividade.

Perplexos idosos perdidos em lucidez,

egressos dum passado remoído, distorcido,

bolorento, obnubilado,

disfágico com as verdades,

levantam a poeira dos séculos, (re) inventam realidades.

Em construções anárquicas,

edificam saídas conturbadas,

atropelam cronológicas verdades,

misturando o real no imaginário,

o pobre no rico,

esvaziando a razão poluída,

aturdindo o ouvinte (des)atento.

O esquecimento em compostagem acelerada,

revela razões incertas, esconde o antes de ontem,

serve o agora, (des)contraído,

misturado na verdade atemporal.

**O aconchego**

Jussara não perdeu tempo, logo no dia seguinte e com um mapa, partiu para a cidade levando o Josué com ela. Tinha que aproveitar o dinheiro que trazia antes que ele se esgotasse. Comprou um jornal na banca, daqueles que trazem montanhas de classificados e começou a procurar as ofertas para empregadas domésticas. Começou a ficar desiludida, pois todas pediam referências e ela não tinha nenhuma. Até que viu o endereço de uma agência de empregos que aceitavam inscrições para empregadas domésticas. Ficava mesmo no centro da cidade, próximo de onde estava.

Neste encontro, Jussara soube que teria que se submeter a um pequeno curso de aprimoramento das suas capacidades e que depois seria muito mais fácil conseguir um emprego adaptado às suas capacidades e com um salário razoável. Jussara falou da sua necessidade de morar no emprego junto com Josué. A empresa disse que não era impossível e que havia alguma procura de pessoas na sua condição, que pudessem dormir na casa dos patrões e que teria mais estabilidade no emprego.

Jussara iniciou, cheia de esperanças, a tirar o curso logo no dia seguinte, teria a duração de quinze dias úteis. Marlene prontificou-se a ficar com Josué enquanto durasse o curso. Josimar emprestou dois salários mínimos que era o preço do aprendizado, adiando assim o reboco de sua casa. Com afinco Jussara entregou-se ao estudo, com esperança nos olhos. Havia uma oferta de uma casa que pedia um cuidador de idosos que pudesse morar no emprego. Era uma idosa que morava com a filha e necessitava de amparo. Foi com vista neste emprego que Jussara fez sua preparação em cuidadora de idosos e descobriu ser uma área de atuação muito interessante.

Novos mundos se abriam em seu horizonte, que até aí tinha tido limites curtos, tristes e sem perspectivas. Projetou esperanças e limpou sua visão negativista da vida. Jussara agora toda compenetrada em se fazer uma boa profissional.

Naquela megalópole ela se sentia como uma pequena pedra solta sendo chutada por cada passante, para lá e para cá, sem que ninguém notasse a sua existência ou se importasse com ela. No intenso fluxo e refluxo indo contra a corrente humana, tropeçou no passeio mais movimentado, caindo e dificultando a passagem dos transeuntes. Após mais ou menos quinze minutos caída no chão como um objeto, com o joelho sangrando, obrigando as pessoas a desvios para os lados, comprovou que ninguém parou para perguntar se precisava de ajuda. Com certeza, concluíram que estava com um excesso de drogas ou álcool, pois ninguém se importou com ela. Serviu para fazer um diagnóstico da cidade. Estava completamente só no meio da multidão. Concluiu que a vida era dura com todas aquelas pessoas. Seria o medo do desconhecido e da violência, que fazia com que se fecharem em seus mundos? Fruto daquele capitalismo selvagem surgia a alienação da sociedade consumista que escraviza o cidadão, que julga ser feliz vivendo repleto de dívidas consumindo o supérfluo e andam como zumbis tropeçando em almas.

Fátima foi aceita para trabalhar após entrevista. Começara com o pé direito naquele mundo. Era um grande apartamento no centro. Ficou instalada nas dependências de empregada, onde havia também uma pequena área de lazer. Nunca tinha morado em tal conforto.

Teresa, sua patroa, havia trazido Eurídice, sua mãe viúva do interior de Santa Catarina quando o Alzheimer começou a habitar a sua vida, deixando-a incapaz de realizar as tarefas mais simples de sobrevivência autônoma. Já tinha perdido a memória semântica e sentia-se perdida no espaço e no tempo.

Como quem apaga partes de um quadro negro todo escrito, bem devagar, retirando fragmentos da história, deixando-a sem equilíbrio lógico. As memórias aparecem em flashes muito rápidos, sem dar tempo de fixá-las.

O pior é que já não consegue reconhecer quase ninguém, num declínio cognitivo enorme. Quase não consegue formular frases que tenham algum sentido e deixou de reconhecer a maioria dos objetos.

Já tem dificuldade de se locomover sozinha e não consegue se alimentar por si mesma. Necessita de ajuda em sua higiene pessoal e já usa fraldas geriátricas.

Mas mantém a sua característica gentil de sempre, agradecendo sempre a ajuda que recebe.

Jussara gostou da dona Eurídice e começou a estudar uns impressos, que continham uma série de considerações sobre o Alzheimer que a dona Teresa havia lhe entregado, depois de explicar o estado de sua mãe.

Jussara viu-se como cuidadora de uma pessoa com uma doença de nome esquisito que nunca tinha ouvido falar. O tempo haveria de julgar a sua capacidade para executar aquele trabalho. Além dela havia uma empregada de serviços gerais que cuidava da casa. Jussara estava encarregada de cuidar da dona Eurídice.

A sua tarefa secundária de procurar o seu marido havia sido relegada para o lugar que merecia, ou seja, foi jogada para o saco do esquecimento. Quando o amargor do ressentimento estivesse aplacado, daria mais uma chance ao marido, se o encontrasse e se as suas explicações fossem convincentes. Na sua lembrança, já um pouco adormecida, ainda mantinha aquele cheiro de homem que tanto gostava. As noites de sexo ainda habitavam as suas lembranças eróticas e sentia falta delas.

Resolvera continuar a viver o presente levando em frente a tarefa de criar o seu filho da melhor maneira possível.

Num processo interior, ela tentava convencer-se a si própria, que são as pessoas que fazem os seus destinos quando aproveitam as chances que a vida por vezes oferece. As pegadas deixadas na estrada da vida, facilmente são apagadas pelo esquecimento.

Há muito tinha se esquecido de rezar agradecendo isso ou aquilo e pedindo coisas improváveis. Jussara agora só contava com o esforço do seu empenho na resolução dos problemas que iam surgindo.

Mas quando o sossego se instalou na sua primeira noite no emprego naquela cidade tão agressiva, olhou para as brancas paredes do seu quarto e chorou, chorou muito até o sono a abrigar naquele silêncio prolongado e aconchegante.

**CAPÍTULO VII**

**Mudanças**

Antônio vinha de uma família de comerciantes portugueses que se dissolveu após casamentos múltiplos do seu pai. Ele teve morte precoce por enfarte do miocárdio. Apesar dos muitos casamentos, só o com a sua mãe foi considerado legal, de modo que toda a fortuna acumulada foi dividida entre ele e a mãe. Ela vinha de uma rica família alentejana e deixou a parte da herança do finado marido para o filho e Antônio viu-se com uma grande fortuna em mãos com apenas 23 anos de idade e foi com essa fortuna que ele quis aventurar-se no Brasil e tentar a sorte. Quando encontrou Fátima no barco, sentiu-se tão atraído por ela como nunca tinha acontecido com ele. Sentia-se bem com o contato da pele dela, gostava de possuí-la vezes sem conta e de adormecer em concha contra o corpo dela. Era o equilíbrio emocional que estava fazendo falta na sua vida.

Fátima nunca estivera tão feliz, com um sorriso perene dentro do seu ser. Realizaram diversas pesquisas de mercado na cidade e concluíram que a melhor aposta era área de restaurantes. Numa grande cidade como aquela com milhões de habitantes, com pessoas muito atarefadas, que nunca tinham tempo para nada, havia um grande nicho de mercado nessa área. As pessoas juntavam o lazer e a alimentação necessária para os seus corpos e os seus equilíbrios emocionais.

Em uma grande avenida, onde a vida noturna era intensa, resolveram comprar um grande depósito de materiais, inativo e à venda. Não era barato, mas o dono precisava daquele dinheiro para investir em uma indústria no Rio de Janeiro. De modo que se conseguiu um preço mais baixo e a transação foi efetivada com rapidez. E enquanto se fazia o desmantelar daquela velha construção, o projeto ficou pronto. Era bem arrojado, com linhas de uma arquitetura avançada para aquele tempo, que com certeza iria chamar a atenção de todos. Tinha três andares. Os dois primeiros, eram para restaurantes e o terceiro estava reservado para futuros pensares. Aquele andar iria ser ruminado com a calma que o tempo exige para que dali surgisse algo que fosse falado em toda a cidade.

Quanto mais o casal se envolvia no projeto a dois do restaurante, mais se amavam, com noites alucinantes de sexo, como quem deseja descarregar o desamor da vida. Andavam sempre juntos, decidiam juntos e namoravam em qualquer lugar público que estivessem. Começaram a ser falados, não de forma maldosa, mas com inveja das outras mulheres, que sentiam a falta daquele arrebatamento em seus lares. Mas era um casal tão simpático, que em pouco tempo já era chamado para o convívio da alta roda paulistana, que assim abria as suas portas aos desconhecidos no local, quebrando o seu conservadorismo secular.

Não se falava de outra coisa na cidade. A expectativa da inauguração do restaurante era enorme. Não havia dúvida nenhuma que eles conseguiram impor as suas presenças na alta burguesia dominante. As famílias da elite paulistana mudaram muito as suas atitudes desde a chegada do casal.

Fátima pôs anúncio no jornal pedindo garçonetes, ela mesma iria entrevistá-las. A responsabilidade da contratação do outro pessoal mais qualificado necessário ao restaurante foi entregue a uma agencia de emprego. Resolveram apostar numa cozinha portuguesa no andar térreo e francesa no 1º andar. Restaurantes com comida típica brasileira havia aos montes em S. Paulo. Eles queriam primar pela diferença, ou seja, juntar em um mesmo prédio, dois restaurantes de cozinha europeia. Estavam apostando muito dinheiro e o retorno teria que ser compensador.

Jussara viu o anúncio no jornal:

Precisa-se de garçonetes para um novo restaurante no centro.

Jussara pensou logo na Marlene. Ela não tinha a sua iniciativa, parece que ficava a espera que algo caísse em seu colo. E foi o que aconteceu. Jussara marcou entrevista no nome dela e só depois a avisou.

- Marlene, essas entrevistas são para escolher o possível pessoal e depois eles vão dar treinamento para formação. As garçonetes trabalham muito, mas ganham bastante gorjeta, principalmente nesses restaurantes chiques.

Marlene foi apanhada de surpresa. Andava a procura de emprego nas redondezas da sua casa, mas lógico, naquele lugar não havia empregos a disposição de quem não tem qualificação. Marlene tinha uma bonita figura e falava quase sem erros de português, o que contava muito naquele mundo de analfabetos.

- Obrigado Jussara, vou tentar ser selecionada, quem sabe?

O futuro restaurante não ficava longe do emprego de Fátima. De modo que poderiam ver-se com mais frequência, se ela ficasse empregada.

As coisas começavam a se compor no mundo das duas amigas. Marlene não conseguira a consulta de esterilidade pelos serviços de saúde de S. Paulo. Tinha sido encaminhada para aquela especialidade, mas não conseguiu a consulta. Empregada como garçonete e ganhando o seu salário iria ser diferente.

Jussara já tinha pago a sua dívida ao Josimar e começou a juntar um dinheirinho para salvaguardar qualquer imprevisto. Afinal naquele emprego não tinha despesa nenhuma, tudo o que ganhava era guardado. Não podia ter melhor emprego que aquele com a sua qualificação que era quase nenhuma.

Adaptara-se bem às suas funções e gostava da dona Eurídice. Quase não via a dona Teresa, que trabalhava muito e só chegava tarde da noite.

Josué começou a frequentar uma creche do estado, na parte da manhã, que a dona Teresa arranjou e ficava próxima ao seu emprego. Jussara tinha ido lá e tentado inscrever o filho, sem conseguir. Não há dúvida, que os pobres sem influência no meio, quase nunca conseguem nada. Jussara ficou contente pelo filho, mas dentro dela crescia uma revolta que ia se avolumando e se tornando bastante estruturada. Agora sabia distinguir muito bem os estratos sociais e a luta de classes latente e pouco desenvolvida ia tomando corpo. Tinha a certeza que um dia o povo explodiria num grande basta a todo esse estado de coisas.

**CAPÍTULO VIII**

**A morte nos protestos**

Trazia as mãos vazias, mas a cabeça cheia de certezas palpáveis, clara como a água. Vinha da vigília ao portão da fábrica. Piquete severo, nada entra, nada sai. Os patrões decretaram “lockout” na fábrica, depois de estar devendo oito meses de salário aos 162 trabalhadores. O piquete era feito na tentativa de não deixar sair produtos já acabados ou máquinas, que serviriam para encher mais os bolsos dos donos da fábrica. Vigília triste de operários que já tinham esgotado todas as suas reservas de dinheiro na alimentação. Nada sobrou para pagar o aluguel da casa, para o transporte no deslocamento da família, as despesas para a escola dos filhos, a conta da luz e a água. Os poucos operários que tinham carro, já os havia encostado há seis meses por falta de dinheiro para a gasolina e tentavam vendê-los.

Toda a melhoria alcançada na negociação dos sindicatos, já tinha rolado por água abaixo nos últimos meses. Trabalhadores desnudados de direitos, uns após os outros. Até que sobreveio a falta de pagamento dos salários e depois o desemprego, finalizando um rol enorme de perdas sociais. As perdas foram tantas como nunca se havia visto.

Os operários já vociferavam por uma verdadeira revolução, assim de balas a perfurarem os corpos dos donos do capital. Já nada mais tinham a perder além das algemas que o capitalismo feroz lhes impusera.

- Merda de vida! Isso de querer fazer acordos sindicais sem mudar o cerne das coisas, é como enxotar moscar do mel, elas voltam cada vez com mais fome. Porra de acordos que não serviram para quase nada, tudo já está de novo nas mãos dos esfomeados capitalistas, que acabaram de retirar as últimas migalhas do prato antes servido. – resmungava o Fábio para quem quisesse ouvir.

- Filhos da puta de merda, que nos afogam na fome. – gritavam os operários aos ventos.

Fábio aquela manhã não comeu nada, só havia pão duro e sopa dormida, uma sopa assim deslavada, um caldo com umas couves. Passou pela garagem, agora vazia do único carro da família, que conseguiu vender a preço de banana ao dono da mercearia da esquina em troca de comida, que foi buscando até que acabaram por comer o carro todo. Foi vendendo o computador das crianças, a máquina de lavar roupa, os sofás da sala, o aparelho de som, uns ouros herdados pela mulher, até que nada sobrou que pudesse ser vendido.

Todos os seus amigos tentavam vender tudo para pagar as dívidas. Despojado de tudo, Fábio lançou mão da espingarda de cano duplo de caça, no intuito de vender ao primeiro passante. Foi andando de casa de amigo em casa de amigo, recebendo nãos e mais nãos, até que chegou ao portão da fábrica. Seus camaradas vieram ter consigo. Que não fizesse nenhuma asneira, isso só pioraria a sua situação.

Sorriu.

-Eu só quero vender a porra da arma, mais nada.

- Aqui não é o lugar ideal para isso, Fábio.

- Eu só quero vender, mais nada, porra! Já não tenho dinheiro para pôr comida na mesa. Meus filhos estão com fome!

Foi aumentando o tom de voz e foram emergindo, jorrando lágrimas em seus olhos.

-Tenho fome, porra! Bradava o Fábio em aos altos brados, espingarda erguida, bem à vista. Apareceram os polícias, que largasse a espingarda, ouvia-se do megafone. As pessoas tentaram tirar-lhe a arma. Mas Fábio agora só repetia,

- Tenho fome, quero meu emprego de volta!

A que se juntaram as outras vozes:

-Temos fome, queremos o emprego de volta!

Cabeças fervilhando de ódio, a pequena multidão começou a penetrar portão adentro, entrando nas instalações da fábrica, as palavras de ordem surgindo exaltadas:

-Queremos nossos empregos. Temos fome. Abaixo esses filhos-da-puta!

Foram sendo quebrados os vidros, as portas, tudo que fosse passível de se quebrar.

Fábio atirou para o ar, o segundo tiro ouvido acertou em sua cabeça, vindo da polícia. Fábio caiu no chão inanimado. A multidão dispersou em correria. Fábio agora sem voz, sem emprego, sem fome nenhuma!

A fábrica foi tomada pela polícia. Neste mesmo dia, foram retiradas as últimas produções e maquinaria do recinto.

Foi reposta a ordem e caladas aquelas bocas e comportamentos impróprios. O patrão pôde rever os seus bens e partiu tranquilamente para o seu refúgio no Rio de Janeiro, onde tem uma mansão em Jacarepaguá e poderá viver o resto de seus dias na paz que de direito lhe pertence, chega de aturar operários com ares de donos da sua fábrica.

Até hoje ainda rola o inquérito de apuração dos fatos da morte do Fábio e crê-se que não terá solução dentro dos próximos anos, até que o crime prescreva e tudo acabe bem.

Otília, viúva do Fábio, que não tinha emprego, ficou na miséria e seus dois filhos menores, foram retirados dela pelo juizado de menores.

Entregou-se à mendicância, transformou-se numa mendiga sem teto, como existem às centenas pelas ruas de S, Paulo. Até que em atos impróprios aos bons costumes, começou a vaguear nua pelas ruas da capital, com o corpo coberto de escaras pustulentas, talvez dentro de uma esquizofrenia desencadeada pela violência da miséria.

As autoridades a puseram no “trem de doidos”, assim chamado por transportar doentes mentais com destino ao Hospital Colônia de Barbacena em Minas Gerais. Iria amargar anos naquele hospício até que a morte apaziguadora viesse pôr fim à sua existência, a acolher e levá-la para junto do seu Fábio. Lá conviveu com uma panaceia de patologias e pseudo-patologias, tais como excluídos sociais, homossexuais pernósticos, meninas assanhadas que envergonhavam os bons costumes das urbes e mendicância em geral que sujavam as ruas burguesas com as suas fezes incômodas. O Hospital Colônia de Barbacena conseguiu representar a antítese do que deveria ser um hospital psiquiátrico ao funcionar como uma verdadeira prisão social onde os eletrochoques funcionavam como uma punição e não como uma arma terapêutica.

A maioria daqueles operários desempregados da fábrica voltou para as suas terras nos sertões nordestinos.

Outros continuaram na cidade e conseguiram outros empregos. Alguns caíram na marginalidade do tráfico de drogas e dos roubos.

O silêncio que se seguiu a tudo isso, mostrou que afinal a sociedade de uma maneira geral tem a memória muito curta e que não se importou com o destino de tantas almas.

Aquela fábrica foi vendida por um preço exorbitante pela sua excelente localização na cidade, enriquecendo mais ainda o seu dono.

Em seu lugar nasceu uma igreja evangélica protestante, que nunca protestou pela injustiça que se fez com aqueles trabalhadores...

**Capítulo IX**

**Instigação à miséria ou puro sarcasmo social**

De qual chão incerto nasceste?

Que misturas as certezas, baralhas os sentidos

e a ordem social das coisas, apagas os cheiros de bonança,

instigas a dúvida nas mentes ociosas de pensares.

Que destino pretendes atingir, quando lanças a discórdia na podre paz social?

Que seres novos pretendes conseguir, com teus protestos, com tuas ideias de igualdade social?

Porque a fome social te preocupa tanto?

Não seria mais fácil alimentares-te do ser que te pede uma esmola?

Não vês que acabando com a fome, acabas com os seres servis?

Depois quem nos fará o trabalho pesado?

Tuas finas mãos de intelectual?

Pensa nisso, a miséria serve-te.

Deixa as coisas como estão,

os pobres precisam de ti, a eles o reino dos céus,

os ricos precisam dos pobres.

Não acabes com a mão quem te alimenta.

**Invisibilidade social**

A sorte do Tibúrcio, ao cair no desemprego, é que só tinha a si próprio para alimentar, tinha pena dos seus colegas de trabalho, com famílias e filhos e na maior parte com a mulher sem atividade remunerada. Aquelas famílias foram completamente arrasadas pelo desemprego coletivo.

Tibúrcio juntou-se ao Manoel e foram viver em uma das centenas de favelas da periferia de S. Paulo.

Nenhum deles tinha sinais exteriores afeminados que pudessem chamar a atenção das pessoas mais insensíveis e resolveram viver juntos longe de onde eram conhecidos, aparecendo como dois irmãos que viviam juntos. O estigma da homossexualidade, tornava a vida na sociedade dita normal, uma coisa quase impossível, desde os escárnios lançados ao desprezo social, fazia com que o objeto dos ataques, fossem completamente excluídos.

Começaram ambos a tentar emprego na periferia e na grande cidade. Manoel conseguiu ser office boy de uma grande empresa de advocacia, ganhava o salário mínimo e tinha um pequeno subsídio para transporte e refeições. Mas passado pouco tempo, deixou o Tibúrcio, para viver com um dos advogados do grupo de trabalho.

Tibúrcio ficou arrasado, tinha jogado naquela relação todas as suas aspirações de ter uma vida amorosa estável. Depressa começou a frequentar as bocas de fumo da região. O seu enorme porte atraía a atenção das pessoas e depressa começou a ser cobiçado pelas prostitutas, que queriam um homem com a sua imponência, para fazer a segurança. Valéria ganhou a concorrência. Arranjou um homem com quase dois metros de altura, com uma compleição física de dar inveja e medo. Escudava-se nele quando os problemas surgiam e Tibúrcio não se fazia de rogado. Descobriu que gostava de dar porrada naquela escumalha que explorava as mulheres. Era como quem se vinga da inoperância das autoridades, que em nada se importavam com as brigas do povo, só penalizando quando aqueles atingiam os donos do capital.

Depressa Tibúrcio ficou conhecido e respeitado e começou a extrapolar a sua proteção para ações de tráfico de drogas e a comandar um grupo de assaltos às casas de famílias da alta burguesia, com roubos fantásticos às casas que eram consideradas inexpugnáveis. Sua fama atingia toda a zona lesta de S. Paulo.

Mas era no tráfico de drogas que mais se destacava, tinha um grupo enorme a trabalhar para ele. Nunca soube gerir o dinheiro que arrecadava com o crime, gastando tudo em homéricas bebedeiras, em que pagava a conta de todos.

Até que a insensibilidade começou a atingi-lo e a tomar conta dele. Em atos sanguinários e desumanos, Tibúrcio aos poucos foi se modificando, até que nada mais restou do Tibúrcio antigo, afetuoso e condescendente.

Tornara-se um ser abjeto de práticas cruéis, não medindo consequências para atingir o fim proposto. Chegou ao ponto de assassinar todos os homens com quem mantinha relações sexuais, só para não ficar conhecido como gay.

A sua transmutação ocorreu de tal forma que pessoas que o conheceram antes, já não o reconheciam. Afundou-se naquilo que há de mais baixo na podridão humana.

Resolveu construir a própria casa, com tijolos que Valéria deu a ele por sua prestação de serviços. Fez com que ela jurasse, que quando a casa estivesse pronta, ela iria viver com ele, numa atitude incompreensível vinda de um homossexual que nunca tinha feito sexo com mulheres. Mas tratava-se de manter uma imagem de heterossexual, para manter a sua aura de bad boy.

Debaixo de um sol inclemente, colocou a última fila de tijolos por cima de um cimento ralo e assentou-os, dando aquelas marteladas com o cabo da pá de cimento, assim num toc-toc oco. Conferiu a retilinidade num fio de prumo improvisado como a sua vida era. No dia seguinte iria assentar os caibros, para depois colocar as telhas. E ficaria assim até ter dinheiro para comprar portas e janelas, pensando bem, nem precisava delas, a sua fama de mau o antecedia.

Fez um fogão de tijolos e argila que ficou bonito que só e já tinha onde estender a sua rede.

Fazia um calor insuportável. Aquelas casas coladas umas às outras não deixavam o ar circular, formando guetos muito quentes.

Tibúrcio só voltava para casa quando tinha bebido e fumado todo o dinheiro que tinha nos bolsos. Mas a intenção primeira era tomar um único trago, assim que recompusesse o seu estado de espírito para um nível mais alto, onde as inconstâncias da vida com todo o seu amargor, não o atingisse.

No entanto gostava muito daquele sabor ligeiramente adocicado, que no princípio queimava as suas papilas gustativas, mas desinfetava a garganta, quando vinha aquele pó vermelho das ruas secas, que o fazia tossir e avermelhar os olhos.

Depois seguia-se aquela doce euforia, em que o mundo se tornava melhor, as canseiras esquecidas e sentia um calor nas partes púbicas, que o fazia pensar só em coisas que lhe davam prazer. Nos tragos seguintes, a mente começava a ficar com um suave esmorecimento, um embotar de pensamentos mais complexos, um simplificar da vida. Instalava-se um completo abandono de tudo e de todos, a língua começava a ficar pesada e as palavras desistiam de sair da boca, ficando coladas às intenções. Depois um entorpecimento do corpo o invadia, onde a vigília começava a desligar-se da vida.

Naquele dia, aproveitando-se da ausência de Valéria, que tinha ido dormir com um gringo na cidade, arrastou consigo o Tião, que era tão grande como ele para o seu barraco, Tião era virgem com os homens, mas Tibúrcio conseguiu levá-lo até as nuvens de tanto prazer que lhe deu. Tudo era novo para o Tião, que não se fez de rogado e retribuiu os afagos e beijos do Tibúrcio. Mas quando a bebedeira acabou saiu de fininho, escondendo o seu constrangimento, com vergonha de ter cedido aos assédios do Tibúrcio, escapando assim da morte certa.

O sono profundo que se seguia, trazia uma paz de alma tão grande, que só a crueza da vida fazia acabar quando o álcool deixava de habitar o corpo.

Depressa, Tibúrcio deixou de ter forças para trabalhar no que quer que fosse, exaurido em alcoolemias e drogas, sempre nauseado sem ter fome para nada.

Valéria o abandonou, desistindo de remar contra a maré, quando viu desaparecer debaixo da cachaça e da droga, o Tibúrcio com que havia se juntado.

Tibúrcio a viu algum tempo depois junto com o Tião e considerou uma dupla traição.

Numa noite de bebedeira, foi até a casa do casal e os estripou com a faca de mola, até ver as suas entranhas espalhadas por todo o quarto.

Tibúrcio acabou por adormecer ensopado no sangue dos infiéis. Aquele cheiro doce misturado ao seu hálito de cachaça o fez sorrir de prazer, apagando o resto de sua vigília.

Foi preso logo pela manhã, depois de ter sido encontrado completamente nu, pintado de vermelho.

Acumulou 53 anos de condenação e foi mandado para a prisão do Carandiru.

. Foi direto para o pavilhão cinco, o mais populoso dos pavilhões, também considerado o mais humilde de todos, sendo seus habitantes olhados com certo desdém pelos detentos de outros pavilhões. No primeiro andar, ficavam as celas de castigo. Semelhantes às masmorras, trancafiavam por cerca de trinta dias infratores internos (porte de drogas, armas, desacato etc.). No terceiro andar eram alojados estupradores, justiceiros (matadores "profissionais" de ladrões) e aqueles que foram expulsos de outros pavilhões. O quarto andar possuía perfil similar ao terceiro, porém com presença de muitos [travestis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Travesti). O quinto andar foi conhecido como amarelo, e abrigou de forma precária, muitos presos jurados de morte. Esses presos, por estarem ameaçados não tinham banho de sol, e ficavam acuados em suas celas. Por isso tinham a aparência amarelada, o que deu o apelido do setor. Devido a todos esses fatores, tal pavilhão foi sempre considerado o mais armado dos pavilhões

Foi mandado para o terceiro andar.

Logo no primeiro dia, quando viram um homem tão grande, resolveram não deixar que ele tomasse ascendência naquele bloco de presos e foi seviciado logo no primeiro dia de prisão, obrigado a fazer felação a vários presos e foi violentado por outros. Teve dois dedos amputados quando começou a se recusar a obedecer às ordens de satisfação sexual dos outros presos.

No dia seguinte acordou conspurcado com toda aquela sevícia sofrida.

Achou que sua existência havia atingido o fundo do poço.

Suicidou-se por enforcamento com tiras rasgadas da sua roupa, buscando a coragem no resto de dignidade que ficou em suas circunvoluções cerebrais.

Dos seres viventes que com ele conviveram, ninguém sentiu a sua falta, sua lembrança esfumaçou-se no vazio dos tempos.

A violência da miséria social, o capitalismo selvagem, descaracterizam o ser humano. A busca constante de sobrevivência, lava das almas qualquer resquício de humanidade que porventura ainda tenha restado naquelas vidas.

Sobra somente a aspiração de um dia ser igual ao opressor e o ciclo se perpetua, não mostrando saídas visíveis.

Até onde a insensibilidade dos governantes permitirá que esse descaso provoque a destruição da sociedade?

**CAPÍTULO X**

**Vidas mortas**

- Desta vez levo um raminho de margaridas que estão mais em conta, dona Maria, meu Joaquim sempre gostou delas amarelas.

A caminho do cemitério, Romana levava consigo o raminho das margaridas amarelas na mão direita e na esquerda o guarda-chuva, que o céu não andava de feição. O passo descompassado e apressado não revela pressa, mas sempre despachada com a vida, Romana ia conseguindo o tempo que queria para poder gastá-lo nas coisas que mais gostava de fazer. Seu encurtamento da perna esquerda fazia um soar diferente dos seus passos, troc-trac, troc-trac pelos paralelepípedos do cemitério.

As folhas dançavam naquele outono chuvoso, Romana levava um outono perene dentro de si, desde que seu Joaquim desistiu de continuar a respirar aquele ar pesado de sofrimento que a vida havia lhe dado nos seus últimos dois anos. Desde então vazia de companhia, oca de alegrias, dividia seu tempo entre os afazeres da casa e os prazeres do cemitério, repouso dos mortos. Troc-trac, troc-trac, avançava entre as tumbas, desviando-se das poças frias d’água, cumprimentando aqueles familiares nomes escritos nos epitáfios do seu caminho:

- Aqui jaz Fernanda Monsanto, dedicada esposa e mãe. 17/02/1903 – 25/06/71. Olá Fernanda, hoje está frio, frio que você já não sente, sei bem, passei agora pela tua prima, que me disse que talvez ainda venha visitar você hoje, sei bem que é da boca pra fora, ela nunca tem tempo pra nada. Mas fique aí com esta margarida amarela do ramo que levo pro meu Joaquim que ele sempre gostou de partilhar tudo o que mais gostava. Vamos esperar que amanhã o tempo esteja mais claro, que essas nuvens escuras, sejam levadas por esse vento que só tem feito a gente tiritar de frio. Até amanhã.

Passou ainda por túmulos conhecidos, lançando cumprimentos a todos, progredindo em seu troc-trac, num mundo só seu, seus mortos, cordatos e amigos. Ansiava o momento em que se juntaria à sua gente, onde não precisaria mais mudar nada, seria um curtir a eternidade com a serenidade que comporta, sem mais medos do improvável, do inesperado. Sua curiosidade divagava na vida dos mortos, se é que se pode chamar vida à morte. Onde utilizariam seu eterno tempo que nunca findava era a sua maior interrogação, pois passara a maior parte do seu tempo a economizá-lo para poder gastá-lo onde tivesse mais prazer. Como seria quando tivesse todo o tempo do mundo? E nas questões do amor, seria um comportamento diferente da vida, ou seja, haveria ciúmes, infidelidades, separações, amores não correspondidos? Não queria conceber uma vida angelical, com os espíritos sentadinhos nas nuvens com aquele olhar de gente nauseada a olhar sempre para o nada, aquela vidinha chata sem finalidade, sem a interrogativa do amanhã. Se fosse assim, mas valia não morrer, Joaquim que a desculpasse, mas não era hipertensa para passar a morte inteira em uma “vida” sem sal nenhum, sem pimenta. Em seus monólogos com os mortos, esses assuntos compunham a pauta principal, mas nem um indício de explicação obtivera. Iria partir da vida sem ter certezas e isso começava a preocupá-la, pois não teria ainda muitos anos de dúvidas, logo logo a vida (ou seria a morte?), daria as respostas.

Começara a chover forte e Romana abrigou-se no mausoléu do conde de... (letras ilegíveis), que ela havia apelidado conde bondoso, porque a porta não tinha chave e era sempre o seu refúgio em tempos de chuva, pois ficava em frente ao túmulo raso do Joaquim e podia continuar sua conversa com ele, de dentro do mausoléu do bondoso conde, que sempre gostou da única visitante que tinha desde há décadas. Começou ali mesmo a comer o seu lanche (naquele dia, pão com omelete, que o Joaquim adorava). A chuva veio acompanhada de melancolia, olhava para o Joaquim, chorosa, com saudades e inveja. Joaquim numa paz tamanha à sua espera, mas sem choro, só serenidade. Neste dia, Romana não se sentia lá muito bem, muitas perguntas sem respostas sobre a eternidade, como também nunca obtivera esclarecimentos sobre a finalidade dessa vida, porque se luta tanto por ela, se vamos todos morrer, qual o objetivo que esperamos, porque existimos? Sua cabeça sem estudos não sabia dar respostas a coisas tão transcendentais, mas o seu consolo foi ouvir o Dr. Gregório, conhecido filósofo da cidade, em um choro convulsivo sobre o túmulo da sua esposa recém-falecida com perguntas semelhantes às suas, pedindo respostas que não foram satisfeitas. Tivesse alguma intimidade com ele, iria consolá-lo, trazendo-o para o seu mundo de interrogações.

Naquele dia, Romana não se sentia mesmo nada bem. Volta para casa em seu troc-trac, troc-trac, com a chuva estiada, mas agora vai sem pressa, cansada de economizar tempo. Para quê esticar a vida sem propósito, sem objetivo?

E sabe que quando se sente assim é porque a tristeza das respostas adiadas tomou conta dela. Só resta a ela, tomar aqueles comprimidos receitados, que apagam a vida pelo menos por oito horas seguidas, trazendo uma paz tamanha que faz inveja aos mortos.

Acordou tarde e suada, mesmo não estando calor nenhum. Abriu os olhos e a primeira coisa que viu foi aquela mancha secular de mofo no teto que cada vez mais ganhava contornos diferentes, modificando o seu desenho. O de hoje fazia lembrar uma borboleta esmagada. Sorriu dentro da lembrança daqueles testes que os psicólogos fazem, nos mostrando figuras esquisitas que não se parecem com nada e as pessoas inventam significados no medo de uma resposta nula e eles traçando perfis de mentira para nós.

Levantou-se pensando na promessa de visita à dona Eurídice, que havia feito à dona Teresa há dois dias. Aquela senhora mesmo entregue à sua doença de nome esquisito, mas que tira a memória daqueles que a possuem, sorria todas as vezes que punha os seus olhos na figura dela. Devia achá-la velha e isso a fazia sorrir porque não fazia ideia nenhuma que é ainda mais velha que ela, que tinha idade para ser a sua mãe.

Naquele dia encontrou a Jussara com poucas palavras na boca e nenhum sorriso nos lábios. Andou a rondá-la tentando descobrir o porquê daquela tristeza e sem ter coragem de perguntar. Romana resolveu utilizar o seu velho truque: Contar coisas tristes da sua vida, cenas que quando ouvidas por quem leva tristeza na alma, provocam sempre um choro partilhando tristezas. Não deu outra coisa. Jussara ao ouvir a história de Romana sobre a filha que foi espancada pelo marido até a morte abraçou-se a ela chorando copiosamente, como quem expurga mágoas. Ela esperou que o choro acabasse e partiu para a segunda parte da estratégia.

- E você, minha filha? O que aconteceu com você?

Pronto, eram palavras mágicas, depressa o interlocutor se abria como um livro e contava tudo o que lhe ia na alma.

- Sabe dona Romana, este fim de semana eu me enchi de coragem dentro da minha cabeça e obriguei o meu corpo a fazer coisas que andava adiando eternamente. Fui procurar o Marcos, meu marido, que saiu do Ceará assim que o Josué nasceu, com destino à S. Paulo, para arranjar um emprego e depois mandar me buscar. Esperei dois anos por cartas que nunca chegaram, até que consegui descobrir o seu endereço através de um amigo e resolvi vir também procurar por ele.

Dito isso, se calou e seu olhar começou a vaguear pelo quarto, como quem procura amparo e conforto. Romana conhecia todos os passos das confissões penosas e sabia qual seria o passo seguinte, se quisesse saber a história toda. Pegou na sua mão e disse:

- Jussara, se não estiver confortável para continuar a história, não conte, não seja severa com você mesma.

Pronto, foram ditas as palavras, que como uma chave, abria o coração do contador da história.

- Eu preciso contar isso para alguém, senão expludo e a senhora sempre foi minha amiga. Quando cheguei ao tal endereço, descobri que ele já não morava mais naquele lugar, que tinha se juntado com uma grã-fina idosa e se mudado para os lados do Rio Grande do Sul e não sabiam o endereço. Aquilo só confirmou as minhas suspeitas, de que outra mulher havia aparecido na sua vida e ele tinha pura e simplesmente esquecido que tinha família. Fico com pena do Josué, que fica sempre perguntando quando vai conhecer o pai. Vou ter que inventar uma história que ele morreu, ou alguma coisa assim...

- Realmente minha filha, é a melhor história. A morte torna tudo definitivo e inapelável. É aceitar e pronto.

- Obrigada dona Romana, pelo ombro amigo. Estou mais leve. Parece que lavei a alma. Cada vez mais me convenço que a maioria das pessoas só vive a vida em volta do seu próprio umbigo, num egoísmo a toda prova.

Romana aquela manhã não foi visitar o seu defunto marido. Achou que tinha jeito para lidar com os problemas dos outros e isso trazia paz à sua alma. Foi direto para o asilo público de próximo dali e ofereceu o seu apoio voluntário aos idosos. Tinha jeito para contar histórias de ficção com fins sempre bonitos e leves, assim do gênero de contos de fadas, só que com gente real por dentro. Escolhia esse tipo de histórias porque aquelas vidas se acabavam longe das suas famílias, que por motivos vários, não estavam com elas, não comportavam mais realidades nuas e cruas. Queriam fantasia para preencher seus mundos ocupados em tristezas.

Romana saía dali mais leve e nesses dias não precisava de nenhum comprimido de sonos alienantes. Dormia um sono confortável, descontraído e repousante.

**CAPÍTULO XI**

**Definhar**

Sobre a mesa de pedra, (relíquia de fins do século XIX, herança de família) o caixão de pinho, dentro dele Josefa. Cinquenta anos, não mais. Literalmente falando. Não mais nada, chegou. Como um barco que ancora num porto e nunca mais veleja, como um velho que desiste e fica em algum lugar, simplesmente fica.

Sons de sua presença nas paredes, os cheiros, os pensamentos livres de amarras, soltos como o vento, entranhados nas carnes do velório, os segredos não revelados…

À volta dela, algumas pessoas, velando a sua morte, à espera do enterro, para voltarem às suas miseráveis vidas, arrastarem seus definhados corpos até seus catres, se estenderem de comprido, fechar os olhos e simplesmente não sonhar, dormir.

Prosseguir nas fráguas do tempo, embolizando essa corrente de sal nas veias e não esperar nada do futuro.

As horas infindáveis que Zefa passava no seu jardim, conseguindo cultivar flores que mais ninguém conseguia no lugar. Canteiros de angélicas, misturadas com cravina, com gardênias ao fundo, davam aroma ao lugar, onde passeava seu magro corpo, trôpega de silêncio, deixando fluir pensamentos jamais revelados.

Antônia divide o olhar entre as velas e o caixão, da sua amiga Zefa, agora só defunta desta amarga vida, vai ser enterrada no tão concorrido cemitério local. Tomara que não chova, o caminho ficará lamacento e Zefa não gosta, nunca gostou de chuva, mesmo vivendo neste mundo tão carente de água. Era mulher do sol, da claridade, e da clarividência, adivinhou uns tantos passados e previu alguns futuros, menos o seu; foi apanhada de surpresa, vê-se pelo seu incrédulo ar final de espanto.

Carlos recorda a convivência com Zefa, única mulher bem cheirosa do lugar, água de cheiro no rosto, roupa de alfazema,

- Ai Zefa, as saudades que já tenho e o seu corpo ainda nem se moldou ao caixão. Dizia Carlos, jogando as palavras ao vento.

O cheiro de velas, que sempre gostou, suas pequenas labaredas, produzindo sombras dançantes na parede, inebriando o ar, mas confessa que gosta mais delas quando iluminam a vida, mostram um caminho procurado, ou uma face querida, ver sua chama refletida nos olhos de quem a vê.

Caminhadas com destinos marcados e nunca atingidos, como uma tênue corda muito usada que se desfaz, desligando o tudo do nada.

Zefa agora só nada, só corpo inerte, dentro em pouco, pútrido.

Ofélia partilha um misto de tristeza e alegria, muitos conflitos com Zefa, que tinha sempre razão, mesmo quando não tinha. Mesmo assim dividiu muitos momentos com ela, a maior parte deles tumultuados, nunca, nenhum deles, indiferentes.

Como se fosse predestinação aferrolhou as ideias, as colocou em lugar inacessível, assim em um patamar onde nem Zefa alcançaria.

Torcendo o lenço nos dedos, com jeito de mágoa e abandono, olha para Zefa e sorri, sobreviveu à sua companheira de desavenças.

Levanta os olhos do chão, para que a luz da vela os ilumine e deixa rolar uma única e última lágrima por Zefa.

Depois foi vaguear até encontrar pensamentos antigos perdidos no fim de tarde, não conseguiu ficar para o enterro.

A fotografia de Zefa, posta ao lado do caixão numa moldura desgastada, em tons azuis esverdeados, um pouco diáfano, depois de retirada a outra foto, que foi parar ao lixo.

Carlos não conseguiu sentir uma tristeza coletiva, passou em revista as faces do velório, uma ou outra desligando sua atenção da morta, centrando-as em suas miseráveis vidas.

Mas o sempre bêbado do Evaristo vertia umas sinceras lágrimas, olhar absorto em Zefa, que nunca lhe negou uns trocados para a cachaça, mas o que mais iria sentir falta era do seu olhar, que nunca foi de pena, mas sim compreensão. Recosta-se, coça a perna que esfarela, acaba por se deitar no banco, sob o peso ébrio da cachaça, as lágrimas percorreram a asa do nariz, juntaram-se às lágrimas do olho esquerdo, este vertia lágrimas no banco, formando um pequeno lago, incolor, salgado, estéril como a sua vida sempre foi.

As despedidas, antes de se fechar o caixão, soavam como reza desconexa, palavras fragmentadas, atropeladas, jogadas ao ar, um carpir com letras, primeiro em tons crescentes e depois decrescentes até se atingir o silêncio necessário que a morte necessita.

Carlos pôs entre os seus dedos gélidos da morte, uma carta de despedida, o confessar do seu mais profundo eu, tormentas vividas, as ânsias, o desassossego inconfessado.

Cortejo funerário a ponto de começar, féretro fechado, o início da caminhada para o cemitério, não muito longe. Caminho já gasto pelo incessante uso neste último ano. Puxado por um burro ia o caixão de Zefa, numa carreta de madeira já muito velha, cheirando a mortos, debaixo dela, na cadência do burro, ia Lorde, o cão mais vassalo que se conhecia, companhia assídua dos mortos.

Vislumbram-se, em madeira velha com letras escarlates, (cor já passível de críticas pelas beatas da velha igreja, agora sem pároco) “Paz Eterna”. As portas do cemitério abertas em par dão passagem ao cortejo.

- Ai, Zefa, chegamos à sua última morada, não consegui retardar um pouco mais este momento. Pensava o Carlos, aferrolhando as palavras dentro de si.

Sete palmos de provocado vazio, à sua espera, em terra fria, destino final inevitável.

Sua despedida, lida por quem não tinha muito a ver com ela, com palavras que nunca seriam ditas por Zefa, com tons de frias cores.

Não mereceu um padre, mas pensando bem, ele nunca seria merecedor dela.

- Ai, Zefa, seu caixão baixa em cordas puídas, o ranger, o oscilar e por fim depositar naquele chão vermelho (mais ocre que vermelho). - lamentava o Carlos, atropelando sentimentos

As primeiras pazadas, o som oco da terra ao tocar o caixão, arrepiantes, algumas lágrimas, agora sinceras, vertidas aqui e ali,

\_Ai, Zefa, que já não vejo o seu caixão, o seu desaparecimento físico se iniciou. - atormentava-se por dentro o Carlos.

O compor da cova, o depositar da coroa de flores, marcou o final da cerimônia, e em passos apressados, as pessoas começam a abandonar o local.

O entardecer atracando-se ao cemitério fazia mais escuro o verde dos ciprestes, apagando o dia.

Já sozinho no cemitério, Carlos começa a lançar imprecações ao vento, agora sem a inibição de ouvintes não queridos:

- Ai, Zefa, agora que largou seu corpo, estenda as asas e eleve-se, sublime-se, e sinta esses aromas tão diferentes dos de cá,

-Ai, Zefa desprenda-se da ignomínia, da tirania, da miséria, da injustiça,

-Ai, Zefa, me mande mensagens, nem que sejam cifradas, que saberei lê-las, pois foi você quem as mandou, lambê-las para sentir o sabor das manhãs frescas que passamos juntos,

-Ai, Zefa, luz que apagava as minhas noites,

-Ai, Zefa, puxar você até mim, que quase desisto de ser, por ser tão só,

- Ai, Zefa, por que não me levou,

- Ai, Zefa, que inveja…

No dia seguinte ao enterro, Carlos liquefeito, assim como uma massa disforme, com a boca amarga resultado do excesso de cachaça ingerida após o enterro, muitas náuseas e uma tristeza profunda fazendo doer o seu mais profundo.

Olhos secos decidiu que iria sair daquele sertão profundo de Pernambuco, enveredar por outro tipo de vida, que tivesse mais conteúdo palpável, daqueles que se sente nos dedos. Estava farto de metáforas pouco claras e de ouvintes pouco atentos e desinteressados em resolver as assimetrias dessa vida miserável que levam. A falta de cultura latente naqueles mundos abandonados pelos políticos fazia aquela letárgica população vegetar, não vislumbrando saídas possíveis daquele estado das coisas. Miséria, fome, degradação da condição humana, desprezo e descaso dos políticos, que só se lembravam daquelas populações em épocas eleitorais, aí sim, podia-se vê-los com as palavras carregadas de promessas de resolução dos problemas do povo. Eleições acabadas desapareciam dos olhares pedintes.

Carlos necessitava trabalhar politicamente em um mundo que entendesse a sua linguagem e que estivesse, pelo menos, dispostos a ouvir as suas saídas políticas daquele descalabro social que o Brasil se tornara. Um capitalismo selvagem, que oprimia economicamente, causando um fosso enorme entre os detentores do poder e o povo faminto.

Carlos precisava ir beber à fonte do proletariado produtivo e explorado e daí receber as forças de que necessitava para continuar essa luta que trazia dentro de si. Quando se toma consciência social das desigualdades humanas, só os mais egoístas conseguem ficar alienados das resoluções desse processo sócio-político. Ele sabia que não detinha a verdade absoluta, mas sabia reconhecer as assimetrias sociais. Sabia também que necessitava de uma organização de base, que lhe desse apoio para poder prosseguir o seu trabalho. O campesinato como se sabe vai atrelado às iniciativas revolucionárias do operariado.

Carlos partiu para S. Paulo, e teria à sua frente todo um trabalho organizacional das estruturas das entidades que estavam tomando corpo na capital paulista.

Consigo levou a foto de Zefa e dentro de si umas saudades tão grandes que não cabiam dentro do seu peito.

**CAPÍTULO XII**

**Reminiscências da infância**

Retornou para dentro dos tempos longínquos e situou-se naquele espaço-tempo que sempre aflorava nas suas lembranças, num subúrbio do Rio de Janeiro da sua infância dos anos cinquenta. Foi assim a primeira vivência marcante da sua vida.

A dona Clotilde, com sua voz aguda e que se projetava de tal maneira pelas ondas sonoras, que era ouvida de longe com uma clareza que assustava o ouvinte, vociferou:

- Zezinho, vem cá, corre… Comadre Joana, a menina já tem nome?

- Tem sim comadre, é Guernica.

- Nunca ouvi esse nome.

- É o nome de um quadro pintado por um tal Picasso, que vi numa revista, era pra ser Rufina, mas achei Guernica mais bonito.

- Comadre, temos que batizar já, que a menina tá muito molinha.

- Zezinho essa vela é para segurar com as duas mãos, fique em pé, com a vela acesa em frente ao peito, e fique quietinho, não diga nada, você vai ser o padrinho, que agora não tem mais ninguém por aqui. Eu te batizo, Guernica, em nome do pai, do filho e do espírito santo, amem (cruz de sal na testa, água na cabecinha). Diz também amém, Zezinho.

- Amém...

- Pronto, Zezinho, você agora é o padrinho da Guernica.

- Ai, comadre que a menina tá morrendo…

Começou a revirar os olhinhos e a ficar muito branca com suores frios na testa e por fim parou de respirar.

Zezinho começou a se sentir inebriado, como se flutuasse, não estava ali, corpo dormente, zumbidos nos ouvidos, náuseas, ondas de variadas cores nos seus olhos, por fim um doce esmorecimento.

- Senta Zezinho, senão você vai cair de tão branco que tu tá.

Foi o seu primeiro batizado, a primeira morte que assistiu, seu primeiro contato com o nome de uma obra de arte, isso tudo com sete anos de idade e no mesmo dia.

Sua mãe era costureira e nem sequer tirou os olhos da sua máquina de costura, tinha que aprontar aquele vestido ainda naquele dia (prometera à comadre Etelvina).

Mal ouviu o seu relato e o pouco que ouviu, não acreditou ou não deu importância.

O pior é que não havia ninguém por perto para ouvir essa experiência tão fora do comum que ele havia vivido.

Era padrinho de uma Guernica morta!

Foi para a rua, naquele quente sol de fevereiro sem vento para levar dali aquelas experiências recentes, sem ouvintes para fazer a sua catarse.

Contou pro Genivaldo, que não acreditou.

- Ela é macumbeira, porque iria batizar o filho? – disse a ele.

Ele nem sequer sabia o que era ser macumbeira, como iria saber que eles não batizam os filhos? Ainda nem sequer conhecia a palavra sincretismo, tampouco o Genivaldo, que nem sequer as letras conhecia, pois apesar dos seus doze anos, era analfabeto.

Passou o resto da tarde soltando pipa com o Genivaldo, sem se importar com o calor enorme que fazia. Mas vieram interromper a brincadeira para chamá-los, pois a mãe do Genivaldo tinha caído na valeta do roçado e não se levantara mais. Ela era alcoólatra há muitos anos.

Zezinho foi ajudá-lo, mas foi de pouca valia. Ela estava toda vomitada e com o corpo completamente sem ação e não tiveram forças para ajudar a movê-la. Foi preciso três pessoas adultas para conseguir transportá-la para a cama.

Genivaldo triste e envergonhado trancou-se em seu quarto, escondendo a dor e o constrangimento.

Foi um dia bastante cheio. Foi para casa correndo, pois já estava anoitecendo e sua mãe servia o jantar às seis horas da tarde e ele tinha que estar de banho tomado na hora do jantar.

Teve uma noite agitada com as lembranças dos acontecimentos se atropelando com os sonhos, misturando os seus sentidos e personagens. Guernica era o Genivaldo que se recusara a morrer e vinha tomar a sua benção.

Acordou chorando, todo suado e tinha urinado na cama, sem saber onde estava. O dia estava encoberto e fazia muito calor. Escapuliu-se para o banheiro para tomar um banho frio, para que a sua mãe não o visse naquele estado.

Sua mãe àquela hora já estava agarrada ao trabalho na máquina de costura. Desde que o seu pai os abandonou, indo atrás da Cleonice, (que era um tesão de mulher, segundo tinha verbalizado o seu pai, no bar da esquina), lá para os lados da Baixada Fluminense, sua mãe teve que se desdobrar em ser pai e mãe, pagar as contas e pôr comida na mesa. Em compensação ficaram muito mais próximos um do outro e até se respirava ares mais leves dentro da daquela casa. Sua mãe com sorriso mais solto e semblante mais descontraído, como se a ausência do marido tivesse rompido suas amarras e acabado com a opressão do seu espírito e libertado a sua alma.

D. Joana, mãe da morta Guernica, toda chorosa, veio chamar o Zezinho para o enterro, bem cedinho.

- Zezinho você é o padrinho, tem que ir ao enterro. – disse a ele.

Só então sua mãe ouviu e acreditou na história do dia anterior. Vestiu-o com sua melhor roupa e mandou-o sozinho para o enterro, pois ainda tinha muitas costuras para despachar naquele dia.

D. Joana levava-o pela mão, na frente ia um caixão branco, que mais parecia uma caixa de sapatos grande.

Atrás deles iam pessoas, todas adultas e vestidas de branco.

Apertou a mão que o conduzia, quando entraram pelo portão do cemitério, pois era a sua primeira visita à casa dos mortos.

A inusitada experiência daquela situação, ficou de tal modo gravada em sua memória, que até hoje a revê como se fosse um fato recente.

Quando o caixãozinho, baixou a sete palmos, ouviu-se um batuque e os pontos de umbanda começaram a ecoar pelos ares. Uma música bonita que só, cantada em iorubá, uma antiga língua falada em Lagos, capital da Nigéria, de onde vieram diversos elementos da religião da umbanda.

A manhã estava terrivelmente quente e seca. Um pó muito fino levantava-se, fazendo-o tossir.

O choro convulsivo da dona Joana, fazia balançar o seu corpanzil duma forma cômica e cantava, enquanto chorava.

Como num turbilhão confuso, as palavras imperceptíveis em iorubá, fizeram a sua mente flutuar outra vez, era tudo tão estranho para ele. Uma criança morta, uma mãe inconsolável, os cânticos e toda aquela ambiência, confundiam-no, tornando quase tudo surreal na sua visão de criança.

No caminho de volta, veio no colo de dona Joana, que não o largava, molhando-o com suas lágrimas.

Foi a despedida mais bonita que ele assistiu em sua vida.

Sua afilhada Guernica não conheceu a vida, foi como um sopro, uma nuance, que só veio a este mundo para fazê-lo adulto aos sete anos de idade.

José Benêncio só perdeu o apelido de Zezinho, quando, já adulto se mudou para a capital de S. Paulo, depois da morte da mãe. Ela faleceu, quando o Benêncio, por força das suas atividades profissionais, mudou-se para Petrópolis e só a visitava de quando em quando, desligando-se do cordão umbilical que o protegeu tantos anos. Ela foi se exaurindo de forças anímicas, deixando de se alimentar, numa depressão que foi se aprofundando até que se esqueceu de respirar numa manhã de temporal. Benêncio se viu sozinho no mundo e tirou dali de vez o seu corpo, mudando de cidade.

Ia responder ao chamado de uma agência de empregos pedindo um chefe em cozinha francesa para um restaurante de primeira linha, que ia abrir na capital paulista. Benêncio tinha muita experiência e ótimas referências. Chegando lá, foi selecionado para as provas práticas, que incluíam cinco pratos franceses, que tinha que executar numa manhã. Com ele oito outros foram escolhidos. Após a prova três foram contratados e o Benêncio seria o chefe, pois a sua cozinha era excelente. Foi contratado com um bom salário. Teria que trabalhar em regime de exclusividade e compor um cardápio francês, com pelo menos vinte pratos para escolha, com a promessa de renová-lo a cada seis meses. Estava na rotatividade dos pratos o segredo da cozinha diferente. Era uma enorme sala de refeições e Benêncio viu-se com muito trabalho pela frente. Teria que primar pela qualidade sem se importar com o custo dos ingredientes. Assim funcionava a alta cozinha.

O trabalho de formação da cozinha, com o treinamento da execução daqueles pratos, já começara e ele teria que treinar a boa confecção com a rapidez exigida pelos bons restaurantes. Durante duas semanas, Fátima e o Antônio, foram as cobaias da sua cozinha. Foram limando arestas, até que se chegou a um consenso e foi aprovado o cardápio.

Benêncio só sentia o peso do dia de trabalho, quando encostava a cabeça no seu travesseiro de homem solteiro, carente de companhia para dividir as horas de ócio. Ali na solidão das quatro paredes é que sentia a rudeza da sua vida sem sentido. Acabara de completar trinta anos e ainda não tinha conseguido estabilizar-se socialmente. Simplesmente acumulara trinta anos de solidão.

**Capítulo XIII**

**Considerações amargas**

Havia considerações de várias ordens a serem discutidas, simultaneamente, todas as vezes que se encontravam. Como se fossem ideias postas na pauta das discussões. Mas não eram, elas iam surgindo, fruto dos pensamentos trocados e quase nunca havia um resultado que se pudesse apontar como ponto final. Eram tão efêmeros os pensamentos que quase se dispersavam no fluir dos dias. Liquefaziam-se desaparecendo na coerência necessária ao discernimento lógico dos ouvidos atentos. Tanto esforço dispendido na compreensão dos acontecimentos cruentos dos dias declarados, que feriam os olhos míopes dos ouvintes. Tanta poeira dispersa a ofuscar a visão que se declarava o óbvio ao obscurantismo.

Às vezes sentia que era bom beber o néctar que se oferecia sem perguntar se a dádiva era merecida. Era como se tudo fosse lógico o quanto bastasse.

Mas não era. Todo o caminho que parecia lógico, não era. Toda a aparência tida como a óbvia, não era. Tudo se configurava como dados tidos como verdades absolutas. Mas onde se encontra a verdade absoluta? A epifania como uma súbita sensação de realização ou compreensão da essência de algo, mostrava-se clara, mas inacessível.

Todas as interrogações da vida pensada foram atiradas na parede, escarrapachadas à espera que mentes pensantes pudessem esclarecê-las. Mas sabemos que na maioria das vezes não o eram. Ficam sem respostas, como tantas interrogações que nos entram pelos olhos. Mas fica o valor da abordagem, quando ela é sincera. De que vale a vida quando ela nos passa ao largo? Quando não incluímos nela os nossos pensares? Quando deixamos que o pensamento coletivo e burro fale por nós?

Às vezes o que apetece ao comum dos mortais, é que pura e simplesmente que os pensamentos não tivessem valores. Que fossem encarados como meros fatos casuais e como tais esquecidos na poeira dos anos que iam se acumulando no despropósito dos tempos.

Saber o que era concreto sem a palpação comprovativa só indicava o diagnóstico imperfeito. Era como se deixássemos que a justiça fluísse sem o apoio lógico da ciência investigadora.

Contornar todo o óbvio, descrever um círculo obsoleto em que o início não define o fim, era como acatar o impróprio.

Naquela noite, cansado de discussões nem sempre apropriadas à lógica desejada, repousou a sua cabeça em um velho travesseiro e deixou que fluísse o sono reconfortador dos dias muito trabalhados e apagou a sua máquina de produzir pensamentos discordantes e ferrou num sono tão profundo que fez inveja ao sonolento Morfeu...

Carlos cerrou os olhos ardentes de tanta fixação imprópria, colocou uma venda negra apagando o mundo e escondeu-se do óbvio...

**CAPÍTULO XIV**

**Pouso ansiado**

Projetou inconstâncias no chão que pisava, assim como imagens foscas e indefinidas do passado recente e tropeçou nelas, como quem tropeça em pedras soltas pelo caminho. Aquele passado vinha em inconstâncias, em flashes, não se preocupando com a lógica das coisas, tornando tudo um pouco confuso ao compor as lembranças dentro da justeza dos tempos. Como se as imagens indefinidas estivessem sujas de um musgo acumulado pelos anos. Carlos sabia que a imagem de Zefa iria permanecer ainda por muito tempo em suas retinas, entranhada nas suas circunvoluções cerebrais, gravada a ferro e fogo. Apanhava-se muitas vezes a conversar com ela quando a calma dos dias o atingia, e quando a solidão o invadia e nesses diálogos mudos de respostas, é que se convencia cada vez mais não haveria um retorno do seu passado.

Havia conseguido alugar uma casa num cortiço bem próximo ao centro da capital paulistana. Era uma casa velha com o cheiro de bolor e estava precisando de obras que não seriam feitas pelo proprietário. Mas Carlos olhou bem à sua volta e só conseguiu enxergar uma extrema miséria decadente, tanto nas habitações como na vida das pessoas. Estava morando no meio do povo miserável, aquele que nada tem de seu, aquele que tem montanhas de filhos por falta de um planejamento familiar condigno e que não tem comida para pôr em cima da mesa na maioria das vezes. Sentia-se no ar o gosto amargo da miséria. Era contra esse estado de coisas que ele tinha sempre lutado toda a sua vida. Bem ali no meio do povo sofredor é que se achava em casa, no meio daquelas forças produtivas, que geram a mais valia com que os donos do capital embelezam as suas vidas, em extravagâncias que bradam aos céus, enquanto os trabalhadores desse capital passam fome nas ruas daquela megalópole.

Como é possível que todo esse estado de coisas exista sem que haja um governo que diga um grande basta a toda essa exploração do homem pelo homem?

Para essa pergunta, a própria história já tinha dado uma resposta. Os governos dos países com esse tipo de capitalismo selvagem eram formados pelos donos do capital e seus acólitos. O diagnóstico estava feito pelos estudiosos da economia dos estados. E o remédio já havia sido encontrado e estava apontado como ideal para curar aqueles males. Só que para aviar aquela receita, não havia farmácias sociais disponíveis.

Era função do Carlos, atuar em organizações políticas que pudesse mostrar aquele povo sofredor um caminho para acabar com todo esse estado de coisas e que pusesse fim à fome e as condições de vida degradada que tinham. Sabia que era muito difícil convencer as pessoas que toda aquela riqueza gerada com os seus suores, pertencia a eles. Que com uma distribuição justa da riqueza, não haveria fome, miséria, tampouco haveria ricos a esbanjarem dinheiro.

Muitas vezes, na incredibilidade das suas palavras, era apontado como um louco sonhador.

- Ninguém dá aquilo que tem só porque os pobres acham que deveriam dividir o dinheiro que lhes pertencem. – dizia a maioria das pessoas que o ouviam.

Desconheciam o enorme poder que têm as massas trabalhadoras produtivas.

Marcava reuniões de esclarecimento político nos sindicatos da mais diversa indústria paulistana e arredores. Tinha facilidade de comunicação e apresentava os temas não como assuntos resolvidos, mas deixava as interrogações para serem discutidas. E era através dessa discussão, que os operários iam tomando parte da possível resolução do caos econômico, principalmente o do povo trabalhador. Iam se vislumbrando caminhos de melhoria das condições de trabalho e de remuneração. Carlos conseguira pôr na agenda de trabalhos uma possível greve dos metalúrgicos para melhoria salarial. Quando tudo se encaminhava para uma greve geral, o patronato numa manobra inteligente aumentou os salários em 8%, quando a aspiração era de 16%, dizendo que era o aumento possível perante a crise econômica. Mas essa crise econômica só entrava na casa do operariado, nunca nas mesas opulentas do patronato. Mas foi o que bastou para que houvesse uma total desmobilização para a greve. Os operários mais uma vez, contentaram-se com migalhas. O principal objetivo da greve era atingir uma tomada de consciência pelo operariado, da sua força, como elemento que move toda aquela maquinaria industrial e que gera tanto dinheiro.

Carlos saiu derrotado desta luta política. Sabia que teria de esperar uma melhor oportunidade para novas investidas. Manteve aberto um pequeno curso político no meio do operariado, com no máximo meia hora de duração em dois dias de semana. Elaborou um curso de esclarecimento político-social, com palavras muito simples que pudessem ser entendidas pela aquela população analfabeta e semianalfabeta. Procura utilizar conceitos básicos que fossem visíveis na vida do dia a dia. Utilizava muito pouco a palavra política, que estava imbuída de conceitos que distorciam a sua realidade, tida quase como uma palavra proibida, conotada com os famigerados comunistas. Esse preconceito contra os comunistas vinha de longa data e era quase impossível apresentar o verdadeiro sentido da palavra sem que as pessoas se desinteressassem. Era um rótulo pesado e Carlos nunca o utilizava em público, principalmente quando queria ganhar as pessoas para uma causa concreta. As palavras têm o valor que tem, nada mais. Pode-se conseguir o mesmo objetivo, utilizando outros termos, dourando a pílula.

Para chegar mais até aquela população, Carlos começou a trabalhar no escritório de uma grande metalúrgica e ligado ao sindicato dos metalúrgicos. Tinha que se esforçar para conseguir pequenos avanços. Mas quando conseguia um militante com consciência de classe, sabia que tinha dado um grande passo. Esses operários ganhos para a causa do socialismo eram sementes que iriam dar frutos em seu próprio meio, minando aqui e acolá a enorme barreira da opressão existente no capitalismo. Cada operário esclarecido era uma facada no peito dos opressores.

Carlos andava desamparado de amores e achou que já havia conseguido enterrar a Zefa. Precisava procurar uma companheira, que o ser humano é um bicho social, não consegue ter sanidade mental vivendo sozinho.

No fim da sua jornada diária, começou com o hábito de se sentar na pracinha no meio do caminho para casa. Lá fumava um cigarro enquanto observava os outros seres viventes que partilhavam o seu ar. Lá conheceu o Josué, que chutou uma bola que veio parar no seu colo. Era um garotinho de mais ou menos seis anos, brincalhão e inteligente. Puxou conversa com ele assim que pôs os olhos em cima da Jussara, sua mãe.

- Bom dia Josué. – disse.

- Como sabe o nome do meu filho? – interpelou a Jussara.

- Foi fácil, você chama por ele muitas vezes.

- É verdade. Tenho medo que ele se escapula do parque vá para a rua movimentada. Ainda no outro dia, uma criança foi atropelada aqui.

- É uma criança cheia de energia, que precisa ser gasta, para ficar em equilíbrio com o corpo.

- É. Ainda no outro dia a psicóloga da escola, deu essa indicação para mim, como tratamento da agitação dele.

- E porque ele é irrequieto?

- Perdeu o pai muito cedo, aliás, nem sequer chegou a conhecê-lo. É falta de uma figura paterna. Trabalho em uma casa onde só têm mulheres.

- Realmente precisamos de todos para atingir o nosso equilíbrio.

Foi dessa maneira o primeiro contato com a Jussara, girando à volta do Josué. A partir de então ficou assíduo da pracinha e notou que a Jussara vinha mais bem arranjada e com uma cor leve nos lábios e face, com o sorriso mais fácil.

Resolveu fazer um teste e ausentou-se durante uma semana do parque, ficando ao longe a observá-la. Notou que Jussara percorria todo o parque vagueando o olhar, perscrutando cada cantinho do parque à sua procura, depois sentava-se desconsolada no banco habitual com o sorriso desaparecido do rosto.

Foi assim toda a semana, até que Carlos reapareceu, também um pouco mais produzido, assim com as calças mais bem passadas, sapatos engraxados, o cabelo no lugar e um cheirinho leve de “Boss”, que infelizmente tem nome de patrão, mas era dos poucos perfumes que gostava.

Jussara não conseguiu disfarçar a alegria ao vê-lo, rasgou-se um enorme sorriso na sua boca, mostrando seus brancos dentes e extremamente prolixa, bombardeou-o com perguntas sobre a sua ausência, como se ele lhe devesse explicações. Foi nesse momento que Carlos sentiu que tinha conquistado a Jussara, com a sua maneira simples de ser e, talvez, pelos olhares de interesse com que ele sempre a fustigava.

Começou a ganhar a confiança do Josué, que em pouco tempo já se aninhava no seu colo pedindo histórias, que eram diferentes de todas as outras que costumava ouvir. Eram sempre histórias com gente dentro, nada da falaciosa vida surreal dos animais que falavam. Mas eram histórias que falavam, principalmente dos meninos, que tinham uma vida real.

A amizade que Jussara fez com a dona Romana, também serviu para que ela ficasse tomando conta da dona Eurídice e do Josué, quando Jussara começou a dar umas fugidas à noite, para ir a um cinema ou jantar no restaurante italiano próximo de casa, que não era caro.

Em pouco tempo, surgiu uma relação amorosa entre os dois, que se aprofundou de tal maneira, que chegou ao ponto da paixão mútua com tanta força e intensidade, que o refúgio na casa do Carlos após o cinema ou jantar era quase diário. Jussara passou a dar uma parte do seu pagamento mensal à dona Romana, que assim sentiu-se compensada pelos trabalhos noturnos que fazia acompanhando a dona Eurídice e o Josué.

Jussara resolveu se abrir com a dona Teresa.

- Estou refazendo a minha vida amorosa e necessito de ter as noites para mim. A dona Romana aceitou ficar a partir das dezoito horas até as oito horas da manhã cuidando da dona Eurídice.

- Lógico, Jussara. Tem todo o direito de ter as noites livres. Vou acertar um salário para você e outro para a dona Romana.

E foi dessa maneira que Jussara se mudou com o Josué para o cortiço do Carlos, iniciando uma nova fase em sua vida.

Pediu suas primeiras férias e começou a tratar daquela velha casa e o primeiro tratamento foi a pintura. Jussara já havia feito isso no Ceará e sabia como fazê-lo. Num instante tudo tomou um ar mais limpo e agradável. Fez amizades com a vizinhança e todas as mulheres, combinaram fazer um mutirão de limpeza no cortiço.

A casa ficava naquilo que se chama cortiço de quintal, ou seja, ocupa o centro do quarteirão, com acesso para a rua através de um pequeno corredor. De frente para a rua ao lado do portão de entrada, havia um prédio com uma padaria.

O mutirão serviu, além da limpeza, para unir os moradores em torno de trabalhos comuns. O próximo mutirão já estava agendado, seria para criar hortas coletivas nos espaços vazios. Aquele comprometimento com o coletivo fazia a união dos moradores em torno da melhoria da qualidade das suas vidas. Carlos aproveitou aqueles tempos de confraternização para criar os fins de semana solidários, em que todos trabalhariam na melhoria de cada casa, começando pelas mais deterioradas. Carlos começou por ativar um fundo social de materiais de construção que conseguiu arranjar em um fundo destinado para este fim na prefeitura. Aquele cortiço pertencia ao dono da padaria, um velho português chamado Joaquim, há muito radicado na capital. O Joaquim depois de ver o empenho dos moradores na melhoria das condições das casas, resolveu custear todo o material necessário para as obras e os moradores dariam o seu trabalho. Carlos havia conseguido, sem ter pretensões a isso um acordo tácito entre o capital e o povo. A finalidade dele era demonstrar aos moradores, que a união faz a força e ela pode ser tão grande a ponto de destruir todas as barreiras possíveis. No caso conseguiu-se um acordo que beneficiaria a todos, o proprietário com a valorização dos seus imóveis e os inquilinos com a melhoria da qualidade de suas vidas.

Serviu para mostrar que pode haver mais do que uma saída para qualquer crise. Em pouco tempo o cortiço mudou de face e seus moradores ficaram convencidos que o associativismo pode ser a solução dos problemas e que, além disso, aproximam as pessoas, tornando as suas vivências mais agradáveis.

Daquela comunidade surgiram os primeiros militantes sindicalizados daquele bairro. A prática social conjunta revelou a eles que unidos e organizados, têm força mais que suficiente para mudar o rumo daquele todo estado de coisas.

Jussara por sua parte também já estava convencida disso e formou a associação das mulheres do bairro, cuja finalidade não era prestar auxílio caridoso, como as esposas dos grandes capitalistas, mas sim apontar os erros de diagnóstico que a prefeitura realizava e mostrar que eles não apontavam saídas justas para a resolução das necessidades do povo pobre da região. “Modifique cada pedaço ao seu redor e irá modificar toda a política geral”. Ninguém pretendia ficar de fora daquela organização e Jussara, sem ter pretendido, tornou-se no porta-voz daquele povo explorado. A pretensão era tão somente repor a justiça social. Ela não acreditava que as pessoas pudessem ser felizes, vendo outras passando fome ao seu lado. E resolveram adotar o slogan “Fome nunca mais”. Fizeram uma grande faixa e a colocaram na entrada do cortiço.

A solidariedade interna no cortiço havia atingido o ponto de eliminar a fome naquele meio, com um fundo alimentar criado para o efeito, com o apoio da prefeitura e dos comerciantes do bairro. Só com a barriga cheia é que se consegue ter o discernimento para se entender que quando as pessoas se unem em torno de objetivos concretos, conseguem resolver os problemas mais agudos.

A organização estava ganhando o respeito necessário para influenciar outras comunidades abandonadas na miséria. Começou a ganhar força quando surgiram outras associações e se juntaram à que se iniciou no bairro. Começavam a ter visibilidade e também a ser temidas pelo poder que até então tinha mantido todo aquele estado de coisas.

Tudo o que estava acontecendo, serviu para unir mais o casal, que agora tinha objetivos de luta social comuns. Quando o dia terminava e seus corpos se uniam, estavam irmanados naquele amor que abrangia os seres que viviam próximos aos seus mundos, o desafio constituía em fazer com que cada vez mais as pessoas pudessem atingir a clarividência social e aplicar o remédio social encontrado.

Carlos tornou-se no homem mais feliz do mundo quando Jussara lhe segredou ao ouvido, para que só ele ouvisse, que estava se sentindo viva na sua companhia e que ao seguir os seus passos, havia encontrado o seu caminho.

**CAPÍTULO XV**

**Lembranças amenas**

Jussara lembrava-se que nos tempos idos de sua meninice, muitas vezes tentava penetrar no mundo do cego Antônio, seu vizinho, que com a sua bengala branca, ia tateando os muros e as pedras dos degraus, tlec, tlec, descendo com uma desenvoltura de dar inveja a um coxo. Nas suas tentativas de imitá-lo, além de ir de encontro às ásperas paredes de pedra, caía quase sempre nos degraus, achando sempre que por falta de atenção e não por falta dos olhos.

O cão do cego, tinha uma paciência infinita para aturá-lo, pois ele parava em determinados lugares durante horas balançando uma canequinha de alumínio, para pedir esmola.

Jussara o seguia muitas vezes e notava que de vez em quando ele esvaziava a canequinha no bolso e só deixava uma moeda a tilintar no caneco, mostrando a sua pobreza e as pessoas com pena, davam trocados a ele.

Por vezes ela chegou a duvidar de sua cegueira, pois ele adivinhava sempre o sexo das pessoas e dizia:

- Obrigado menina. - Obrigado meu rapaz.

Sem nunca se enganar nenhuma vez. Certa vez Jussara chegou bem devagarzinho e sentou-se bem perto dele e ele virado para ela a dizer:

- Se você não for embora, chamo a sua mãe, Jussara.

- Como sabe que sou eu? – Perguntava Jussara.

Pelo seu cheiro de menina que não se lava, vou fazer queixa à sua mãe. – repetia.

Mas não fazia nada e esquecia o incidente com pena dela. Jussara não sabia por que seria passível de pena, pois seus pais lhe davam o dinheiro que ela quisesse sem que precisasse balançar a canequinha na esquina.

Uma vez ela entrou na casa do cego Antônio quando ele saiu. Esperou que ele abrisse a porta e colocou um plástico na fechadura, ele ouviu a porta bater e foi embora. Depois foi só puxar o plástico e abrir a porta, pobre de quem é cego!

Lá dentro, uma penumbra total, com cheiro de mofo, de quem nunca abre a janela para entrar a luz que ele não via, mas tudo completamente arrumado, a louça lavada e assim...

Jussara confirmou a cegueira dele, pela falta de televisão, e no lugar dela, um toca-discos e um rádio. Observou com espanto os discos, quase todos eruditos e contemporâneos. O professor da Jussara era músico e a ensinou a identificar os vários estilos musicais.

-Olha, a porra do cego é ligado na cultura! – pensou, sem verbalizar a imprecação.

Numa estante, dois livros em braile, muito grossos e pesados.

Quando o cego voltou, Jussara investiu:

- Sr. Antônio, o senhor me ensina a ler braile?

E ele disfarçando:

- Pra quê se você enxerga? – respondeu.

E ela:

- Cultura nunca é demais.

- Olha que surpresa, a garota se fazendo de intelectual. E o que você me dá em troca?

- Faço as suas compras na mercearia.

- E o que mais?

- Faço companhia para você, quando puder.

- Tá bem, mas se você for burra, eu desisto.

- Ok me dá um abraço.

Achou que ninguém o tinha abraçado até aquele dia, pois as lágrimas escorreram pelo seu rosto.

O cego Antônio era engraçado. Sabia ensinar tão bem que Jussara aprendeu braile muito rápido e se tornou uma grande amiga sua.

Passaram a trocar experiências de conhecimentos, ele passava para ela, os que acumulou desde sempre, e ela oferecia os seus olhos em descrições cheias de cor e formatos, e ele ia fantasiando, compondo, enchendo a imaginação e quase sempre sorria em agradecimento pelo fim de sua cegueira.

Esse sentimento de ajuda mútua, Jussara estava a revivendo ao cuidar da dona Eurídice. Mesmo perdida dentro da sua cabeça em confusões mirabolantes, ela sorria e verbalizava agradecimentos pelos bons tratos que recebia.

Jussara se apegou a ela de tal maneira que nela projetava a sua mãe falecida há tantos anos. Seu amor pela velhinha aumentou, quando se apercebeu que o Josué também gostava muito dela. Por várias vezes foi encontrar o filho, dormindo aninhado ao lado da dona Eurídice, numa cena tão comovente que quando foi presenciada pela dona Teresa, provocou rios de lágrimas, mostrando a humanidade cuidadosamente ocultada por ela.

Dona Teresa era muito reservada e não era dada a confidências. Para se dar a conhecer, deixava os seus editoriais do jornal sempre à vista na esperança que Jussara os lesse. E realmente ela o fazia. Um dia a interpelou:

- Nossa dona Teresa, a senhora escreve tão bem, que não preciso que ninguém me explique nada sobre o texto. É tudo tão claro e bonito.

- Que bom que você gosta e entende logo na primeira leitura. É sinal que eu consigo me comunicar. Obrigada pelo comentário.

E pela primeira vez a beijou na face em sinal de amizade. Jussara sentiu que havia conquistado uma amiga.

Mas nos últimos tempos, havia notado que o semblante da dona Tereza andava mais carregado, mostrando sempre a ruga de expressão na testa mais contraída e o olhar vagueava sem rumo, sem se fixar em nada. As raras vezes que comia em casa, só beliscava uma coisinha e ia para o quarto, num abandono de si própria que fazia dó.

Jussara havia se apegado muito à dona Romana, que ultimamente vinha lhe fazer companhia muitas vezes, contando histórias e mais histórias dos defuntos do cemitério e também do lar de idosos que visitava quase todos os dias, substituindo os mortos pelos já quase mortos. Ela contava muitas histórias das cabeças dos idosos com Alzheimer e muitas que de tão sem lógica acabavam por ter todo o nexo do mundo. Josué adorava aquelas histórias e nunca duvidava da veracidade delas, achava a coisa mais natural do mundo. No seu mais novo trabalho noturno, Romana havia se afeiçoado muito à dona Eurídice e comunicava-se com ela como se comunicava com os mortos, mesmo porque achava que a dona Eurídice já estava morta para a vida, só que se tinha recusado a ir para debaixo da terra confortavelmente deitada em um caixão acetinado e perfumado no seu interior.

**CAPÍTULO XVI**

**A viuvez de Marlene**

Naquela chuvosa e fria manhã paulistana, Jussara recebeu a notícia da morte do Josimar, vítima de desastre com a sua moto no centro da cidade. Tinha sido imprensado contra um muro por um caminhão pesado. Teve morte imediata e o seu corpo foi tão trucidado que ficou irreconhecível, de tal maneira que o caixão ficou fechado no velório. Marlene estava arrasada. Como em todos os casos de morte violenta e inesperada, os familiares e amigos são surpreendidos e o choque emocional se instala. Vive-se um ambiente onde todos estão ansiosos e dizem coisas desconexas, repetindo vezes sem conta a ocorrência do acidente, acrescentando sempre algo na história, passando de boca em boca, num prolongar sem fim. Há sempre alguém que teima em relembrar como o morto era uma boa pessoa, como todos gostavam dele, que iria fazer muita falta à família e aos amigos. Passavam rodadas de salgadinhos e cachaça, faziam rodas de contadores de piadas e lá pelas tantas umas prolongadas gargalhadas iluminavam o velório, saídas das bocas dormentes das cachaçadas. Assim se passava a noite, em que quase sempre apareciam os profissionais dos velórios, dizendo-se amigos do morto, com o único fim de forrar o estômago com os salgadinhos e cachaça. No fim da noite, não era raro encontrar pessoas dormitando por todos os cantos da casa, apagando a bêbada vigília.

Marlene estava inconsolável e atônita. Repetiu, agarrada ao ombro da Jussara, que ele estava fazendo reformas no centro da cidade, em uma mansão e iria render um bom dinheiro. A última vez que o viu foi na manhã da sua morte e estava muito feliz com o trabalho que havia conseguido. Já havia feito planos de utilizar aquele dinheiro na melhoria da casa deles.

Marlene estava trabalhando no restaurante da Fátima no primeiro andar, no restaurante português. Tinha muito trabalho, chegava a trabalhar doze horas por dia e com isso ganhava horas extras. Mas confessou que ganhava mais em gorjetas do que com o salário. Já tinham umas economias para as obras da casa.

Josimar havia morrido sem concretizar o seu sonho de ser pai, e Marlene culpava-se por isso.

- Não fui capaz de lhe dar o filho que tanto queria.

Jogava suas culpas ao vento, repetindo a mesma frase para todos que chegavam, parecia alucinada.

- Não se martirize com culpas que não existem. Ninguém escolhe ser estéril. – dizia a Jussara.

Foi enterrado em um cemitério próximo ao bairro. O cortejo teve poucas pessoas, pois a maioria já tinha ido embora com os olhos cheios de cachaça.

Mas Marlene só necessitava do consolo da sua amiga do peito. Jussara a levou para dormir na sua casa, pois Marlene não conseguiu voltar para a sua casa vazia.

Jussara estava tentando convencer a Marlene a alugar uma casa que estava vaga no cortiço, que depois de recuperada e com o quintal plantado com vegetais, virou um lugar agradável de morar e ficava perto do restaurante da Fátima.

Marlene acabou por se convencer a mudar e pôs a sua casa para alugar. Ficaria mais perto da sua amiga e do trabalho. No espaço de uma semana, já era a nova moradora do cortiço.

**CAPÍTULO XVII**

**O restaurante das classes dominantes**

A Fátima e o Antônio conseguiram levar a termo o projeto do restaurante em tempo recorde e em menos de um ano o inauguraram. No primeiro andar ficava o restaurante português, no segundo o francês e no terceiro uma sala que seria reservada para a cultura, ou seja, exposições de pinturas, eventos musicais voltados mais para a música erudita, com música de câmara ou semelhantes.

Joaquim Gonçalves, um rico comerciante português do Rio de Janeiro é um músico com projeção nacional e foi convidado pelo Antônio para inaugurar o restaurante. Traria o seu quarteto de música de câmara para tocar na festa de inauguração. Ela seria no terceiro andar, onde já estavam expostos quadros e algumas peças de escultura de Hélio Oiticica, que só acedeu ao pedido de expor naquele espaço, porque foi muito amigo do pai do Antônio. Hélio Oiticica de inspiração anarquista é considerado um dos artistas mais revolucionários do seu tempo e a sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Ele criou o [Parangolé](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parangol%C3%A9s), que chamava de "antiarte por excelência", é uma pintura viva e ambulante, uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos, (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerada uma [escultura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura) móvel.

Hélio Oiticica e o Joaquim Gonçalves eram nomes muito conhecidos no mundo da cultura brasileira e abrilhantaram a inauguração do restaurante, colocando-o entre os acontecimentos mais importantes daquele ano na urbe paulistana.

No dia seguinte foi constatado que o restaurante já tinha a agenda cheia por um período de dois meses. O sucesso estava garantido, agora era cuidar para que primasse pela qualidade, já que era isso que as pessoas que iriam frequentá-lo, procuravam, sem se importarem com o preço que iriam pagar, ou seja, aquele restaurante estava voltado para a grande burguesia paulistana, brasileira e internacional.

Fátima havia evoluído bastante culturalmente ao lado do Antônio, mas era uma cultura elitista, dirigida para os donos do capital, a quem eles pretendiam servir. De modo que suas vidas gravitavam em torno da opulência da alta burguesia brasileira e internacional. Era um mundo à parte de todo o contexto real do Brasil, em que a grande maioria do povo vivia abaixo do limiar da miséria, não tendo nada de seu e muitas vezes nem comida para servir aos seus filhos. Era um fosso muito profundo que separava aqueles mundos, obrigados a conviver fisicamente como quase vizinhos. Os estrangeiros (principalmente os europeus) que chegavam àqueles ambientes físicos tão próximos ficavam chocados com tamanha discrepância social. Quando iam embora para as suas terras, levavam os olhos aviltados de ver tanta injustiça não reparada pelos governantes.

Fátima ficou como que deslumbrada pelo brilho ofuscante da burguesia que a rodeava. Depressa se esqueceu da sua proveniência pequeno burguesa do nível mais baixo, onde nasceu e se tornou adulta. Depressa se lavou nos perfumes franceses e na roupa sóbria e cara dos que a circundavam. Achou que naquele mundo de encantamento, sem precisar esbarrar na miséria do dia-a-dia, estaria mais confortável. Como diria o povão, Fátima estava cuspindo no prato que comeu. Das suas poucas e antigas amizades, já tinha se esquecido. A sua transformação foi tão intensa, que a deixou irreconhecível aos olhos dos que a conheciam.

Nas aulas que ministrou aos seus funcionários que iriam servir às mesas, além da técnica do trabalho, incutiu neles, a fina educação que com certeza os clientes gostariam de serem servidos. Primou no tom sóbrio dos uniformes e exigia elegância em cada gesto.

Naturalmente que a Marlene sentiu muita dificuldade em aprender aqueles modos tão esquisitos para ela e tão importantes no atendimento aos clientes. Mas era inteligente e depressa os aprendeu. Mas não era a sua praia, aquilo era só trabalho, o seu mundo continuava a ser o mesmo de sempre, junto com a sua gente é que se sentia bem. Sua viuvez estava em fase de cura, a ferida estava cicatrizando sem exuberâncias quelóides, o tempo e o trabalho haviam se incumbido de tornar mais calmas as amarguras de sua vida. Só a morte não encontra destino escapatório.

Os empregados comiam antes de servirem as refeições dos clientes e sempre no piso do restaurante português. Marlene quando sentiu a aquiescência da paz a invadi-la, começou a reparar nas pessoas que a circundavam, começou a reparar em Benêncio, que quase nunca tirava os olhos dela, a não ser quando os seus olhares se encontravam e ele, corado, o desviava. Foi o primeiro homem que Marlene viu corar quando encontrava o seu olhar. Ele sentava-se estrategicamente de modo a que pudesse observá-la de modo confortável, sem chamar a atenção dos colegas. Só trocavam rápidos cumprimentos, mas havia algo no ar entre os dois. Ambos sentiam isso, sem nenhum tomar qualquer iniciativa.

Marlene dava por si a pensar no Benêncio, aquele ser um pouco estranho e de poucas palavras na boca, mas também seria assim com os seus pensares? Marlene sentiu que teria que ser ela a precipitar um relacionamento. Benêncio parecia estar respeitando uma viuvez que ainda era relativamente recente. Os homens são dados a temer essas barreiras do além, nebulosas, onde trafegam sentimentos não revelados e confusos, daqueles que misturam respeito de memórias, que vêm em inconstâncias, como em ondas, ora fortes, ora como um mar tão calmo que adormece o mais insone.

Benêncio imbuído em coragem adquirida na retribuição dos olhares trouxe para ela, uma sobremesa francesa feita por ele, assim um docinho pequeno e de nome esquisito. Entregou após o almoço, pedindo que provasse e desse a sua opinião. Queria que provasse o seu doce. Estaria falando em linguagem metafórica? (Pensou Marlene).

- Ando fazendo umas experiências com as sobremesas francesas e queria que você me desse a sua opinião sobre esse doce que acabei de fazer, - disse, com voz um pouco medrosa, sem saber qual seria a reação dela.

- Com prazer. Gosto muito de doces, só não como muitas vezes com medo de engordar. – respondeu com um sorriso.

E foi o primeiro de muitos doces que Marlene foi dada a provar por aquele ser que começou a se introduzir na sua vida, daquela maneira tão suave e de sorriso gentil.

Surgiu uma paixão tão grande entre os dois, que apagou a forma capciosa, que a relação entre eles havia começado. Sofregamente devoram os corpos um do outro, parecendo que se queriam fundir em um único ser. Marlene achou que nunca tinha vivenciado um amor tão carnal, tão de entrega total. Contava as horas que a separavam do fim do dia de trabalho. Para mexer naquele corpo másculo e beijar aquela boca.

Era a primeira paixão do Benêncio, até ali só tinha tido contatos sexuais fortuitos e efêmeros com mulheres que acabavam por desaparecer da sua vida e já tinha chegado à conclusão que essa história de amor e paixão era coisa de livros melosos, pois tudo se resumia ao prazer sexual demorando somente alguns minutos.

Quando a Marlene surgiu na sua vida, foi provar de uma fonte nunca antes bebida. Tudo era tão intenso que se arrependeu de nunca ter tentado viver a vida com essa entrega total. É na troca de sentimentos que se atinge o âmago da vida. Quem tem reservas, não tem dádiva e perde a entrega.

Resolveram morar no cortiço, junto com sua gente. Aproveitar a essência dessa vida, enquanto ela não desaparece. Marlene já tinha aprendido o quanto a vida pode ser imprevisível. Toda a arte da existência está em viver o momento sem reservas. O momento seguinte pode nunca existir. Extrair dos nossos momentos o que ele nos oferece, saboreá-los em toda a sua profundidade, saber que só o presente existe.

Jussara estava muito feliz pelo ressurgimento da vida viva na existência da sua amiga. Amigas de longa data e agora vizinhas na felicidade por ambas conquistada.

Marlene adoeceu, tinha tonturas, suores frios e não conseguia reter nada em seu estômago. Emagreceu, andava pálida, até que a sua patroa Fátima, a mandou ao médico da empresa. Não queria funcionários com possíveis doenças contagiosas a servirem as mesas dos clientes, não queria denegrir a qualidade do restaurante. Marlene sabia que era mesmo só por isso, a máquina tinha de produzir a cem por cento. Era assim que funcionava a cabeça da sua patroa.

Fez vários exames e quando saiu o resultado, foi assim como se uma luz muito intensa iluminasse todo o seu ser. Estava grávida! Pediu comprovação do diagnóstico e não havia dúvidas. Só então compreendeu que a esterilidade era do Josimar. Foi como se um enorme peso saísse de cima dela. Todas as culpas que ela havia assumido haviam desaparecido inesperadamente.

Projetaram a vida para um futuro próximo, onde seriam brindados com o fruto do imenso amor que nutriam um pelo outro.

Novo tempero acrescentado, novo sabor adquirido em suas existências.

Aquele cortiço parecia que foi tocado pelos céus desde que o Carlos foi morar lá e começou a introduzir mudanças no espaço físico e na vida daquelas pessoas. Conseguiu iluminar com o seu otimismo todo aquele ambiente. Parece que ele atraía, polarizava mesmo o amor à sua volta. Se fosse em épocas medievais, o fariam profeta ou santo.

O certo é que o Carlos aproveitava qualquer pretexto que aparecia, para fazer com que as pessoas se irmanassem em objetivos comuns e de proveito social, em que a justiça das coisas se configurasse como metas em suas vidas. Alargar horizontes, destruir o pensamento obstruído pelas lógicas adquiridas pelo poder instituído, limpar os passados e mostrar o quanto a força organizacional das pessoas pode conseguir. A força que surge daí é imensa. Um coletivo fortalecido pelas conquistas torna-se inabalável.

Carlos era o indivíduo polarizador daquelas forças menosprezadas pelos governos, que não conseguem ver o poder que elas têm. Nas fábricas e nos sindicatos ele estava apontado como um elemento imprescindível como representante dos trabalhadores. Ele conseguia incendiar aquelas massas produtivas, que depositam nele toda confiança nos projetos políticos que ele ia introduzindo. Quase como um ícone do operariado ele prosseguia sua luta a favor da igualdade das coisas.

Carlos tinha luz própria...

**CAPÍTULO XVIII**

**Tereza bicho social**

Quando Teresa saiu do interior de Santa Catarina para abraçar a carreira de jornalista na capital paulistana, estava dando azo à necessidade de escrever. Só assim se sentia bem. Quando se candidatou àquele emprego, mandou inúmeros textos seus, que comprovavam o valor da sua escrita e a cultura que tinha acumulado nos anos de estudo e ócio obrigatório do desemprego. Ou seja, apesar de desempregada, Teresa nunca desistiu do objetivo, até que conseguiu ser visível.

Na capital, começou com artigos de menor importância para as suas aspirações jornalísticas. Mas nunca se negou a realizar os trabalhos impostos. Dava a eles, o seu cunho pessoal e tornava matérias que, em princípio, serviriam apenas para ocupar espaços, em leituras de conteúdo interessante. Lembrava-se do seu primeiro trabalho no jornal, ao cobrir um almoço beneficente para proteção dos animais abandonados. No tal almoço teve que entrevistar senhoras da alta sociedade e colheu uma enxurrada de verborreia que feriria os ouvidos mais atentos e preocupados com causas sociais que não mereciam estes destaques. Tereza distorceu as entrevistas de tal maneira que quem lesse a reportagem ficaria com a ideia que era uma ação de beneficente para os lazarentos que dormiam desprotegidos naquela cidade. Nunca usou a palavra cães, dizia desprotegidos, famintos, abandonados, com chagas piores que cristo, sem lar, doentes, aviltados, violentados e termos que tais. Ilustrou a matéria com uma foto dum mendigo dormindo na rua abraçado a um cachorro. E enalteceu as senhoras da alta sociedade que ocupavam o seu tempo a tornar a vida um pouco mais fácil àqueles seres. O artigo, acabou por sair na segunda página (estava destinada à sexta página) com fotos das senhoras ao lado da foto do mendigo. Conseguiu mudar o sentido da ação. Seu chefe achou que a reportagem escrita daquela maneira, iria sensibilizar o público muito mais do que se só contivesse o motivo real. As senhoras acharam que não tinham explicado muito bem à Tereza, o objetivo do almoço. Teresa fez-se de desentendida e propôs àquelas senhoras que no próximo almoço, convidassem os mendigos da cidade, ou seja, começassem a fazer ações diretas junto àquela população, mostrando que a classe dominante estava preocupada com a vida miserável daqueles seres. Com esse tipo de ação, calou qualquer protesto delas, que não queriam ser apontadas como alienadas.

Cedo seu chefe entendeu que tinha uma ótima jornalista na Tereza e começou a lhe dar reportagens de fundo político e social. Percebeu que o olhar da Tereza tinha mais brilho e notou com que garra se atirava ao trabalho, nunca se importando com o tempo a mais que dispendia. O trabalho saía sempre perfeito. Reportagens contundentes, colocando o dedo na ferida e mostrando as chagas sociais.

Em pouco tempo conquistou uma coluna diária, onde era livre para escolher o texto. Acabou por produzir neles composições que aumentaram a tiragem do jornal.

Fez uma série de reportagens de cobertura das greves dos metalúrgicos da Grande São Paulo, onde não ficava descrevendo somente os objetivos das greves, ia mais fundo, compondo artigos com as opiniões dos patrões e dos operários, entrevistando familiares dos patrões com vidas burguesas, contrapondo e mesclando textos, enfocando os familiares dos operários que nada tinham de seu.

Não tirava conclusões, pura e simplesmente expunha os problemas e as vidas daquelas pessoas. O leitor extrairia dali as suas conclusões. Essas reportagens tiveram tanto sucesso que Tereza teve uma proposta para trabalhar em um jornal de direita, com um salário dez vezes maior do que era pago pelo seu jornal. O tal jornal pertencia a um familiar de um industrial metalúrgico. Quiseram calar a sua voz comprando a sua consciência. Só então Tereza compreendeu que a sua intervenção social estava surtindo o efeito pretendido. Conseguia tirar da imobilidade política as classes antagônicas. Acirrou a luta de classes com simples palavras escritas.

Tereza também começou a colaborar com textos mais ou menos didáticos nos jornais sindicais, primeiro a pedido de um sindicalista muito querido pelos operários, o Carlos. Ele conseguiu que a Tereza desse um pouco do seu quase inexistente tempo de lazer para a causa sindical e aquele periódico que antes só falava dos problemas, começou a ficar matizado com a verdadeira arte da escrita. Tereza descobriu em pouco tempo, que conseguiria ganhar mais leitores se saísse do lugar comum, se introduzisse um pouco da vida das pessoas, seus anseios, suas privações sociais, suas dificuldades em conseguir educar e alimentar os filhos. Incluiu naquele jornal, uma coluna de poesia, que ia buscar junto aos associados. Pedia colaboração, que no início veio assim no gênero medroso de quem só costuma escrever recados em pedaços de papel. Depois, começou a surgir uma poesia “naif”, de uma ingenuidade a toda prova, que valia pelo conteúdo humano. Assim uma poesia com gente dentro, escrita por quem nunca teve pretensões literárias, para quem começava a adquirir o gosto pela leitura. O jornal sindical passou a ser distribuído duas vezes por semana e cada vez mais as tiragens, tinham que ser aumentadas. A fome não era só literalmente de comida, era de comunicação, arte e catarses coletivas, de comunhão entre seres que não tinham nada de seu, materialmente falando. Seres que só tinham a perder as suas amarras e tinham a ganhar toda uma abertura de espírito que fazia bem àquelas almas.

Tereza compôs uma reportagem no cortiço onde morava o Carlos e sua empregada Jussara, mostrando que as pessoas podem modificar as suas vidas quando se empenham em objetivos comuns. Assim irmanadas ganham plasticidade humana, tornam-se visíveis, projetam esperanças. Mesmo porque o mais importante, são as pessoas que vivem neste planeta obstruído. Todo o resto só serve para compor o cenário.

Jussara aumentou a sua dose de admiração pela dona Tereza, quando descobriu toda essa dedicação “pro bono”. Mas Tereza também ficou muito mais rica de sentimentos, de amizades, de reconhecimentos. Encontrou o seu caminho e o seu lugar na sociedade, disso podia se orgulhar, mesmo porque não é muita gente que consegue. Tereza mais bicho social...

**CAPÍTULO XIX**

**Exclusão social**

Gotas enormes de suor escorriam por todo o seu corpo, penetrando pelos ouvidos e principalmente pelos olhos, o sal que fazia arder todos os seus poros, tendo que parar o trabalho constantemente para limpá-los com o encharcado lenço. Seus colegas pareciam imunes a isso, continuavam o trabalho, tal como moto contínuo, sem queixas, sem esgares, só um semblante resignado de esforço de um trabalho que refaziam todos os dias, há muitos anos, sempre igual, monocórdico, que roubava toda a força dos seus corpos, exaurindo-os de vontades e ânimos.

Zé Cachaça, estava naquele trabalho há menos de dois meses que pareciam séculos para ele. Ganhara aquele apelido, porque era muito amigo de um bom copo de cachaça e porque se chamava Zé. Não nascera mesmo para trabalhar no sal debaixo do sol. Aquilo era trabalho escravo. Seu trabalho era tão somente encher os cestos com sal, que retirava com uma pá da montanha de sal. Deram aquele trabalho para ele, quando viram o seu fraco físico e perceberam que ele não conseguiria pôr os pesados cestos no ombro e carregá-los por mais de quinhentos metros, subir uma rampa de madeira escorregadia e esvaziá-los dentro de um caminhão que o transportaria o sal à fábrica de beneficiamento.

Não tinham outra água disponível para se refrescarem, a não ser as águas da salina, extremamente salgadas, deixando o corpo coberto de pequenas pedras de sal quando a água se evaporava.

Dizem que o inferno é só fogo, então ali era pior, era sol e sal, combinação que não se dá bem com a vida humana.

No princípio teve a ajuda dos colegas, quando exaurido, tinha que parar para descansar e como não podia parar, logo era substituído por um colega, até que o fôlego lhe voltasse. Só a partir da segunda semana, já endurecido e conformado, é que Zé Cachaça, conseguiu cumprir a jornada inteira de trabalho sem descansos não permitidos. Pagava rodadas de cachaça aos companheiros, como pagamento da solidariedade recebida.

Zé Cachaça tinha vindo do cortiço da Jussara na capital paulistana para as salinas, fugindo das dívidas que a falta de trabalho e a cachaça em excesso, fez acumular. Quando a sua mulher o abandonou, vencida por seu vício, levou junto o único filho de cinco anos, que já tinha vergonha das cenas que o pai fazia no cortiço depois de homéricas bebedeiras. Nunca fora violento, tinha uma boa cachaça, como as vizinhas diziam. Mesmo assim, sua mulher cansou-se daquilo que ele se tornara. Já não era o seu Zé, era o Zé cachaça. Devia dinheiro a todas as pessoas, que por pena iam fiando ou emprestando dinheiro, a tal ponto que não havia mais a quem pedir, tampouco. Não havia ser vivente que ele não devesse muito dinheiro. Ela pegou o filho e no seu constrangimento perene e voltou para o sertão pernambucano. Jussara comprometeu-se a dar notícias do marido dela se algo de novo acontecesse.

Zé Cachaça fugiu das dívidas e refugiou-se no sal debaixo do sol. Dormia onde calhasse, como um cachorro sem dono.

A sua habilidade com o violão e para o canto sertanejo, valeu um quarto e alimentação no bar das salinas, que duplicou sua clientela, desde que o Zé Cachaça começou a tocar as noites, com cantigas de encantar, de amores não correspondidos (o Zé Capunha as chamava de músicas de corno manso).

De voz roufenha e grave, dedilhado com poucos erros no violão, cedo seu nome de cantador ficou conhecido na região, a ponto de ter abandonado o trabalho nas salinas, para tocar nos botecos do lugar a sua dolente música, cada noite num boteco diferente, percorrendo toda aquela pobre região, enchendo a noite de encanto.

Compunha um cenário surreal, assim bonito dentro de um mundo horroroso, cheio de miséria, de gente que trabalhava o dia inteiro nas salinas por um salário de fome, mal dando para alimentar os filhos, morando em barracos miseráveis com esgotos a céu aberto mesmo a ladear os seus lares.

Fugir daquele mundo, por pequenos momentos que fosse, embalados pela música, fazia uma espécie de transfiguração do mundo real, pintando sonhos no ar, desenhando mundos diferentes dos seus, jogando-os para fora da realidade crua e nua.

Zé Cachaça cada vez bebia mais, o torpor esperado, a ilusão de vida diferente, mas principalmente era o embotar dos pensamentos que mais queria atingir, assim tentando afogar a vida, retirar o seu sopro vital.

A Clotilde surgiu no caminho do Zé Cachaça, como uma margem segura, onde poderia se agarrar para não soçobrar. Abancou-se na vida dele atraída pela sua doçura e pela sua música.

Vinda dos lados da Bahia entregou-se a ele sem reservas, não exigindo nada em troca. Presença constante em suas noites musicais, Clotilde compunha o serão musical, arrastando para dançar os fregueses do bar e por tal comportamento começou a ganhar um cachê, pois os bares lotavam com aquela dupla de namorados.

Quando as noites findavam, ela ia deitar o Zé, que já cheio de cachaça, mal podia andar. E depois ia ganhar mais algum dinheiro trazendo prazer sexual aos fregueses do bar. Não achava que havia infidelidade. Esse sempre fora a sua conduta. Não punha maldade no que fazia. Ela precisava de dinheiro para viver e os homens que a procuravam necessitavam de carinho e sexo. Nada disso envolvia o amor. Eram atos ingênuos, puro exercício físico.

Mas Clotilde assim como chegou do nada e se introduziu na vida do Zé Cachaça, também se esfumou da vida dele, sem despedidas e sem alardes, desintegrou-se em finos átomos invisíveis, sem cheiros e sem luz, sem deixar nenhum rastro. Volatizou-se, como nas histórias de anjos.

O Zé ficou assim descalço pisando em pregos. Esvaziado, oco, miserável. Assim como um molambo, uma marionete sem fios, chocho, de olhar perdido no horizonte daquele mundo de sol e sal.

Ele que antes só bebia à noite, achou que sua vida melhoraria se tivesse sempre a mente obnubilada etilicamente. Assim pensou, assim o fez. Esqueceu-se que existia água e bebia cachaça como se fosse o único líquido existente.

Até que chegou o seu dia de doença, doença fatídica, que começou por fazer com que sua barriga ficasse tão inchada que parecia grávido. Uma cor esverdeada e terrosa pintou sua pele e olhos. Depois sobreveio uma anorexia tamanha, que tudo aquilo que teimasse comer, vomitava. Foi emagrecendo ao ponto de não conseguir andar ou cantar.

Extremamente doente, suas forças foram-se exaurindo de forças, se desmilinguindo, até que acamou de vez (melhor dizendo arredou-se, pois era em rede que dormia).

O povo que sempre gostou da sua música, deveria ter com certeza, uma memória de galinha, pois sua ausência não foi sentida, foi ignorada, como se fosse um cachorro sem dono

Como um ser sem valia, sem ninguém que o amparasse em seus últimos momentos, definhou. Suas células se recusaram a funcionar, até que sobreveio a morte.

Só foi encontrado vários dias após a morte. O cheiro que exalava não era um cheiro característico de cadáver em decomposição, se desfez em aromas de aguardente muito forte e doce, atraindo um enxame de abelhas para beberem do seu néctar, construindo ali mesmo no quarto uma enorme colmeia, que ficou presa ao seu sapato direito ainda calçado.

Ao retirarem a colmeia do quarto junto com o sapato, descobriram que já havia favos de mel e quem dele provou, disse que era doce como de quem saiu e que tinha gosto a mel musical...

Foi notícia no Diário das Salinas com o título: “Cantor alcoólatra vira mel musical após sua morte”.

Ao seu enterro só compareceu o jornalista que havia tido direito a uma reportagem de destaque com aquela notícia. Compareceu ao enterro em tom de agradecimento pela sua morte tão “sui generis” ...

Jussara mandou um telegrama à mulher dele, mas nunca soube se ela o recebeu.

**CAPÍTULO XX**

**O regresso**

João o antigo namorado de Tereza, ainda amargou as suas penas por alguns meses em Santa Catarina, mas depois partiu para o Rio de Janeiro, aproveitando uma oportunidade de emprego como contador em uma grande empresa da cidade. Lavou as suas mágoas nas frias águas de Ipanema, sugou o ar exótico do lugar e iniciou o longo caminho do esquecimento de Tereza. Rasgou todas as imagens dela que trazia consigo em cada canto da sua bagagem, depois as reduziu a cinza que espalhou no mar como de cinzas humanas se tratassem.

Houve um período que andou bebendo muito uísque, afogando suas lembranças, mas aquela atitude trazia enormes cefaleias no dia seguinte e acabou por abandonar aquela tentativa de esquecimento. Projetou saídas, várias escapatórias da realidade e nenhuma deu resultado, assim como arranjar mulheres de programa que o satisfizessem sexualmente, descarregando os seus fluídos excedentes, ou saídas com amigos de conversas fúteis na maioria sobre futebol do qual nada entendia e outras fugas como essas e nada resultou. Ainda pensou em arranjar um terapeuta, mas achou que não conseguiria confessar a outra pessoa o seu fracasso no esquecimento de um amor tão marcante como aquele.

Deixou os anos fluírem, na sua lentidão arrasadora e descobriu que era aquele o remédio – o tempo – tão simples como isso. Mas ficou coxo, como um molambo, desasado, por vezes à procura do equilíbrio estável.

Mas sobreviveu. Sozinho. Na solidão do seu pequeno e caro apartamento de Ipanema, uma daquelas quitinetes, tendo como única vantagem, ser limpa rapidamente. É ideal para o homem solteiro que não goste de acumular quinquilharias.

Sua irmã Manuela mandou um telegrama para o trabalho dele pedindo que fosse para a sua cidade, assim, mensagem seca e lacônica. João estava precisando mudar de ares e rever a terra natal e seria uma boa maneira de sacudir o pó estagnado do seu ser.

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*

Vestiu o casaco, não aquele grosso de inverno, mas um de algodão e fibra, caso a temperatura diminuísse mais. Calçou os sapatos mais macios, pois a caminhada seria longa, só faltaria agora ter que desistir por desconforto nos pés.

Há três dias, nunca se imaginaria nesta empreitada. Não pediu a ninguém que o pusesse naquela situação. A vida se incumbiu disso (ou os atores que dela fazem parte). Podem ter a certeza que nada fez para viver momentos como estes.

Sua irmã Manuela, veio procurá-lo dizendo sem papas na língua, que teria que resolver o assunto das partilhas com o irmão Joaquim, pois ele era o irmão mais velho vivo, e não poderia deixar passar impune toda aquela falta de honestidade do Joaquim.

Ficou arrasado, nunca havia lhe passado pela cabeça, situação semelhante. Mas o que é certo, é que o Joaquim tinha se apropriado de quase todo o espólio dos pais, sem prestar contas a ninguém, como se tudo fosse só dele.

Precisou de tempo para digerir tudo o que agora lhe era revelado, não poderia imaginar seu irmão fazendo tamanho roubo aos outros irmãos.

Na adolescência eram como se fossem só uma pessoa, os mesmos anseios, mesma escola, mesmo trabalho, e até trocavam de namoradas, eram unha e carne.

Antigos sons surgiam do nada e preenchiam o espaço vazio dos seus pensamentos, acabando com aquele torpor de fim de tarde, fria tarde. Sons que lhe traziam tantas recordações, do tempo em que a vida era para ser (vida) comida, degustada nos mínimos detalhes, com o tempo necessário que sobrava delas.

Depois veio aquela estúpida fase adulta, em que nunca havia o tempo necessário para nada.

As fugas, devaneios, o jogar conversa fora (tão bom), foram muito raros e pontuais.

Depois veio a fase da dispersão pelo mundo, o afastar geográfico e temporalmente da infância e puberdade. Aqui e acolá posicionados, fragmentados pelo mundo, os laços se enfraquecendo, até que os nomes não repetidos foram sendo esquecidos, suas faces se dissolvendo no tempo. Fazia esforço para se lembrar de um determinado rosto sem conseguir, mesmo quando o nome era lembrado. Aquela névoa espessa do tempo que vai cobrindo a memória, toldando o discernimento, apagando o eu. Que mais somos nesta vida senão a memória que temos dela? Sem memória só nos resta um corpo.

Esta pequena vila no interior de Santa Catarina, onde impera o verde, o frio e cheiros inesquecíveis, foi seu palco de vida até aos dezesseis anos, quando foi para a cidade completar os estudos e nunca mais regressou. Lá conheceu a Tereza o grande amor de sua vida.

Manuela e Joaquim nunca saíram daqui. Ela sempre viveu na vila, agora viúva de um casamento infeliz e sem filhos. Ele que nunca saiu da fazenda, nunca casou e a administra desde a morte dos pais, nos idos dos anos 60.

João nunca mais os contatou desde a morte dos pais, a vida sugou todos os momentos em trabalhos quotidianos repetitivos e constantes, necessários à sobrevivência.

Agora, respondendo ao chamamento da Manuela, voltou às origens, tentando dar um pouco de cor à sua apagada e cansada existência. Teve que tomar dois ônibus para chegar, os dois tempos, somando mais de oito horas, sendo o último trajeto, já em chão de terra batida, com muitos buracos abertos pelas últimas chuvas.

A vila estava localizada em um vale, cortada por um rio, bastante caudaloso no tempo das chuvas. Não mais que trezentas casas, formando um centro com uma praça em frente à igreja, à beira rio. As outras moradias estendiam-se também à beira da água nos sentidos opostos à praça, com uma única rua pavimentada de paralelepípedos, fazendo as curvas necessárias para ladear o rio.

Zona de fazendas agropecuárias, predominando a criação de gado leiteiro, e uma área já bastante grande de macieiras, aqui e acolá também videiras, com produção de um vinho razoável, consumido quase todo no local.

João ficou na casa da Manuela. Um ser magro, de olhar triste e perdido no tempo, nada efusiva ao recebê-lo. Não lhe deixou sequer descansar da viagem fatigante, começando logo a pô-lo a par da situação financeira que as atitudes do Joaquim haviam provocado. Só se via ódio em seu verde olhar, e lembrava-se do quanto eram doces na sua infância, andava sempre agarrada a ele, idolatrava-o. Perderam os laços com o distanciamento e o amargor da vida. Já nada sobrara da fase infantil, apenas tênues lembranças, perdidas nas curvas do tempo.

- João, você além de ser o irmão mais velho é o único que entende de contabilidade, e já tenho ordem do juiz para ter acesso aos livros da fazenda.

A crueza dos fatos o trouxe de novo ao mundo que tentou abandonar, mas a situação foi posta a ele, como dado adquirido e inquestionável, ele teria que resolver a questão.

-Não agora Manuela, tenho que descansar meus ossos, sacudir a poeira do corpo e da alma. – Respondeu o João

Deu-lhe mais dois dias para isso, depois teria que agir.

Aquele frio gostoso, aquele sossego revigorante, aquele vinho tão bom, naquela esplanada do restaurante, que tantas lembranças lhe traziam, o fizeram revisitar o seu passado.

Compor um tempo, juntando pedaços fragmentados de memórias, moldar em estrutura física e dar-se uma nova oportunidade, tentando mudar o seu rumo para um de leitura contemporânea em que pudesse se o ator principal neste teatro da vida, para chegar ao mundo atual e encararem-se uns aos outros dizendo somente verdades, isto é que seria verdadeiramente mágico.

A ideação do perfeito é sempre mágica, nunca real. Essas fugas constantes do agora levam os seres ao futuro irrealizável, bonito, cheiroso, sem problemas, esse que a literatura água-com-açúcar, tenta por vezes nos transportar. Porque falar do real, do quotidiano, da vida tão repetitiva do nosso dia-a-dia, que só nos dá a camisa e o pão de cada dia, não atrai interlocutor nenhum, nem os mais pacientes.

. Por isso que se usa o poder de fuga que a criatividade nos dá, lemos o mundo maravilhoso que nossos escritores nos oferecem, como uma dádiva da vida, ouvimos as criações musicais, vamos ao teatro e ao cinema.

A melancolia já começava a apoderar-se dele outra vez, deu uns passos até seu quarto e mergulhou nos lençóis perfumados com que a Manuela fez a sua cama, puxou aquele cobertor com cheiro de lã, cerrou os olhos e embalou-se num sono profundo e sem sonhos. Ele deslocado de qualquer realidade, dentro de si próprio, pensamentos recolhidos como em uma concha.

Conseguiu carona na charrete do Constâncio, puxada por dois cavalos, que ia para os lados da fazenda. Deixou-o na estrada da fazenda duas horas após o início da jornada. Ainda teria pelo menos duas horas de caminhada a subir e descer várias ladeiras, pois naquela zona o terreno era bem acidentado, mochila nas costas com roupas para uma semana. Não tinha pressa de chegar, não era agradável o motivo de sua visita. A paisagem era de cortar o fôlego, algumas ravinas, dois pequenos riachos atravessando o caminho, até que atingiu a pomar das macieiras, agora em flor, bem maltratadas por sinal. Lá ao fundo as baias dos cavalos e o curral das vacas.

Muita desolação. Ao seu redor parecia tudo abandonado.

A paz o atingiu porque regressou à sua terra e agora com o coração completo, mesmo com as mãos desnudadas, mas a memória cheia dos amores trazidos e das lembranças da infância.

Trôpego de emoção subiu os primeiros degraus da entrada principal. As horas que passou ali sentado sentindo o pulsar da fazenda, olhando para além do horizonte, desenhando sonhos.

Bateu palmas, bateu na porta, chamou pelo Joaquim, e nada…

Entrou casa adentro, pela porta destrancada, percorreu o salão, a sala de jantar, subiu para os quartos e nada, mas os cômodos estavam limpos, portanto a casa não estava abandonada.

Deixou a mochila no seu antigo quarto e saiu da casa à procura do Joaquim.

A ravina virada a leste sempre foi o seu lugar preferido, ia dar em um rio, um pouco mais abaixo, onde um grosso tronco caído servia de ponte, onde se sentara inúmeras vezes para pescar piabas, que depois de cevadas com miolo de pão, se pescava em abundância, pequenininhas, como são boas. Num golpe com o canivete, eram estripadas, lavadas, temperadas só com sal, passadas no fubá e fritas. Eram maravilhosas, não havia quem não gostasse. Joaquim era o seu companheiro de pesca, e mesmo nos dias em que não conseguiam pescar, não arredava pé, sempre a seu lado. E em tudo sempre fora assim, companheiro inseparável de brincadeiras na fazenda, e mais tarde na escola, era ele quem se lembrava das artes mais atrevidas e perigosas, como subir em uma mangueira, amarrar uma corda imitando um cipó, e balançar-se até o primeiro andar da escola, para observar as meninas no banheiro. Levou uma semana de suspensão por isso e o pai não foi nada meigo no castigo.

Não sabia como deixaram que o tempo e a distância, fizessem diluir essa proximidade. Foi desaparecendo aos poucos até que só algumas lembranças o traziam a sua memória, mas vinham difusas, sem saudades.

Não estava na ravina, talvez nem estivesse na fazenda, talvez fosse visitar um vizinho.

Aproximava-se a noite, já o lusco-fusco ia dando lugar a penumbra e por fim escuridão total, uma noite sem lua e fria.

Regressou para casa.

Quase não dormiu, deu voltas e mais voltas na cama. Como iria encarar o seu irmão preferido, após anos de ausência e dizer que vinha para conferir suas contas, pois havia no ar suspeitas de usurpação indevida de bens dos pais?

Pensou em ir-se embora bem cedinho antes dele chegar e ficar no conforto da sua covardia.

Milhares de hipóteses passaram por sua cabeça, todas para arranjar uma maneira para fugir ao confronto pessoal, que sempre detestou. Simplesmente passar a bola para a Manuela.

Acordou tarde e cansado, com cheiro a café e pão frescos, só então se lembrou de que não havia jantado.

Desceu, e encontrou uma senhora já idosa, que não conhecia.

- É o João, irmão do Joaquim, não é? Recebi um recado escrito dizendo que você viria.

- Exato. E a senhora (preferiu esse tratamento distante), quem é?

- Eu era a empregada do Joaquim, só vim até aqui para recebê-lo e fiz-lhe o café da manhã.

- Não trabalha mais aqui?

- Não, porque já não me pagam o salário, e estou velha para trabalhar de graça.

- E porque o Joaquim deixou de pagá-la?

Ela sentou-se à sua frente, olhou-o fixamente nos olhos e disse-lhe:

- Porque seu irmão está morto.

Sentiu um forte zumbido nos ouvidos e náuseas ao ponto de quase vômito. Instalou-se aquele silêncio necessário para a compreensão da notícia.

Vieram em catadupa todas as imagens e sons do passado, não por ordem cronológica, mas confusas, difusas.

Assim esteve boa parte da manhã, sem dizer qualquer palavra, culpando-se interiormente pelo objetivo da sua visita.

- Quando morreu?

-Há nove dias, era para avisar a Manuela, mas me desculpe, não suporto a sua irmã, ela sempre maltratou o Joaquim, ela que descobrisse por si própria, infelizmente vai ser por seu intermédio.

- Está no cemitério velho?

- Sim. Me desculpe, mas tenho que ir embora.

\_ obrigado por tudo, vou deixar o pagamento aqui na cozinha.

O cemitério velho era assim chamado porque foi feito outro novo a dois quilômetros dali.

Era sair da estrada, atravessar o milharal e avistava-se o muro do cemitério quase todo em ruínas, já não havia portão e ninguém que cuidasse do espaço. O matagal tomara conta de quase tudo, de modo que só as tumbas não muito antigas estavam à vista. As acácias em flor emprestavam sua cor àquele abandono. Já quase não se conseguia ler as inscrições nos túmulos, o musgo, a hera e o capim tudo escondiam. Achava que todo cemitério deveria ser assim, as coisas se apagando como as lembranças na memória do tempo.

- Foi fácil encontrar a sua tumba, Joaquim, era a única limpa. Só minha cabeça está suja dos motivos que me levaram a procurá-lo, e peço desculpas pelos motivos, ao mesmo tempo agradeço, pois assim o encontrei, mesmo fora do tempo e do corpo. Ao ver o abandono da fazenda, resolvi tomar conta dela, gastando o tempo que me resta no prosseguimento do seu trabalho. Obrigado por tudo, Joaquim. – disse em palavras lançadas ao vento.

Finalmente podia enterrar os seus pés num lugar, e ficar à espera que criassem profundas raízes com um forte tronco e que florescesse e frutificasse em doces frutos. Sentir o vento a levar os minutos remanescentes que lhe restavam, sentir o sol e a lua no rosto e não ter mais medo de nada...

**CAPÍTULO XXI**

**3ª D.P.**

Propositalmente posicionou-se, assim no meio do caminho, bem no meio, com seu enorme e pesado corpo, impedindo o progresso dos apressados transeuntes, que queriam chegar a tempo de pegar o metrô para o centro da cidade. Seu passo arrastado e vagaroso levou à impaciência do Roberto, que pediu licença e empurrou ao mesmo tempo, como quem diz, - sai do caminho seu merda!

Foi o suficiente, sem palavras, o gordo virou o seu grande corpo com o braço esquerdo em riste e arremessou Roberto contra a parede, violentamente. Roberto bateu com a cabeça e caiu no chão, como um saco de batatas, provocando um som assim, oco. Nenhum gemido sequer ficou como morto.

- Foi aí que começou o linchamento, seu delegado. O primeiro foi o António, que é amante do Roberto, ele vinha com um pesado candelabro de metal, que havia acabado de comprar e partiu a peça na cabeça do gordo, que parece que nem sentiu, seu delegado. O gordo deu um murro na cabeça do António que ele caiu redondo no chão para fazer companhia ao amante. Aí o povão avançou para cima do gordo, que levou tanta porrada, seu delegado, que o sangue espirrava, mas vinha junto com uma gordura amarela, assim parecida com a das galinhas. Enquanto o monstro não ficou estatelado no chão, inconsciente, o povão não deixou de dar porrada, tamanha era a raiva que o gordão causou. O seu delegado não me pediu nenhuma opinião, mas a meu ver o único que deve ser penalizado é o filho-da-puta do gordo, desculpe o palavrão, seu delegado. Ele parecia que estava fazendo de propósito, seu delegado, como não conseguia andar depressa, os outros que esperassem. O povão todo na pressa de chegar a tempo para os seus empregos e o gordo de merda impedindo.

- Tá bom, já chega, sente-se ali e aguarde a sua declaração estar pronta para assinar e depois pode ir embora.

O delegado respirou de alívio, era o último depoimento de dezoito recebidos, todos condenando o gordo. Já eram oito da noite e Everaldo o delegado da 3ª DP, encerrou seu plantão, cansado de tanta merda que acontece naquele bairro, pior que o plantão do hospital, com certeza. Seu pensamento agora era só para Marília, mulher de fechar o comércio, que só foi na onda dele por ser delegado, ele sabia muito bem disso. Ele era assim uma fraca figura, alto, magricela demais, cabelos oleosos, empastados, face marcada da acne da juventude, que não foi nada meiga com ele. Nunca teve sucesso com as mulheres, mais tudo se modificou quando chegou ao cargo atual. Um delegado é sempre um delegado, cheio de poder, todos a fazerem reverências à sua passagem, cumprimentando cordialmente. A respeitarem o poder.

Mas Everaldo estava louco pela Marília, que era destaque na escola de samba e atraia a atenção de todos os machos da redondeza. Sabia que ela com certeza não era fiel a ele, mas ele agia como um corno manso, daqueles que fingem não saber. Porque não queria perder aquele xodó, cheirosa que só, Marília, todos os dias vinha como uma maneira diferente de fazer sexo parece que estudava o Kama sutra ou aplicava os conhecimentos adquiridos com outros machos.

Nesta noite, ela chegou triste, pois o gordo, afinal era o seu tio preferido e dava uma boa mesada para ela (por causa de algum bobó, que ela sabia fazer divinamente).

Queria, exigia, aliás, que ele encaminhasse o processo de modo a condenar o casal de gays, que são antipáticas que só, e não se dão com ninguém, acham que são os donos do mudo, olhando toda gente de cima.

Everaldo, com uma calma angelical, explicou-lhe que ele não era nenhum juiz, só formalizava o processo e o resto não era com ele.

- Ao menos, prenda os gays por uns dias para serem estuprados na cadeia, para servir de lição.

- Minha morena, eles estão internados, o seu tio, quase os matou de porrada.

- Ainda bem, assim aprendem a respeitar as pessoas doentes.

- E que doença tem o gordo?

- Pô Everaldo, ele é tão gordo que só pode ser doença, quem consegue engordar tanto assim se não estiver doente?

- Doente ou não ele provocou a fúria de todo povão que queria passar e ele não deixava, respondeu Everaldo com uma ponta de ciúme.

- Tô chateada, hoje não tem nada pra ninguém, vá tirando daí a ideia.

- Ô minha morena, estou cheio de tesão, anda cá e dê um chamego no seu delegado.

De nada adiantou o seu apelo, Marília, num rodopio, virou as costas para ele e desapareceu na esquina, corpo bamboleando equilibrado em cima de sapatos com salto 7,5, desviando com cuidado dos buracos, indo a caminho do cortiço.

Everaldo ficou pregado no chão, mas seu pensar ia longe. Foi para casa, tomou um banho frio, aperaltou-se, perfumou-se. Marília só poderia estar em três lugares.

Começou na gafieira “El dourado”. Aquilo estava abarrotado, o grupo de samba daquela noite era famoso, mas nada dela. Ficou de conversa com a Cremilda, uma baixinha, mas muito bem-feita de corpo com perfume patchouli, fez uma festinha na bunda dela, que sorriu, ele com a fome que estava, esteve para desistir de procurar a Marília e encarar a Cremilda, mas acabou por beber três cachaças reforçadas e partiu para a agremiação do bairro. Estava tudo muito chato lá e se ela esteve ali, já tinha saído. Não quis perguntar por ela, sentia que a sua paixão por Marília, já era motivo de chacota no bairro.

Foi para a escola de samba, aquilo fervia, não havia ensaio, era uma noite aberta, inclusive ao turismo. Muitas gringas dando sopa, cada uma mais bonita que a outra, mas Everaldo só tinha o pensamento para a Marília.

Engoliu mais três cachacinhas bem servidas, que para o delegado não se poupa na medida.

Perscrutou o ambiente, nessas noites abertas, tudo ficava completamente diferente e mais caro, o que filtrava a frequência, indo só as pessoas que não se importavam de gastar o dobro ou o triplo dos outros dias, isso chamava a freguesia mais endinheirada, que assim não se sujava em misturar-se com o povão.

A direção justificava-se, dizendo que o dinheiro arrecadado nessas noites é que sustentava a despesa do carnaval, todos sabiam da pequena verba que a secretaria de turismo dava a cada escola, só chegava para os alfinetes. O comércio local ia compondo o orçamento da escola e o resto do dinheiro era conseguido nessas noites livres. O povão compreendia, mas não gostava de ser excluído pelo poder do dinheiro.

Essa escola de samba era diferente das demais. Mantinha sempre um fundo social, com assistentes sociais envolvidas no projeto, e iam procurar as pessoas nas franjas da sociedade pauperizada ao ponto de não terem o que comer. Integrava-as ao trabalho da escola, dava um salário a elas, exigia que seus filhos frequentassem a escola pública, protegia-as das garras das gangues de droga, que acabavam sempre por se valer desses desgraçados.

Era um projeto bonito, que tinha o apoio do delegado na proteção policial contra o tráfico.

O delegado era bem considerado no meio, porque buscava sempre estar ao lado do povo, não usava aquele chavão muito usado de “justiça cega”, porque achava que ela não era cega aos detentores do poder. Mas na sua DP, rico não tinha proteção nenhuma. Sabia que não iria manter o seu cargo muito tempo, era só haver uma virada no poder local e outro delegado seria indigitado para o seu cargo. Mas enquanto ali estivesse, era assim que se cantava o samba.

Encontrou Rogério, nome de gay e realmente era. Era o criativo da escola, fazia adereços como ninguém. A escola devia a ele muitas vitórias. Era um ser humano fabuloso, de uma sensibilidade, de um tato com os problemas sociais, que o faziam, por vezes, mais competente que as assistentes sociais. Imiscuía-se nas situações mais complicadas e conseguia sempre uma resposta satisfatória. As pessoas confiavam nele. Era do gênero de chorar com as pessoas e rir com elas. Ninguém diria que provinha da alta burguesia. Seu pai é dono de uma cadeia de hotéis no Rio e São Paulo. Todos os anos ele aparece na escola com um gordo cheque do pai, como donativo para a agremiação. Mas mora no cortiço, numa casa simples, com mobília simples, não aceita mesada. Vive do seu trabalho na escola de samba. Todos o respeitam, mesmo os mais homo fóbicos. Tem um amante que é enfermeiro no posto de saúde local. Parece que tem sua vida amorosa estabilizada e não assedia ninguém.

O delegado perguntou pela Marília, se a tinha visto. Ele corou quando respondeu que não, não a tinha visto aquela noite. Rogério não sabia mentir, aquela resposta soou como um vi, mas não posso dizer com quem.

O delegado enfiou mais umas cachaças, parecia que bebia água. Começou a sentir aquela doce obnubilação da cachaça, os olhos ficando vermelhos e injetados, as ideias a se atropelarem no vazio, a música ouvida como se estivesse sendo tocada em uma sala fechada e ele estivesse fora dela.

Sorriu para uma gringa, mas não teve troco, com elas o peso da sua profissão não contava.

Resolveu sair, tomar ar fresco. Mas o ar lá fora estava longe de estar fresco, estava uma noite muito quente. Voltou para o conforto do ar condicionado e pensou que talvez a sua mulata devesse estar no meio dos foliões da escola e resolveu procurar.

Não estava no salão dançando. Achou que as pessoas o olhavam de uma maneira diferente do habitual, evitando-o e começou a pensar que escondiam algo, com o seu faro aguçado de delegado que acabava sempre por descobrir as mentiras dos meliantes, pelos comportamentos desviantes do esperado.

Procurou por aqueles recantos que tão bem conhecia, até entrou no banheiro das mulheres, pedindo desculpas, que era delegado e procurava um fugitivo. Não estava em lugar nenhum.

Resolveu ir para os escritórios da gerência e chamou a atenção dele uma luz na sala interior, alguém a fechar as cortinas. Aproximou-se devagar, sentia seu sangue gelar, um suor frio brotou em sua fronte, vontade de tossir, mas reprimiu a tosse. Colou o ouvido na fina parede, que só servia para ampliar os sons. Gemidos de prazer, uma voz masculina a falar inglês, entrecortada de prazer, respirações ofegantes.

Everaldo gelou quando reconheceu a voz da Marília, em gemidos de êxtase. Sentiu o chão fugir debaixo dos pés, visão turva, tonturas, zumbidos nos ouvidos tão forte que o deixava assim surdo de todo. Experimentou a porta, não estava trancada. Apontou a cabeça por uma nesga da abertura da porta, o suficiente para que o seu olho esquerdo observasse a cena.

Marília sofregamente abocanhava com gula o pênis do gringo, que gemia de prazer.

Titubeou, não conseguia pensar, como se estivesse a levitar, sem peso nenhum, sem domínio sobre o seu corpo, ficando assim num espaço intemporal que nunca tinha experimentado, ausente de si, fora de seu corpo. Quando deu por si, estava a segurar Marília pelos cabelos, o gringo no chão de barriga para cima, com o peito escorrendo um líquido vermelho, assim como groselha forte, a abrir a boca, como quem fala sem, no entanto, proferir nenhum som ou talvez a surdez do delegado...

Everaldo não conseguia ouvir absolutamente nada, os lábios da Marília a se moverem sem nenhum som. Puxou-a para si, aquele fabuloso corpo, quente, cheiroso. Colou-se a ela e sentiu um líquido pulsante a lambuzar a sua mão de um vermelho pegajoso, Marília a se tingir daquele vermelho, o vestido branco, agora matizado em sulcos de um vermelho ora vivo, ora esbatido, seus sapatos molhados daquela cor que o delegado já se habituara no seu dia-a-dia, o vermelho a avançar pelo chão tingindo os sapatos de tecido branco do Everaldo que ficaram mais bonitos assim com matizes de vermelho, o vermelho a tentar pintar todo o quarto, atingindo os degraus e seguindo seu caminho, aqueles naturais dos líquidos, que vão se imiscuindo em frinchas, pequenos buracos, formando poças de formatos diferentes.

Depois a Marília com sono, esmorecendo, desfalecendo assim num esgar de dor, mas sem som, muda de voz e de vida. Pegou seu fabuloso corpo e levou para o sofá, aconchegou-se ao seu lado e tentou até dormir, apesar de estar excitado com uma violenta ereção, quis respeitar o sono da amada.

Amanhã quem sabe, poeira assentada, o vermelho lavado, o passado esquecido, quem sabe? Abraçou-a como quem quer fundir-se àquele corpo, penetrar em sua alma, fazer um único ser. Afundou o nariz em seus cabelos, aspirou seu cheiro.

Amava-a tanto que enlouquecia...

***(Noticiado no jornal do dia seguinte com o título “Delegado mata casal de amantes e adormece abraçado ao corpo da mulher morta”).***

Tereza abominava aquele gênero de manchetes, achava de mau gosto e fomentava o mau gosto. Ali no enterro da Marília estavam todos os moradores do cortiço. Ela praticava uma espécie de prostituição elegante, ou seja, escolhia os seus clientes, não ia com qualquer um. Era uma pessoa muito humana, cuidava da mãe acamada durante o dia e durante a noite fazia a sua vida profissional prostituindo-se. Era querida por todos lá no cortiço. Concordaram todos em cuidar da sua mãe, não deixariam que a levassem para um asilo de idosos. Aquela comunidade estava se comportando cada vez mais como uma comunidade séria, a solidariedade imperava e respirava-se um ar alegre, de onde antes só existia a tristeza. Tereza passava quase todo o seu pouco tempo de ócio naquela comunidade, apesar de pertencer a uma classe econômica privilegiada. A sua ligação com a mãe estava diluída naquele Alzheimer que cada vez mais se aprofundava. A sua salvação era a ajuda prestimosa da Jussara e da Romana, sem elas não poderia ter vida profissional e própria.

Naquela noite Tereza dispensou a dona Romana e dormiu enroscada com a sua mãe numa tentativa de reverter o parto e voltar ao conforto silencioso do útero. E chorou muito sentindo que a sua gênese estava se findando e que em breve estaria sozinha nesse mundo agressivo.

**CAPÍTULO XXII**

**POEIRAS DO TEMPO**

Manoel morava no primeiro andar, em cima da padaria do cortiço. Perdido em saudades do passado, resolveu ir procurá-lo na zona oeste da cidade.

À procura de tempos idos no turbilhão da vida, percorreu os caminhos de volta à infância, já tão distante, em um esforço de memória, que ia surgindo ao caminhar pelos passos antigos, revolvendo seus rastros limpando a poeira dos anos. Um retrocesso de cinquenta e cinco anos situou-se em um espaço-tempo generoso de quando ele tinha dez anos de idade.

Encontrou a escola primária em escombros, mesmo assim subiu seus degraus de pedra, quase todos no lugar certo, o pátio do refeitório onde o obrigavam a engolir todos os dias uma sopa horrorosa, a sua sala de aula, agora só piso sem paredes, seringas dos drogados pelo chão. Nela teve a primeira grande paixão platônica de sua vida, a sua professora Berenice, que foi a enterrar há cinco anos.

Procurou a antiga casa que ficava ao lado de um pequeno rio, agora dando os últimos suspiros, agonizando em umas pedras, poluído e descaracterizado, irreconhecível mesmo. A casa agora só destroços. Ao lado de um novo prédio onde antes era uma praça com árvores e bancos e uma pequena estátua não se lembrava de quem. Agora um monstro de seis andares imponente e feio.

As ruínas da sua infância, as caras pintadas na parede do seu antigo quarto, que iam subindo de altura conforme a sua idade, ovaladas irregulares, com bocas tortas, vermelhas imitando a boca da sua mãe sempre de batom.

De seu pai nenhuma cara, não fazia parte do seu mundo, ele assim distante, intocável, desnecessário, obsoleto mesmo.

O quarto dos fundos era da sua avó, onde ele passava horas intermináveis no colo dela, enquanto o seu tamanho e peso permitiram, a ouvir histórias intermináveis, que como num livro, continuavam durante dias a fio, num encadear de fatos intricados, aonde personagens iam surgindo, desaparecendo e ressurgindo dias depois, como se estivesse lendo um romance muito grande.

Nunca conheceu mais nenhuma pessoa que conseguisse fazer o mesmo, o livro ia surgindo em sua cabeça, assim oral e sem anotações ela era capaz de compor histórias intricadíssimas com nexo do princípio ao fim e sem esquecer os pormenores que ia construindo.

Morreu quando ele tinha nove anos, com um tumor maligno cerebral que a matou em três meses. Durante muitos anos ele julgou serem os calos das histórias que queimaram os miolos da sua avó.

Morreu a sua fábrica de sonhos, e foram tantos produzidos, que ainda hoje se lembra de alguns, não com todos os pormenores, que os seus miolos não conseguem reter tamanha riqueza de detalhes.

São recordações perdidas no tempo e no espaço, esse espaço em que a voz quase tomba no degrau de uma resposta que deixou de existir. Nela morava seu passado distante, uma nuance anêmica, de lembranças um pouco esquecidas, como uma cidade submersa perdida em curvas do tempo, a ir embora de si mesmo, quase apagada da memória.

Por mais que ele tentasse não conseguia ganhar calos nos miolos.

Desceu a colina com os olhos cheios de passados, tropeçando no presente duro e concreto que se mexia à sua frente. Apanhou o ônibus 135 que o levaria até o cortiço. Uma forte chuva começou tentando lavar e levar para longe as memórias irrequietas que o tornavam triste.

Já ia perdendo a sua força anímica e deixava que a vida presente passasse ao largo, sem o tocar. Assim num estado latente de vida.

Nos últimos tempos andava doente, com dificuldade em urinar.

Lembrou-se da consulta marcada em urologia, há dois meses e apressou o passo, se perdesse, teria que esperar outros dois meses por outra.

O médico sisudo, sem sorrisos nos lábios e com um ar cansado deu o resultado, uma sonda urinária até melhorar para a cirurgia, como um ponto final em uma longa frase difícil de ser escrita.

Todo o resto do dia passou a sua vida em revista, como um filme, mas ao contrário, sem legendas ou som, assim num turbilhão de ideias que vinha em fragmentos, que é como nos surge na memória.

A boca a se movimentar sem sons, mas sem pena de si mesmo. Fatalidade materializada. Naquele dia os movimentos ficaram tolhidos, o abandono de si, dentro de si mesmo, os pensamentos vazios.

Do primeiro andar, por cima da padaria do cortiço apreciava o movimento do bairro em que sempre viveu, um novo bar na esquina (salão de chá como agora se intitulam), o velho e tortuoso trilho de bonde que ainda não foi arrancado, apesar dos bondes,

as saudades…

o som da rua um pouco estridente sem cor, que não tinha muito a ver com ele,

a mercearia do Antônio, o açougue do João e, não podia faltar, a padaria do português, o salão de bilhar mais adiante que nunca mais frequentou, agora antro de crack, e depois a curva que não se pode ver da varanda, um bosque sempre verdejante, o barulho da grama a crescer, ou grilos talvez.

O futuro nebuloso, concretizado em um enorme volume na perna esquerda do saco coletor de urina, o cheiro entranhado de urina na roupa, a insegurança, a vergonha de estar doente, aquele estado deprimente, mantinha-o encerrado no primeiro andar, na varanda vendo a vida a passar e,

trancar os sons na garganta roubando-lhe intimidades

sufocar qualquer outro constrangimento, comovido só um bocado de si, o resto impassível.

Nem mesmo o Carlos que teimava em procurá-lo, emprestando a sua solidariedade e humanidade, conseguia tirá-lo daquela apatia, daquele gueto de fim de vida, encurralado em uma rua sem saída.

Ainda não conseguiu ver qual a finalidade desta vida, o que estaríamos fazendo nela, qual a nossa missão,

Nunca acreditou em missões, coisas predestinadas, vidas traçadas,

ou assim...

Como se o ser humano fosse uma peça de um jogo de xadrez, em que não pudesse escolher a próxima jogada, apenas se moviam as peças conforme estava predestinado,

insano…

Sua mulher partira há mais de vinte anos, incapaz de aturar seu mau gênio, seu mutismo, seu isolamento do mundo e das pessoas. Com ela foi a sua companhia, sua tortura diária e a sua prisão.

Sobreveio certa paz, que lhe fazia falta para completar ainda mais o desligar do mundo, aos poucos, como convém, para ir se assimilando o entardecer da vida, evoluindo na introspecção. Melhor entendimento do mundo seria o lucro com a vida.

Mas mantêm-se todas as perguntas sem respostas, agora de uma maneira não ansiosa, uma maneira calma dos velhos, com aquele olhar sem pressa, com o tempo que lhe resta de vida para saborear as perguntas e mastigar as respostas indigestas, deglutindo algum bocado, o outro cuspindo fora como um bagaço intragável, a espera de melhores resoluções.

Não tem as perspectivas de futuro, que futuro existe no fim da jornada? Um ou dois anos a mais de sofrimentos e solidão?

Passou a última semana pesquisando sobre a eutanásia, já aceita em alguns países e entre nós considerado assunto sequer passível de discussão. Se fosse rico teria um lugar marcado para uma morte digna e sem dores, na Suíça. Toda a sua vida lutou pela democracia na saúde, acesso irrestrito aos melhores cuidados, nunca o conseguiu, agora tem a próxima barreira inultrapassável, o direito de escolher a sua morte, no momento que achar oportuno.

A sacada da varanda convidativa para um mergulho no espaço, um pular para o desconhecido,

um adeus às coisas conhecidas, um chegar mais depressa, adiantando o tempo, onde talvez, só o nada esteja esperando, se fundir com a natureza, na água que é tragada por aquele bueiro, em dias de inverno chuvoso e reconfortante.

**CAPÍTULO XXIII**

**Os anos de chumbo**

O cortiço ganhava vida própria no dia-a-dia. Talvez porque toda a ação era decidida em conjunto. Carlos havia criado a comissão do cortiço, uma espécie de mini república, onde imperava a mais pura democracia. Daquelas que não necessitam de um estado com leis de repressão. O seu governo era feito por decisões conjuntas dos moradores. Todos os problemas comuns eram ali discutidos e analisados ali. O consenso final na resolução das questões era aceito por toda a comunidade, como se se tratasse de um estado anárquico. A anarquia é a forma mais pura de desenvolvimento político de uma sociedade, quando os cidadãos, sem necessitarem de governos ditatoriais, resolvem os seus problemas nas bases e dão resolução a eles. É onde a verdadeira democracia acontece. Foi fundado o “governo do cortiço”, uma metáfora que se contrapunha ao desgoverno do Brasil de então.

Teresa começou com uma série de reportagens onde procurava expor a liberdade democrática do cortiço. Posto daquela maneira, sem indicar onde geograficamente se situava. Assim como se aquele cortiço representasse todos os outros da cidade, ou seja, que se as pessoas quisessem surgiriam muitos outros, até que todo o país se tornasse num grande cortiço democrático. Assim, do particular ao geral, alastrando ideias como uma doença contagiosa, mas uma doença boa, sem doença dentro.

Tereza vagueava em metáforas surreais em seus escritos, tornando-os tão belos que mais pareciam novelas de uma qualidade literária que fugia das regras dos jornais diários da cidade. Tereza transmutava a realidade nua e crua para dentro dos seus cortiços imaginários e realizava uma verdadeira revolução dentro daquelas histórias com gente dentro. Mostrava que os problemas sociais podem ser resolvidos com organização, desde que a fome dos capitalistas não destruísse a estrutura curativa.

Todo esse trabalho de criação de vida melhor para os moradores e de criação literária da Tereza e do engajamento do Carlos, que esbanjava solidariedade pelos poros, foi fatidicamente ensombrado pelos acontecimentos políticos do dia 31 de março de 1964 que culminou logo no dia seguinte como o golpe militar de 1964, depressa apelido pela direita de Revolução de 1964, ocasião em que foi deposto o presidente João Goulart e instaurado um governo militar opressivo. O golpe estabeleceu um regime alinhado politicamente aos [Estados Unidos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos) e acarretou profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. Teve o apoio de todo o conservadorismo brasileiro e do clero mais reacionário e também da igreja protestante e outras organizações de direita da sociedade civil, com o temor de que o Brasil se tornasse numa república comunista semelhante a Cuba.

Após a falha do “[Plano Trienal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Trienal)” do governo de João Goulart para estabilizar a economia, seguido da acentuação do discurso de medidas vistas como comunistas na época, as quais incluíam a [reforma agrária](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reforma_agr%C3%A1ria) e a reforma urbana. Naquela altura, falar em pobreza, distribuição de renda e saúde significava ser tachado de comunista, mesmo quando não fosse o caso.

No dia 13 de março daquele ano, data da realização de comício em frente à [Estação Central do Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esta%C3%A7%C3%A3o_Central_do_Brasil), no Rio de Janeiro, perante trezentas mil pessoas, Jango decreta a nacionalização das refinarias privadas de petróleo e desapropriação, segundo ele para a reforma agrária, de propriedades às margens de ferrovias, rodovias e zonas de irrigação de açudes públicos. Desencadeou-se uma crise no país, com a economia já desordenada e o panorama político confuso. A oposição militar veio à tona para impedir que tais reformas se consolidassem, impondo o que consideravam manutenção da [legalidade](http://pt.wikipedia.org/wiki/Legalidade) e da restauração da ordem.

Por isso, e pela falta de mobilização das camadas populares da sociedade, a extensa maioria dos críticos do movimento de 1964 qualifica-o como um golpe de estado. Mesmo para uma parte dos militares, a começar pelo ex-presidente Geisel, também é claro que não houve uma revolução, mas um movimento "contra" alguma coisa (corrupção, subversão da ordem, etc.). Para outras lideranças militares, a definição mais adequada para o movimento de 1964 seria a de uma [contrarrevolução](http://pt.wikipedia.org/wiki/Contrarrevolu%C3%A7%C3%A3o).

No fim da década de 70, foi implantada a Lei de Segurança Nacional, justificada pela necessidade de manter a estabilidade política e a segurança interna, no sentido de evitar a influência de ideologias de [esquerda](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_pol%C3%ADtica) em um mundo dividido pela Guerra Fria.

Além da limitação da liberdade de opinião e expressão, de imprensa e organização, naquela época tornaram-se comuns as prisões, os interrogatórios e a tortura daqueles considerados suspeitos de oposição ao regime, comunistas ou simpatizantes, sobretudo estudantes, jornalistas e professores. Além das prisões, estima-se que cerca de trezentos dissidentes perderam a vida. Segundo a versão defendida pelos militares, a maioria dessas mortes teria ocorrido em combate com as Forças Armadas. Entretanto, os grupos de defesa dos direitos humanos e organizações de sobreviventes da ditadura militar, estimam que este número seja muito maior.

O Comando de Caça aos Comunistas executou uma série de ataques. Invadiram o Teatro Ruth Escobar em S. Paulo e espancaram o elenco do espetáculo Roda Viva. Fizeram um atentado à bomba no Teatro Opinião no Rio de Janeiro. Sua maior ação ocorreu em S, Paulo com a batalha da Maia Antônia ou guerra da Rua Maria Antônia, com violentos confrontos entre os alunos da Faculdade de Filosofia da USP, considerado como um reduto de esquerda e a Universidade Presbiteriana Mackenzie reduto da direita.

A partir da Operação Bandeirantes, surge o famigerado DOI-CODI (destacamento de operações de informações- centro de operações de defesa interna) em 2/7/69 na Rua Tutóia no Bairro do Paraíso, cujas funções abrangiam a análise de informações, a coordenação dos diversos órgãos militares e o planejamento estratégico do combate aos grupos de esquerda. Os DOI eram comandados por [majores](http://pt.wikipedia.org/wiki/Major) de [infantaria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Infantaria) do [Exército](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ex%C3%A9rcito) e, além de militares das três [Forças Armadas](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=For%C3%A7as_Armadas_Brasileiras&action=edit&redlink=1), reuniam integrantes das polícias militares estaduais e das polícias civis.

O jornalista Vladimir Herzog, atendendo a uma convocação do II Exército para prestar esclarecimentos, dirigiu-se por seus próprios meios ao DOI-CODI aonde viria a ser posteriormente torturado e assassinado.

Tereza começou a sentir-se acuada perante tanta violência. Seus textos começaram a ser censurados. Começou a aprender a escrever textos com palavras subentendidas nas entrelinhas. Mas tinha dúvidas se a sua mensagem seria entendida pelo povo que era o seu principal objetivo. Não lhe bastava ser entendida pelos intelectuais. Assim sentia falta da gente sofrida.

Tereza foi chamada para declarações no COI-CODI e sentiu na carne a pressão dos esbirros da repressão. Não foi torturada fisicamente, mas foi espancada moralmente, insultada de puta comunista e outros dizeres baixos, todos proferidos com ódio. Tremeu nos alicerces quando lhe disseram que se continuasse iria se arrepender de ter nascido.

Os “anos de chumbo” estavam acabando com a frágil democracia brasileira. O certo, é que só algumas camadas mais esclarecidas da população tinham tomado posição contra aquele estado maléfico de opressão. A maioria continuava a sua vidinha vendo novelas tipo “Dancing days”, vivendo suas vidas, tentando sobreviver. A minoria engajada na política estava sendo dizimada nos corredores da tortura.

Começaram por prender as pessoas em seu ambiente de trabalho, como aconteceu com Manuel Filho, preso na fábrica onde trabalhava (a Metal Arte), por agentes do DOI-CODI, que se diziam funcionários da prefeitura, sob a acusação de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro. No dia seguinte emitiram uma nota oficial dizendo que ele havia se enforcado com as próprias meias. No seu corpo havia sinais evidentes de torturas com hematomas generalizados.

Às 22 horas do dia seguinte, um homem desconhecido parou em frente à casa da mulher do Manuel e perante os filhos jogou na alçada um saco de lixo, dizendo:

- O Manuel suicidou-se. Aqui estão as suas roupas.

A mulher começou a gritar:

- Vocês o mataram!

Num documento encontrado nos arquivos do DOPS/SP o crime do operário foi o de estar na posse do jornal Voz Operária, órgão oficial do PCB.

Só entregaram o corpo à família com a condição que o sepultassem rapidamente e que nada se falasse sobre a sua morte.

**CAPÍTULO XXIV**

**Relembranças**

Vasco tinha por volta de quarenta anos e morava sozinho no cortiço. Seu filho Felipe havia saído de casa há dois anos, quando resolveu enveredar por “caminhos nunca dantes navegados” e soçobrava no mundo das drogas lá para o lado da cidade do Recife, segundo as últimas notícias que o Vasco teve.

Vasco teve também o seu mundo acabado de luzes, vivia assim num escuro perene e se não fosse a ajuda dos vizinhos do cortiço, já teria desistido de viver.

Naquele dia fazia anos que a mulher dele, o tinha abandonado envolta na obscuridade da morte. Tereza sabia disso e veio fazer companhia a ele, trouxe uma pizza para almoçar e um vinho tinto português que sabia que adorava. Tereza havia ficado sua amiga quando ele confidenciou a sua vida e permitiu que ela publicasse no jornal a sua história de amor. Essa história comoveu inúmeros leitores e deu início a uma série de publicações de “histórias com gente dentro”, como ela as intitulou. Mais tarde Tereza as reuniu numa coletânea e publicou com aquele título. Foi um sucesso editorial enorme.

Vasco sabia que Tereza iria aparecer naquele dia e presenteou-a com um manuscrito que ele tinha escrito e que ainda não tinha tido a coragem de lhe mostrar. Já estava velho e tinha marcas de frequentes dobras do manuseio constante.

Quando acabaram o almoço, Vasco pediu a Tereza que lesse o texto para ele, como só ela sabia fazê-lo. Vasco havia escrito na terceira pessoa, tentando ter um distanciamento da história, mas não quis mudar o nome do protagonista.

Primeiro ela fez uma leitura silenciosa e com voz embargada começou:

“A luz filtrada pelo vitral lateral direito da igreja, incidia, como fios de luz e pó sobre o caixão e sobre as pessoas mais próximas dele. Aquela trama de luz e pó parecia manter em suspensão o caixão, assim mais leve que o ar. Vasco tentou sentir o seu perfume, aspirou com força, como quem procura alívio, mas só sentiu um cheiro forte a velas e incenso. Leila já sem cheiro. Inebriado de sono pela última noite sem dormir a velar o corpo dela, Vasco sentiu que estava mais pobre, mais depauperado, mais só.

Não ouviu as palavras que o padre proferiu em sua homilia, estava longe dali, em Arraial do Cabo, onde conheceu Leila, dona de um brilho eterno no olhar, de um sorriso onde só mostrava metade dos dentes, assim meio puxado para a esquerda. Não tinha tido nenhuma paralisia facial, era o seu charme, além da covinha na bochecha. Ali se encerravam os seus predicados físicos, ela não era propriamente uma mulher bonita, mas todos se rendiam à sua inteligência e ao seu humor. Fora uma paixão avassaladora e intempestiva porque Vasco estava noivo e de casamento marcado com outra mulher.

Mas resolveram viver aquele amor, para ver se ele resistia a tanta contrariedade. Não só resistiu, como tomou conta de Vasco, que desmarcou casamento e mudou-se para Arraial do Cabo.

Depressa conseguiu transferência para os correios naquela cidade, onde sempre trabalhou. Mais rapidamente se casou com Leila, já grávida. Seu filho nasceu após três meses do casamento e ela deu a ele o nome de Felipe.

Vasco, incapaz por natureza e atitude, escondia-se como podia dos contatos emergentes, buscando sempre o isolamento dentro de si. De hábitos espirituais com práticas ascéticas, incluindo o martírio físico, Vasco foi modificando à sua maneira de ser, levado, sobretudo pelo Felipe, que entrou na sua vida assim como um raio de luz muito forte, cegando comportamentos passados, renovando seus pensares.

Sua ligação com a Leila se fortaleceu e passaram a ser assim um triunvirato familiar a pensar em uníssono, aproveitando todos os momentos da vida, como se ela fosse acabar no segundo seguinte.

Vasco era um marrano, ou seja, um cristão novo como se chamava antigamente, renegou sua família judia e entregou-se ao cristianismo, daí o seu exagero na prática daquela religião.

O Felipe chegou a esse mundo para acabar com os exageros do seu pai, colocando a forma simples de pensar das crianças, no quotidiano da vida dos três.

Vasco sentiu ter descido à terra, livrando-se de vez dos pensares transcendentais extraterrenos. Agora pés bem assentados no chão nosso de cada dia, Vasco lamentou o tempo perdido no culto do oculto. E passou de um polo a outro, só entrando em igrejas para contemplar obras de arte, recusando-se a batizar o filho, dizendo com voz resoluta:

- Se ele quiser seguir alguma religião, que o faça com a consciência de um adulto. Não vou prender meu filho, a qualquer religião. Será livre como o vento para escolher alguma ou nenhuma.

Começou a se interessar pela política, justamente quando sentiu a falta de liberdade imposta com a aplicação do AI 5 no Brasil, calando todas as vozes opositoras com um regime duro e cheio de violência, que ceifava vidas e subtraía do convívio social, todas as vozes discordantes.

Foi preso por liderar uma greve nos correios e sujeito a tortura física e psíquica. Quando retornou veio mais revoltado que nunca.

Mas aquietou-se com a notícia da doença de Leila. Um câncer da mama tinha apanhado de surpresa toda a família. Seguiu-se a cirurgia com ablação da mama e quimioterapia. Seis meses depois, apareceram metástases em três vértebras, foco de intensas dores. Daí para frente foi um desfilar de dores, agravamento da doença, até que Leila ficou acamada à espera do seu momento final.

Em fins do outubro, quando Vasco chegou em casa, encontrou Leila com um calmo sorriso sem assimetria nos lábios. No toca fitas tocava Mahler. Foi quando chegou o Felipe vindo da escola. Vasco colocou-o ao colo, como há muito não fazia e abraçado a ele disse-lhe,

- Morreu, sua mãe morreu...”

Tereza pediu permissão a ele, para publicar o texto no seu jornal, mas Vasco disse que o compôs só para ela, para que ficasse como uma lembrança sua.

Vasco desapareceu do cortiço no dia seguinte. Foi atrás do rastro do seu filho. Iria tentar resgatá-lo para a vida, tal qual Felipe, fez consigo quando criança. Levou junto o resto de forças anímicas que tinha sobrado da sua vida. Iria precisar dela naquela empreitada difícil que é tirar o vício de quem não quer deixá-lo.

Tereza escreveu sobre ele, louvando a sua atitude, tentando arrastar outros pais para percursos semelhantes. Dali brotou uma série de reportagens de pais que deram o seu testemunho sobre o calvário das drogas.

Infelizmente, quando Tereza trouxe à luz a incompetência dos serviços de saúde pública na resolução dessa verdadeira catástrofe social que é o mundo das drogas, teve seus textos cortados de tal maneira que ficaram incompreensíveis. Seu chefe de redação acabou por proibir que ela escrevesse mais sobre aquele assunto, pois como responsável pela edição, já tinha sido chamado ao DOI-CODI e foi ameaçado.

Mais um problema social proscrito pela censura...

**CAPÍTULO XXV**

**O espectro de Jussara**

Após aqueles assassinatos do jornalista Vladimir Herzog e do Manuel Filho, Carlos começou a ter um pouco mais de cuidado, tinha sido ele quem deu ao Manuel o exemplar da Voz Operária. Começou a temer pela vida das pessoas que conviviam com ele e com base nisso pediu à Jussara que saísse do cortiço e se refugiasse na casa da Tereza.

Apesar da Teresa também estar sob a mira da repressão, Carlos achava que eles não iriam prender a cuidadora de uma idosa acamada. Foi difícil convencer a Jussara a sair de sua casa, abandonar o cortiço onde tanto havia aprendido como ser humano. Aprendeu principalmente a respeitar os seres humanos, dando-lhes a sua solidariedade e recebendo em troca verdades palpáveis.

- Carlos, saio daqui somente pela segurança do Josué, mas vou ficar fora só enquanto todo esse estado de coisas permanecer. Essa onda de violência do governo é tão imoral que não pode durar muito.

Jussara saiu mesmo a tempo, porque a sua existência não estava ligada à do Carlos nos registros do DOI-CODI. Havia notícias do aumento da repressão, passavam boca-a-boca histórias perversas de assassinatos, desaparecimentos e prisões em massa. Aquele fim de tarde prenunciava chuva e, apesar do lusco-fusco, podiam ver nuvens pretas carregadas, com céu plúmbeo. Carlos levava nos ombros todo o peso da vida e aquela ionização do ar fazia doer a sua cabeça. Traçava caminhos sempre diferentes quando ia para alguma reunião, se desviando dos olhos dos muros nada fiéis ao que viam, dobrava em esquinas improváveis, duplicando por vezes o tamanho do seu trajeto, por vezes entrava em bares sórdidos e pedia uma cachaça, quase sem nunca a ingerir, outras vezes fazia o caminho de volta como se estivesse voltando e depois percorria outros caminhos, até que tivesse certeza que não estava sendo seguido. Nunca acreditou em premonições, mas a sua vontade era de não comparecer àquela reunião. Mas, sempre cumpridor dos compromissos, obrigou o seu corpo a comparecer.

Naquele dezembro de 1976 aconteceu o que ficou conhecido como a “Chacina da Lapa” ou o “Massacre da Lapa”, que foi uma operação do exército junto ao comitê central do PCdoB na Rua Pio XI, nº 767 no Bairro da Lapa em S. Paulo, que culminou com a morte de três dirigentes do partido que então era clandestino por força do AI5. Mais cinco integrantes do partido foram presos e torturados.

Carlos foi apanhado na sede do partido. Não sofreu torturas ou interrogatórios. Enfiaram-lhe o cano dum revólver na boca e puxaram o gatilho.

- Para que nunca mais fale, seu filho da puta! - disse o militar, antes de puxar o gatilho e com um sorriso nos lábios.

Seu cérebro ficou espalhado no encosto da cadeira e no teto, formando uma figura assim de arraste em que a parte mais proximal tinha bocados de seu cérebro e sangue e a parte do teto ficou pintada de um vermelho desmaiado como nas aguadas das aquarelas.

Ficou um cheiro estranho no ar, assim como o cheiro da liberdade interrompida.

Os outros dois camaradas foram arrastados até o compartimento que servia de despensa da casa e ali foram mortos, todos com uma bala na cabeça.

Desapareceram com os corpos. Uma testemunha que não quis ser identificada, fez chegar essa informação aos jornais.

Tereza andou rondando a Jussara tentando encontrar a melhor maneira de contar sobre o assassinato do Carlos. A família não teve direito de realizar o enterro, tudo foi abafado até esse ponto, desapareceram com o corpo. Consta-se que foram enterrados como indigentes, outras versões apontavam que aqueles corpos foram atirados de aviões no alto mar.

Jussara caiu em depressão reativa, negava-se a comer, ignorava o Josué e Teresa resolveu tirar férias para cuidar da amiga e da mãe. Seguiu-se um período negro na vida da Jussara. Não podia aceitar como puderam matar uma pessoa cujo único crime era estar do lado do povo sofredor.

- Que governo era aquele? - jogava palavras aos quatro ventos, tinha crises convulsivas de choro.

Josué não queria afastar-se da mãe nem para ir à escola. Mas Tereza indo buscar forças anímicas em seu interior, fazia com que a vida seguisse o seu curso normal. Adquirira o hábito de dormir enroscada na mãe, como quem pede asilo. Romana agora também vivia quase exclusivamente para aquela família, dando o apoio que conseguia dar.

Aos poucos as fases do luto foram sendo ultrapassadas e Jussara começou a reagir, voltando a cuidar da dona Eurídice e do seu filho. Já algum sorriso se esboçava nos lábios do Josué. Já conseguia conversar normalmente com sua mãe, resgatando assim o seu mundo próprio. A paz começou a habitar a casa. Mas a Jussara ainda se recusava a sair, não conseguia enfrentar um mundo que havia sido tão cruel com as pessoas que amava. Endurecida, tornou-se descrente das pessoas. O seu mundo passara a ser somente as pessoas com quem convivia. O mundo dentro de portas. Nele começou a construir outro mundo onde as inconstâncias habitavam. Nunca mais falou sobre o Carlos e deixou de se lamentar. Colocou um sorriso metálico na boca, assim aqueles perenes das bonecas antigas de louça. A apatia começou a dominar o seu mundo, reagia como uma máquina programada, executando sempre as mesmas tarefas sem nada inovar. Até Josué aprendeu a lidar com a nova mãe em uma compreensão que surpreendeu a todos, como na aceitação da vida que lhe foi predestinada. Aceitava tudo que era dito a ele, numa anulação de aspirações próprias.

Passou a dormir agarrado à mãe, tal qual a dona Teresa fazia com a sua. A ele bastava ter o tato e o cheiro da mãe, como os cachorrinhos, que se aquietam quando se aconchegam às suas mães.

Teresa aos poucos, voltou ao trabalho, mas só a meio gás. Assustava-a o comportamento da Jussara. Teria desencadeado nela algum tipo de esquizofrenia? Seria a sua maneira de reagir?

Teria que pensar numa maneira de levá-la a uma consulta de psiquiatria.

Jussara tornara-se um abjeto que reagia sem vontade própria...

**CAPÍTULO XXVI**

**A sublimação de Tereza**

Tereza andava tão revoltada que já não conseguia aturar algumas de suas colegas jornalistas, onde toda aquela repressão política lhes passava ao largo.

Aos convites de:

-Tereza abriu uma boate nova do gênero “Dancing Days” que é um sucesso. Bora lá curtir a noite?

A que Tereza respondia:

- Só se for para comemorar o assassinato dos democratas mortos que você nem sabe os nomes, nessa sua alienação da vida! – dizia sem sequer olhar para a colega, como quem dialoga com seres transparentes de pensares.

Tereza começou a ficar isolada no jornal, ninguém estava para aturar a sua acidez.

Foi à custa dessa demarcação política no jornal, que aconteceu a sua segunda prisão política. Na sede do DOI-CODI desta vez foram brutais. Quase não lhe perguntaram nada, eles agora estavam utilizando esse método, se já conheciam politicamente o preso, pura e simplesmente desciam a porrada.

Tereza desta vez esteve dois dias presa e foi jogada num lixão a céu aberto na periferia da cidade, com hematomas na face e dois dentes partidos. Foi socorrida pela Bebete, uma favelada, catadora de lixo, que foi testemunha daquela “desova”. Bebete a levou para o seu barraco e cuidou dela até que recuperasse as forças.

Dois dias após, Tereza retornou para casa e escreveu a mais bela história de sempre, em que Bebete figurava como um anjo negro de asas brancas, mostrando ao mundo que a cor das pessoas só distingue a pele, todo resto está coberto de humanidade, quando ela existe, em um grito contra o racismo e à opressão política.

Tereza mergulhou de cabeça em crônicas ácidas dirigidas aos esbirros da repressão. As que não conseguia publicar no seu jornal, publicava no jornal do sindicato. Até aquele jornal foi proibido e foi também proibido todo direito à associação e reunião. A política repressiva estendia as suas garras a qualquer voz pensante do país.

Muitas vezes chegava ao jornal e não havia trabalho destinado a ela. A sua coluna diária foi suspensa até nova ordem. Tereza recebeu o aviso prévio, com uma nota da diretoria de que não precisava mais voltar, iria receber o aviso prévio sem trabalhar. A chefia temia a sua presença comprometedora. A qualidade do diário caiu verticalmente, permanecendo apenas, aqueles jornalistas que escreviam com açúcar, melando toda a porcaria social.

- Chefe, vou embora com prazer, este jornal não serve mais nem para limpar a bunda. – disse a Tereza com lágrimas nos olhos e batendo a porta.

Tereza foi assassinada pelo CCC e seu corpo foi abandonado no mesmo lixão de quando foi presa pela última vez, mostrando que afinal as pessoas do CCC eram as mesmas que os do DOI-CODI, tomando nomes diferentes conforme a necessidade.

Foi encontrada outra vez pela Bebete, que sabia onde ela morava e levou a notícia, impedindo assim que as ratazanas e os cachorros vadios devorassem o seu corpo.

Tereza teve direito a um enterro decente. O corpo foi velado na capela do bairro do cortiço. Além dos moradores, um mar de gente compareceu.

Todos usavam uma fita vermelha amarrada no braço e uma mordaça na boca.

Jussara saiu do seu degredo para velar a amiga. Reviu os amigos do cortiço. Foi um enterro cheio de emoções, com pessoas declamando as poesias da Tereza. Em vez de flores dentro do caixão, tudo estava coberto pelos seus escritos.

O padre foi escolhido a dedo e enalteceu a característica humanista da falecida.

Antes do enterro cantou-se a Internacional, com punhos cerrados e erguidos. Houve quem jurasse que viu o espírito de Tereza se elevando do corpo durante essa manifestação musical de solidariedade e que levava na boca um enorme sorriso e o punho direito erguido em sinal de luta.

Dentro da igreja, os esbirros fotografavam as pessoas que julgavam suspeitas.

Dois dias depois do enterro da Tereza, o padre foi preso e desapareceu de vez daquela capela, sendo o seu destino desconhecido.

Matilde a amiga da Tereza ficou sendo a tutora legal da dona Eurídice e começou a governar a casa, incumbindo-se da parte financeira das despesas.

Dona Eurídice, mesmo sendo contra a natureza, sobreviveu à filha.

**CAPÍTULO XXVII**

**A morte do cortiço**

Jussara depois do enterro da Tereza, nunca mais saiu de casa, bastava a ela, a companhia de Josué e de Romana, de quem havia se tornado muito amiga.

Não se passaram seis meses da morte de Teresa e outra notícia perturbou os espíritos do povo do cortiço.

Foi emitida uma ação de despejo coletiva a todos os moradores do cortiço. Segundo os esbirros o local era um foco de esquerdistas e de comunistas. E como quem dizima ratos que infestam um ambiente qualquer, foram expulsos e suas coisas, tais como móveis, roupas e o conteúdo das casas foram postos em caminhões do exército e despejados fora da cidade. O lugar foi lacrado e quem se atrevesse a voltar seria preso. Cento e vinte e três almas, entre crianças, idosos e doentes foram levados para o tal lugar onde despejaram o conteúdo das casas.

Jussara acedeu a sair de casa para prestar apoio às pessoas suas amigas. Mas nada pode fazer senão emprestar solidariedade com a sua presença.

A maioria daqueles moradores era do Nordeste e foi posto à disposição delas, caminhões que levaria a mobília e os seus donos para o seu lugar de origem, em uma concessão especial e humanitária da prefeitura.

Em dois dias acabou-se a república do cortiço.

Passados três dias, a parede exterior inteira do cortiço apareceu pichada com dizeres explicando ao povo o motivo do despejo.

- O governo quer acabar com os pobres!

- Abaixo a repressão militar!

- O povo tem fome!

- Não temos onde morar!

- Abaixo os esbirros da repressão!

Pintaram depressa parede escondendo a verdade, mas muita gente já tinha lido.

No dia seguinte os moradores retornaram e fizeram um protesto, portando cartazes e paralisando o trânsito. A população das cercanias envolveu-se na manifestação e em pouco tempo eram mais de mil pessoas, que vociferavam palavras de ordem. Tiraram o lacre do cortiço e a população invadiu. Naquele momento a polícia de choque invadiu o local e começou a dispersar a multidão com bastões de borracha, não escolhendo em quem dava porrada, crianças, velhos, todos apanharam. Chegou o caminhão com uma mangueira de jato de água e começou literalmente a varrer o povo. Em pouco tempo a multidão foi dispersada.

No dia seguinte o cortiço foi demolido. Não ficou pedra sobre pedra.

O português da padaria foi preso por albergar aquela população. Mas felizmente para ele, não conseguiram provar causa efeito de nada, mas atingiram o seu objetivo, que não fosse apresentada queixa ao tribunal pela destruição do seu patrimônio.

Quem não tivesse conhecido aquele local, jamais imaginaria que ali existiu a mais bela forma de democracia ainda não vivenciada no Brasil. Uma democracia só conhecida nos livros dos poetas democratas, assim pura, isenta da exploração do homem pelo homem.

Conseguiram destruir o local, expulsar as pessoas e apagar qualquer sinal de democracia plena que antes ali existia.

Jussara chorou com a sua gente a morte do cortiço. Tanto trabalho e dedicação foram postos ali para melhorar a vida das pessoas e insensivelmente o governo acabou com tudo.

Passado um mês, já ninguém falava do cortiço, mataram-no e conseguiram colocá-lo no esquecimento público.

Jussara estava aprofundando a sua tristeza e Romana passava os dias com ela na tentativa de levantar a sua moral.

Matilde veio convocar a Jussara para a leitura do testamento de Tereza, no escritório do advogado dela.

Naquela leitura Jussara ficou sabendo que herdaria o apartamento da Tereza quando a dona Eurídice morresse. Foi apanhada de surpresa com aquela dádiva.

Jussara e Romana estavam programando voltar para o nordeste quando a dona Eurídice morresse.

Josué andava de namoro sério e planejava se casar, assim que acabasse o curso de contabilidade que estava fazendo.

As coisas começavam a entrar na calma dos tempos, Jussara só usava as palavras para comunicar alguma coisa que não pudesse calar. Foi como se tivesse feito um voto de silêncio para entrar em comunhão com os seus mortos assassinados. A tristeza habitava os seus olhos e nem o filho conseguia trazê-la de volta.

Jussara era outra pessoa

**CAPÍTULO XXVIII**

**O retorno**

Aquele fim de tarde trazia a calma dos tempos por dentro. Assim como num filme, tudo parecia surreal, não havia realidade concreta, nada de palpável, tudo translúcido, transparente, como fios de pó só visíveis nos raios de luz que passavam por entre as frinchas daquela velha porta que separava Jussara do mundo de fora.

Sentada na cadeira de balanço, sem nada para fazer que fosse inadiável, Jussara remoía o passado recente. Lembrava o passamento de dona Eurídice, que se foi numa manhã fria paulistana. Foi como um passarinho, sem queixas, sem apelos à vida, numa morte bonita que só. Apagou-se, pronto. Jussara banhou o corpo dela, ajudada pela Romana. Ela estava leve como uma alma sem corpo, quando era justamente o contrário.

- Quero ir embora dessa maneira. – comentava Romana.

- É, quem não gostaria de se apagar quando o nosso fogo interior deixa de existir? Quando nem sequer sentimos que estamos vivos? Mas a realidade é que só alguns têm esse privilégio. A maioria das mortes é vivida com dores físicas e psicológicas no medo do fim. Para quase todo mundo é uma hora muito difícil.

Na missa de corpo presente da dona Eurídice, só compareceram três pessoas, a Jussara, a Romana e a Matilde. Eurídice tinha sobrevivido a todos os parentes. Era a última da linhagem. Foi uma missa bonita, calma e rápida. Seu corpo foi cremado, tal como o da filha, em cumprimento aos pedidos do testamento. Suas cinzas foram jogadas ao vento em Campos do Jordão. Suas lembranças em breve seriam apagadas, como acontece aos seres que morrem em idades avançadas.

Jussara ficou com uma foto dela e a guardou como lembrança dos últimos vinte e dois anos de trabalho.

Tomou posse do apartamento e vendeu-o por um ótimo preço. Deu a metade do dinheiro ao Josué, que aplicou na compra de um pequeno apartamento no centro, próximo ao seu trabalho. Ele estava de casamento marcado e Jussara só estava esperando o casório para voltar para a sua terra. Achou que o seu ciclo de vida na capital paulistana estava encerrado, era página virada.

Tinha saudades do Ceará e Romana já tinha encerrado a vida em S. Paulo e vendido o apartamento para ir terminar os dias junto à Jussara. Elas estavam irmanadas pela amizade que firmaram ao longo de todo aquele tempo.

Josué e Rosângela, sua noiva não tinham crenças religiosas e se casaram só no civil, em uma cerimônia simples e sem festa. Estavam no início da vida de casados e não queriam gastar dinheiro que fosse fazer falta no futuro.

Marlene e Benêncio continuavam a trabalhar no restaurante da Fátima que continuava fazendo sucesso. Geraldo, o filho de Marlene, começou a trabalhar com o pai como ajudante de cozinha e estava singrando os passos do pai. Formavam uma família bonita e suave. Nos contatos entre eles, transparecia o amor e eram sempre muito cordatos entre si. Pareciam um único ser.

Foi quando o verão de 1985 foi embora junto com a ditadura militar do Brasil, devolvendo finalmente ao povo a liberdade que tinha tirado, que Jussara resolveu que era hora de voltar para o regaço da terra que a viu nascer. Quis fazer o mesmo trajeto da vinda para S. Paulo e pôde constatar que as benfeitorias nas estradas iam diminuindo conforme ia se aproximando da sua terra, mostrando que pouca coisa havia mudado naquele sertão profundo. Mas seus olhos cheios de saudades iam se enchendo de esperanças de conseguir modificações na sua terra. Ela não estava voltando para curtir um início de velhice antecipada, cerzindo meias. Ia com as saudades nos olhos e com a esperança na alma.

O vírus de Carlos tinha se reproduzido dentro dela. Os planos eram tantos que não cabiam na sua cabeça. Começou a passá-los para o papel em forma de tópicos a serem seguidos, assim como uma tábua de mandamentos.

Foi com emoção que Jussara viu sua terra se “aproximando”, ficando cada vez maior no horizonte, A emoção tomou conta dela naquele dia que amanhecia já com o ar quente e seco.

Era o retornar às origens.

**CAPÍTULO XXIX**

**Cooperativa Carlos Ferreira**

O diagnóstico estava feito. Logo à sua chegada, Jussara constatou que nada havia sido feito naqueles anos todos para colmatar o problema da seca. Tudo estava na mesma. Os mesmos caminhos poeirentos da seca o mesmo ar de abandono do povo. Chão gretado, rio seco. As carnes emagrecidas das gentes, peles enrugadas do sol.

Elegeu esse como o primeiro problema a tentar resolver. Implementou o projeto de poço profundo para abastecer as casas da comunidade. Na cidade mais próxima havia uma empresa que realizava esse trabalho. Fez um levantamento orçamentário para saber preços e quantidade de água que o poço poderia produzir em vinte e quatro horas, a colocação de uma caixa d’água com boia elétrica e a instalação de canalização até as casas das pessoas.

Aquela comunidade tinha oitenta e duas casas, quarenta e nove delas habitadas e uma população fixa de duzentas e três pessoas. Os outros donos das trinta e três casas desabitadas tinham emigrado para o sul.

Aquelas duzentas e três pessoas iriam consumir por volta de dez litros de água por pessoa, o que dava uma média de pouco mais de dois mil litros de água por dia. Um poço daria aquela água por dia. Conseguiu um orçamento vantajoso se fizesse dois poços. O segundo poço seria utilizado para irrigar as terras devolutas do lugar. Para isso tinha um projeto de criação de uma cooperativa agropecuária do povo. Eram terras que não estavam sendo utilizadas para nada. Só metade daquelas pessoas era adulta e foram convocadas para uma reunião na pequena igreja, depois da Jussara ter entusiasmado o padre para ceder o local e comparecer às reuniões, onde seriam explicados os projetos e se tentaria formar a tal cooperativa.

Foi fácil ganhar aderentes para a cooperativa, mesmo porque aqueles seres nada tinham de seu, só tinham a ganhar com aquela experiência. O projeto agropecuário ainda carecia de ser aprofundado nas suas características técnicas e Jussara já tinha marcado uma entrevista com um engenheiro agrônomo na cidade vizinha que com certeza a ajudaria compor o projeto. Depois de abalizado por um engenheiro agrônomo, iria tentar conseguir ajuda da prefeitura do município e bancos.

Jussara cheia de força anímica interior. Tinha incorporado o Carlos dentro de si.

Romana não tinha a força política da Jussara, mas vislumbrou, com o seu poder de observação, que havia um grande potencial nas bordadeiras locais. Formou a cooperativa das bordadeiras. Eram doze mulheres que primavam pelas rendas tipo renascença e de bilros. Ficou acordado de investirem em toalhas de mesa de seis e de oito lugares, fazendo motivos nordestinos. Cada peça contaria um bocado da história da fome e da seca do Nordeste, dando a conhecer a outras gentes, longe daquele mundo, a verdade dos povos excluídos.

Em contato com as doceiras do lugar criou a associação das doceiras, que resolveram escolher as frutas locais e fabricar compotas de umbu, manga, goiaba, maracujá da caatinga, cupuaçu, buriti, caju e pitanga. Na rotulagem das compotas, vinha a descrição do fruto e a descrição da cooperativa das doceiras. Elas faziam todo o trabalho, desde a colheita ao produto final.

Conseguiram um lugarzinho no terceiro andar do restaurante da Fátima, para uma exposição permanente das rendas e das compotas que fez um grande sucesso com a burguesia que procurava produtos exóticos para as suas casas. Era a venda direta ao consumidor, queimando etapas intermediárias que tem o dom de comer todo o lucro.

Romana ficou feliz ao ver as expressões de contentamento daquelas mulheres quando começaram a receber o lucro dos trabalhos sem ter que dar as suas mais valias aos patrões.

Longe estava o tempo que Romana se dedicava aos mortos. Ela agora só vida viva e efervescente, só dádiva.

Via naquelas trabalhadoras a concretização da independência feminina, toda a subjugação da mulher, estava sendo posta de lado e era só vê-las com sorrisos escancarados e brilho nos olhos. Em uma terra em que antes nada acontecia, foi possível transfigurar o lugar. Pairavam no ar novas verdades, assimiladas e absorvidas por elas. Aplicavam todo o lucro conseguido, na melhoria das suas casas. Seus filhos já vestiam roupas melhores para irem para a escola.

Era um projeto bonito, envolvendo o padre, a professora primária e as crianças da comunidade.

Outro problema social mostrava-se aos olhos da Romana. Havia dezoito idosos, seis deles acamados em completo abandono social. Seus filhos emigraram e nunca mais voltaram. Viviam da ajuda que algum vizinho ia dando do pouco que tinha em casa.

Romana realizou um projeto de asilo da terceira idade desprotegida. Não era um asilo fisicamente visível. Melhor dizendo, eram cuidados prestados aos idosos abandonados, nas suas próprias casas. Sensibilizar a comunidade para prestar apoio alimentar e cuidados de higiene, utilizando um fundo das duas cooperativas criado para aquela finalidade.

Foi pedir o apoio financeiro da prefeitura do município. Para isso teve que formalizar a prestação de cuidados de forma legal, para passar recibos à prefeitura e para alguns benfeitores que havia arranjado na cidade.

Romana levava um sorriso perene nos lábios.

Jussara já com o projeto agropecuário na mão conseguiu apoio do Projeto de Apoio à Agricultura Familiar bancário.

O projeto incluía a irrigação de 10 hectares de terras devolutas, onde estava prevista a plantação de milho, mandioca, batata doce, cará, feijão e outros produtos perecíveis, como chuchu, cheiro verde, quiabos, maxixe, jiló e outros vegetais. Tudo voltado para o consumo daquelas famílias, vendendo o excedente na feira do município. Criação de galinhas e produção de ovos, criações de porcos, cabras e algumas vacas leiteiras.

Estava criada no papel a subsistência daquelas famílias. Seria a morte da fome e da subnutrição no lugar.

Seguiu-se todo o alvoroço e entusiasmo da preparação da terra, com um trator usado comprado com os fundos. Em breve o chão improdutivo seria transformado em pão.

Jussara cumpria a planificação e com reuniões periódicas engajava todo o pessoal na resolução dos problemas que iam surgindo, mostrando que inexistiam patrões, eram eles próprios que resolviam seus destinos. Tudo isso, dava força anímica, unia as pessoas. Deu o nome de Carlos Ferreira à cooperativa em homenagem ao seu companheiro assassinado pelos esbirros da repressão. Na primeira reunião oficial da cooperativa, explicou aos componentes quem foi Carlos Ferreira, onde viveu e desenvolveu vários projetos políticos sempre ao lado do povo sofredor e a forma cruel como foi eliminado. Com voz embargada Jussara falou do amor de sua vida, conseguindo uma comunhão de sentimentos que nunca se havia visto no lugar. Por ter tido a coragem de se expor de forma tão sincera às pessoas, Jussara conquistou o lugar de líder político do lugar.

Um ano depois foi eleita a única vereadora por aquelas bandas. Agora já tinham, junto ao município, uma voz que lutaria pelas melhorias locais.

Conseguiu que fosse instalado um posto médico, onde teriam uma enfermeira, e um médico e um dentista duas vezes por semana, o que era suficiente dado o número de habitantes.

A fisionomia do lugar se modificava. O verde tomando conta de espaços anteriormente secos. Os pássaros retornando.

No ano da criação da cooperativa, choveu, como se fora um milagre. Veio em grossas bátegas, o chão fervilhou como se fosse lava a sair das frinchas do chão seco, quando a água penetrava nas gretas da terra esturricada e quente. Lágrimas brotavam nos rostos das gentes.

A chuva não mais se repetiu naquele ano, mas serviu para bendizer os atos humanos, de trabalhos e suores. .

**CAPÍTULO XXX**

**A República do Cortiço**

Matilde resolveu publicar a história do cortiço assim que o Brasil enchia os seus pulmões com lufadas de ar fresco da democracia, enterrados que estavam os “anos de chumbo”, que amordaçaram, torturaram e assassinaram muitos democratas brasileiros e não só.

Reuniu os escritos da Tereza e do Carlos, que estiveram na gênese da “República do Cortiço”. Poder escrever a verdade nua e crua sem os cortes da censura e sem ter medo de ser presa, deixava a mão livre e os pensamentos soltos para pintar o papel com letras verdadeiras como a vida é.

Saiu na primeira página do jornal da Tereza. Cabeçalho em letras grandes e com as fotos da Tereza e uma foto montagem do Carlos que impressionava bastante, ele estava sentado em sua cadeira com as manchas de sangue e cérebro na cadeira e teto, tudo fruto de criação artísticas do fotógrafo, usando fotos do Carlos, pois na realidade só houve uma testemunha ocular do acontecimento. Fizeram uma composição em que a foto dele estava em preto e branco e as manchas de sangue em cores, tirada de baixo para cima. Ficou assim como uma pintura surreal, feita com o propósito de chocar quem a visse. E atingiu esse objetivo.

O jornal teve a tiragem esgotada em pouco tempo e repetiram a reportagem no suplemento literário da semana seguinte.

Reduziu um exemplar a cinzas e deixou que o vento as levasse à procura do Carlos e da Tereza, estivessem eles onde estivessem.

**A REPÚBLICA DO CORTIÇO**

Carlos Ferreira, um sindicalista conhecido na cidade paulistana pelas suas ações, principalmente junto aos operários metalúrgicos da capital e da grande S. Paulo, morava e, um cortiço no centro da cidade. Quando mudou para lá, constatou o verdadeiro caos do lugar. Casas em péssimas condições sanitárias e o conjunto habitacional do cortiço enfermava de infraestruturas. Esgotos a céu aberto, toda a fiação elétrica em péssimas condições.

Toda aquela população do cortiço vivia em pobreza extrema, com desemprego e trabalhos precários combinados.

Carlos conseguiu unir os moradores em torno da possível melhoria das habitações, acionando para isso todos os mecanismos sociais do lugar. Começou pelo saneamento básico das casas, fazendo as ligações à rede de esgoto pública da cidade. Em mutirão os moradores foram recuperando as casas, depois de sensibilizado o proprietário para ceder os materiais de construção.

Irmanados em uma comunidade para atingir a melhoria de vida comum, aqueles seres foram aprendendo que a verdadeira democracia só se obtém quando se vive em comunidade, quando se sente na pele o sofrimento dos outros.

Formaram a “República do Cortiço”, democrática, igualitária, solidária, humana. Uma república restrita ao cortiço, mas que começou a influenciar a vizinhança, e até aos escritores, como a jornalista Tereza Lacerda, que divulgou o cortiço para o público em geral. Enalteceu a democracia interna, levando a que outras comunidades ensaiassem modelos semelhantes.

Carlos Ferreira foi brutalmente assassinado pelos militares do DOI-CODI. Seu corpo não foi entregue aos familiares para o enterro a que tinham direito.

Tereza Lacerda, também teve a vida brutalmente ceifada por aqueles esbirros. Em seu velório, feito na capela próxima ao cortiço fizeram um elogio fúnebre e cantaram a Internacional.

O padre que fez a homilia, pouco tempo depois desapareceu e ninguém sabe até hoje qual foi o seu fim.

O cortiço foi desocupado pela violência militar e destruído para que os seus moradores não retornassem ao local.

O dono daquele espaço impediu que se reerguessem novas casas. Ficou exatamente como a repressão militar havia deixado, com destroços para todo lado.

Quando a democracia livre começou a ocupar os corações, aquele lugar era visitado por inúmeras pessoas, como quem visita os escombros do nazismo, para lembrar como a liberdade democrática é importante.

No dia em que essa reportagem foi publicada, já não existiam escombros para serem visitados, o dono deles morreu e seus descendentes o venderam. No lugar surgiu um centro comercial próspero, apagando a memória do horror da repressão militar.

Ficam essas letras para lembrar que debaixo da horrível repressão militar, houve quem ousasse em erigir uma “república” democrática onde só valia o valor das pessoas, a sua livre organização, a liberdade de opinião e o associativismo.

Mataram o lugar físico, mas a semente da democracia plena, plantada no íntimo de cada ser que ali vivenciou a liberdade, ficou e frutificou na maioria das vezes.

Cada “corticeiro”, como com orgulho se auto intitulavam os antigos moradores, propagandeou a democracia aos sete ventos para onde seus pés levaram os seus corpos.

**CAPÍTULO XXXI**

**A justiceira**

Jussara foi indicada para ser candidata a prefeita do município. Ela nunca teve aspirações ao poder político.

Ela cedeu ao chamamento popular e concordou com a candidatura. Mas só depois que foram aceites as suas condições. E elas eram a completa independência partidária, Jussara queria se sentir livre dentro das suas opiniões políticas. Não queria se reger por amarras partidárias.

Ela chegou à política, trazida por pensamentos humanitários e assim queria se manter. Suas condições foram aceitas porque todos sabiam que era uma candidatura muito forte e que tinha todas as chances de ganhar a prefeitura naquele município.

Não deixou que manipulassem os seus discursos, ou a sua conversa com o povo, como ela preferia chamar aqueles atos.

Exigiu que não houvesse uma campanha com gastos desnecessários, achava que o povo teria que ser ganho pela justeza das suas palavras e pelo julgamento dos seus atos como vereadora. E aí ela já marcava inúmeros pontos. Era falada em toda a região como a melhor vereadora que havia aparecido por ali. Suas promessas foram concretizadas e não havia tirado nenhum proveito econômico para si própria. Todo mundo podia constatar isso.

Sua bandeira era a honestidade, contra a corrupção, contra o coronelismo vigente no sertão profundo. Os donos das terras sempre foram os donos da política. Jussara pretendia quebrar o círculo vicioso, queria primar pela diferença. Era a primeira mulher que se atrevia a se candidatar no sertão. Não havia memória de alguma prefeita eleita naquelas bandas.

Jussara queria uma campanha sem brilhos, que se aproximasse do povo sofredor. Queria quebrar a compra de votos, queria chegar ao coração das pessoas apenas com os seus argumentos.

Em qualquer lugar seria impensável ganhar uma eleição com aquelas premissas. Com a Jussara seria possível. Era a mulher mais falada da região, mesmo antes de lançar a sua candidatura.

Projetou suas aspirações em um futuro de vida melhor para o povo, queria tirar da miséria aquela população, lançando bolsas de emprego, ocupando terras devolutas, irrigando-as, tornando-as produtivas.

Jussara parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, do gênero de percorrer uma feira popular pela manhã, almoçar na cantina de escolas junto com os estudantes, percorrer os bairros mais pobres no período da tarde, lançando a sua voz insubmissa, e ao entardecer estar na volta dos trabalhos do campo junto com os camponeses e à noite fazer comícios e cantar com o povo.

Jussara era uma luz muito forte a incendiar o Nordeste, nunca ninguém tinha visto nada igual.

Tirar o leite e o mel das pedras. Transformar todo aquele estado de coisas que se arrastava desde sempre. Tudo com medidas simples de trabalho.

Bradar ao governo central uma solução para a seca perene. Exigir que se fizessem atos concretos, os ouvidos do povo estavam entupidos de tanta merda falaciosa.

Em sua campanha, Jussara deslocava-se, junto com a sua comitiva, em um velho caminhão de carroceria aberta. Ali era o seu palanque, onde “botava” a sua palavra, onde conseguia arrastar verdadeiras multidões para ouvir as suas verdades.

No final do comício, era hora do sanfoneiro e da zabumba comandarem a noite de forró, trazendo alegria para festejar o futuro, como se ele já estivesse concretizado no presente.

Jussara balançou todo o sertão com os seus comícios, vinham pessoas de outros municípios, que não seriam votantes dela, só para sentirem a sua aura de esperança.

Jussara também balançou a confiança que os donos do poder tinham nas suas próprias candidaturas. O principal partido oponente da Jussara começou a tremer nas bases. Reuniões para traçar estratégias de destruir a candidatura dela foram postos em execução. Primeiro ensaiaram uma série de calúnias pessoais, dizendo que era uma lésbica, que queria ocupar o lugar que era tradicionalmente dos homens, que o lugar das mulheres era em casa cuidando da família e na igreja rezando.

Isso balançou um pouco a sua campanha. Mas veio o Josué de S. Paulo, para participar nas suas campanhas, mostrando que ela era uma viúva e tinha um filho, derrotando pela base aquele complô.

Jussara foi brindada em plena campanha eleitoral com a participação de dois mestres do forró, Dominguinhos e Luís Gonzaga, que estavam na região e souberam daquela candidatura que estava mexendo com todo sertão profundo. Vieram emprestar solidariedade à sua campanha política. Isso colocou Jussara como a mais forte candidata. Sua ascensão era meteórica.

O plano B dos coronéis, não trazia novidade nenhuma. Começou a se desenhar uma série de ameaças físicas à candidata se ela não desistisse da candidatura. Quando isso foi denunciado, aumentou ainda mais as intenções de voto na candidata.

- Quando uma ameaça não surte o efeito desejado, quando o alvo ignora o poder, só resta concretizá-la. - Disse o chefe político, coronel Alberto, o político mais rico daqueles lugares.

Começaram a planejar a concretização da ameaça e teria que ser antes das eleições.

- Assim o povo vai ficar sabendo quem manda por aqui. – afirmou sem dar margens para mais discussões.

Jussara completamente transfigurada em justiceira do nordeste profundo e abandonado, pedindo ao povo que fizesse uma escolha com cuidado e que não vendesse o seu voto, bradando ao povo, com a força de uma montanha inexpugnável, e, lembrando a constituição de 1988, que todo poder emana do povo e em seu nome será exercido...

- Uma tocaia infalível, na curva do umbuzeiro...

Jussara era uma voz cheia de força e esperança, lançada aos ventos secos daquele mundo sem esperança nenhuma. Era uma força que brotava do seu íntimo, que tinha luz própria, Jussara bicho social político, Jussara povo...

- Dois atiradores com fuzis em cada lado da rua...

. É o povo que determina o poder. Está em suas mãos escolher o seu representante, com liberdade, sem medos...- bradava aos ventos, para quem quisesse ouvir.

- É para matar tudo que respira, acabar com a raça desses comunistas...

Penúltimo dia de eleições. Jussara estava esgotada, mas feliz. Via o povo sorrir quando ela dizia a eles, da sua verdade. Sentia-se que verdadeiramente tinha tocado as suas almas...

- Na rua esburacada, na curva do umbuzeiro a marcha vai ser lenta...

Jussara, cabelos ao vento, sorria e observava o horizonte livre de amarras e de fronteiras...

- O primeiro alvo é aquela filha-da-puta...

Jussara trazia uma bandeira vermelha a flamular ao vento, visionava o umbu a remexer as suas folhas, como quem chama ou aplaude...

- Depois é tocar fogo em tudo...

Os cheiros diferentes no ar, Josué em seu riso ainda infantil, ajeitava o cabelo que brincava ao vento, o horizonte a tomar a cor vermelha do sol poente, o vestido da Jussara tomando a cor do horizonte, aquela cor a pintar todos os seus correligionários,

Rapidamente, a tomar conta de tudo...

Depois um silêncio enorme invadiu o ar, uma mudez de bocas a simularem sons inaudíveis, trejeitos de caras contorcidas.

Rapidamente, a tomar conta de tudo...